Tsrunni Manxinerune Hinkakle Pirana

História dos Antigos Manchineri

Organização do Povo Indígen Manchineri do Rio Iaco
Comissão Pró-Índio do Acre

Tsrunni Manxinerune Hinkakle Pirana

História dos Antigos Manchineri

Organização do Povo Indígen Manchineri do Rio Iaco
Comissão Pró-Índio do Acre

Ficha catalografica

Direitos Autoriais
Manxinerune hiwekatshine hipnatshinni Kajpaha hajene
(Velhos vivos e mortos manchineri do rio Yaco)
Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene - MAPKAHA
(Organização do Povo Indígena Manchineri do Rio Iaco)

Escritores e pesquisadores Manchineri
Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri
Antônio Ksajiru Gerônimo Manchineri
José Tsutso Samarrã Manchineri
João Popi Sebastião Manchineri
Lucas Pohto Artur Brasil Manchineri
Manoel Shipre Monteiro Souza Manchineri
Deusimar Kashi Augusto Brasil Manchineri
Edilson Haji Brasil Augusto Manchineri
Leandro Xipraxi Salomão Manchineri
Arnaldo Pite Sebastião Lauriano Manchineri
Samuel Tshotsharem Silva Augusto Manchineri
Eugle Kopupu Alves Artur Manchineri
Lazaro Pele Artur Brasil Manchineri
Artur Kalo Salomão Brasil Manchineri

Narradores Manchineri
Joana Benjamim Manchineri
Luis Brasil Manchineri
Creuza Napoleão Manchineri
José Barrão Sebastião Manchineri
Gondim Augusto Manchineri
Francisca Monteza Manchineri
Vitoria Gaspar Manchineri
Clotilda Maimara Manchineri
José Cabral Manchineri
José Avelino de Souza Manchineri
Luiza Matias Manchineri

Colaboradores
Daniel Tsro Artur Manchineri
João Klipra Artur Manchineri
Ana Paula Xyalo Batista Manchineri
Amauri Wrolo Humberto Sebastião Manchineri
Josimar Hiski Sebastião Napoleão Manchineri
José Sawa Carlos Artur Manchineri
Abraão Poleploha Cabral Souza Manchineri
Edipaulo Tokwe Samarrã Manchineri

Organização
Pirjo Kristina Virtanen
Maria Luiza Pinedo Ochoa
Edineide dos Santos Silva

Revisão Língua Manchineri
Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Revisão da Língua Portuguesa
Edineide dos Santos Silva
Leandro Cháves Araújo

Assessoria Antropológica
Pirjo Kristina Virtanen

Assessoria Linguística
Edineide dos Santos Silva

Colaboração
Luiz Marcel Jardim

Capa e Contracapa
Comissão Pró-Índio do Acre
Pirjo Kristiina Virtanen
Elcio Toya Severino da Silva Manchineri

Fotos
Comissão Pró-Índio do Acre
Fundação Elias Mansour
Elcio Toya Severino da Silva Manchineri
Nazaré Alves Silva Manchineri
Marcos de Almeida Matos
Jurandir Pereira da Silva
Pirjo Kristiina Virtanen

Projeto Gráfico
Francisco Braga

Apoio Instituicional
Rainforest Foundation

Parcerias
Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília (UnB)
Núcleo de Estudos Agrários (NEAGRI/UnB)
Universidade de Helsinque/Finlândia
Secretaria de Educação de Assis Brasil

Patrocínio
Fundação Tókio/ Fundo Sasakawa de Bolsas para Líderes Jovens (SYLFF)

Realização
Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA
(Organização do Povo Indígena Manchineri do Rio Iaco)
Email: mapkaha2@yahoo.com.br

Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/Acre
Caixa Posta nº 61 correio – Centro
CEP 69.900-000 – Rio Branco - Acre
Tele/ fax: (68) 32251952 – E-mail: cpiacre@cpiacre.org.br

Rio Branco
2010

Índice

Apresentação
Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Tslatu pirana (História do Tslatu)
Vários narradores e escritores manchineri

Vida de antigamente
Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

A origem do povo Manchineri
As casas
O chefe
História dos pajés
Antes do contato
O vestuário manchineri
O encontro com o povo Katiana
Alimentação e plantação
A descoberta da farinha de macaxeira
As armas
O contato com os peruanos e os bolivianos
O trabalho com o caucho
A chegada do patrão Moisés Avelino
O trabalho para os patrões brasileiros
Contagem e medição manchineri
As mudanças

História da Terra Indígena Mamoadate
Vários narradores escritores manchineri

A conquista da Terra Indígena Mamoadate
Phunputuru pirana
Peji poktshi pirana
Speri poktshi pirana
Hopotukahleru poktshi pirana
Komlo poktshi pirana
Mtshirhapha poktshi pirana
História da aldeia Lago Novo

Festas

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri
e Lucas Pohto Artur Brasil Manchineri

Yikaklu
Hapijihlu – a formação da moça
Wutsrukatenni yikakle shikale hima (Cantigas dos antigos para festas)

Tsrunni hinkakle pirana

(Histórias contadas pelos antigos manchineri)

Vários narradores e escritores manchineri

Jipnawaklerni pirana
Kajrurni pirana
Tsrunni himekahine yosna pajitanruni pirana
Hitshalo mhenokluni hiylaxyawaka pirana
Jipxo pirana
Tsrunni ksewnanurni himnu niklokanruni pirana
Tsrunni kaweyalni piranapni
Mhenoklu tshowhuxyawaklo mturo piranapni
Maptshiri hapokletatshroni pirana
Hwatata-tna pirana hinkaklexikolu
Hatshijri-tna pirana
Yawo-tna pirana nunkakletanu
Potkotkamro pirana
Hwatahwerni pirana
Origem das plantas comestíveis
Origem de tecelagem
História do Tabuqueiro

Leituras e atividades

Yikaklu Pirana
Jijiya Pirana

Posfácio

Apresentação

Joana Benjamim Manchineri/Acervo FEM

O povo Manchineri (os manxineru) habita a Terra Indígena Mamoadate, situada no rio Yaco e constituída em nove aldeias diferentes. Nós somos falantes da língua também conhecida pelo nome Manchineri a qual pertence à família linguística Aruák. O intuito deste trabalho é registrar os conhecimentos, os acontecimentos e os mitos manchineri para que as novas gerações tenham consciência e valorizem as nossas sabedorias, e, ao mesmo tempo, provoque uma reflexão nos jovens manchineri sobre a luta dos nossos antepassados até hoje.

Esta história é verdadeira, revela o que acontecia com os nossos antepassados Manchineri, como eles viviam antes de terem contato com os brancos e o que aconteceu quando ocorreu este contato. Esta história foi transcrita segundo uma pesquisa com os velhos Manchineri que já morreram e que ainda vivem hoje em dia. Seus pais e avôs contaram para eles, quando ainda eram crianças, sobre outros velhos que ainda passaram pelos cativeiros. Eles viram o sofrimento do passado. Tudo o que está escrito neste livro é uma história real. Tudo que aconteceu no passado do povo Manchineri até o dia de hoje.

Os velhos antigos contam que quando eles viviam só, faziam muitos tipos de trabalhos diferentes e praticavam a cultura, costumes e rituais que hoje nós ainda conhecemos. Eles eram pescadores, caçadores, bebedores de cipó (*kamalampi*), festeiros chamados (*yikaklu*), tinham pajés que saravam as doenças do povo como se fossem doutores como os que conhecemos de hoje em dia.

A pesquisa sobre "Vida de antigamente" e "Festas" (capítulos dois e quatro respectivamente) foi feita por mim, professor Jaime, nome na língua portuguesa, e Llullu, em língua manchineri. As informações contidas em todos os textos na parte " Vida de antigamente" e "Festas" são fruto de mais de dez anos de minha pesquisa na

Luis Brasil Manchineri Foto: Elcio Toya Severino da Silva Manchineri

minha comunidade junto aos mais velhos, sábios e conhecedores da cultura e da história do povo Manchineri, por um lado, e de minhas participações nos cursos da Comissão Pró-índio do Acre (CPI/AC), que me deram esta oportunidade não só de deixar escrito no papel as memórias dos velhos Manchineri, que revelam o modo como o meu povo vive e vê o mundo, como também me ajudaram a reflitir sobre o meu povo.

Sendo um professor/pesquisador formado na área das Ciências da Matemática e da Natureza pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), juntamente com todos os profissionais do povo Manchineri da Terra Indígena Mamoadate, minha perspectiva é de continuar pesquisando sobre nossos conhecimentos, publicar em língua materna e traduzir em língua portuguesa, para a prática da segunda língua, e para facilitar a comprensão dos leitores não falantes da língua manchineri. Inclusive este livro nos auxiliará a diagnosticar todas as mudanças que estão ocorrendo em nosso mundo.

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Tslatu pirana
(História do Tslatu)

Tsrutsolejine hiwekatshine hiyrunu hipnatshinenatka hinkakle.
Xye Yonatatshinni Kasruklewaklerune.

Tsrunni hinkakle wla tshinatshri. Mitshikaw-himni satu yinerni hepi maklojine wuhenetatshrini hwapni. Pakat-pejnu hyahjinni wanna himotsatniri. Pakathimatkani rapha runrikapna, hiyahohimakatkani shima himetatshro hkatshraljetapyawaka maptshiri rexyatkana mturone. Waney-hima tsro jro wla tshina tohshinikanuya. "Yineru pixkamkala pixako nhanuruthohnekanata". Hi hima tyanumata tohshinikanu tsonu hima wane t-tshinya. Waney-himatka hoyetshno rixinixka tumkakanaxiniwa satu myotshi pixkalutu kashrok-manetlo wale himaktako komyekatkalo, tuyokhimata tepomhalu.

- Katyihe?

- Hi hitakatkani wane ptshinamtanruno!

Yineru pixkamkala pixako nhanuruthohnekanatatka, hate hehe pukluha t-tshinhimatatka. Waneklu hima pakatkani himnu tyinuwaka hapokletlexinnitka, ptowru yetshnol-pothimako hkatshpeklewjetni, hi hima turunniko tunkaka. Hohistsi tsonu hima hyajejeta, seyni hima hi himnu pixka rixjeta yineru potu pixka himako rixa. Wla hima htshinjetlo suxo hhanunro. Yetshpotukaw-potuko xako wenu pyajejetanu shima-jiji pwapjexinwa. Wane pothimako tixa, tethimamtatkalo turu kanawate katsepothimanaklo shimni. Wala hima tanika topji turune-yma tniklero. Hix-hohne hima hiknohinitka makhimakta kamshirotkani. Wale hima rexinitkana tsrune rimyekatkana ha repomhahimatlona katu whenhe tusatuta. Klu tshinanhima waneklu papko wanna tsonuko hwapa. Tsrune hima tunkaka satu yineru yanwakyetshnojexyawaklo ha ranji himatmaklona tuphujexyawaklu wale jeji, seyni hima hi tuphujetlu, wane rixyawakakotka hmatuxyatka mturu. Hix-hohne hima hiknohinitka hanatutkani, wale tetle himakatkani tsro tutshima pir-tapatka tumolka whenrerupa. Waney-hima tunro tuslahakjixamtlu, wla himamka t-tshinro. Nato hi xako pumumkanru noturu klu tshinanu wale hi hewi tshijne hajerni. Hate hehe t-tshinhimatni tsrotsolejni, makhimakta hyashatna hi howukshiniwani tumumkatkalu tomekahyi. Waney-himakni ruyoljesta hohoxyawaklo kowliklo ha tumle hixapnexyawakako texyalu himnu rixyawaka, wale himyekleko tshitsh-pawa hoho terutanatkalu, seyni hima

hanikaj-pawa rapokamxininatka waneklukaw-pothimako yineru whene rixnatnakwa.

Waney-himamka shinpotukawa tkoshtsheklewatnitka seyni hima ralhajetanatka. Wale halhale himakni katshokakanatawalu tsroni hapokamtnitka tjemaktem-tatkalu toturu:

- Howa, howa, howa, tyanum-himamtnitka.

- Nato hihemka wane ntshinamtyi: Hi xako pumumkalu mturu seynikta pixa himumkakanatatnaklu!

Tsro himni hihitni:

- Hiphutla yineru pimiwuhenewjeta, seynikta himnuni.

Xakoyakhimaxkani mturu hinro yinuwaka shimshiretatka: suu, suu, suu t-tshinhimatatka suxo maptshiri tomhiy-wakatka toturu hiru. Seyni himamka tetapinixkalu tpika hishpakyehletatkalu. Hate wane himako tushpakyehixyatkalu. Repomhahimatlo!

- Kluhe rixa mturu?

- Hihekta rajiro yoxjetlu!

- Hate hehe! Hkahwakanrupakni ruyalekleha!

Htshinhimatatka tsru. Waney-himatka hso honru tataji tsonu renekamxyatkalo suxo riwuhenewatanro, ha mtur-hima hitokha ranikatka tsru. Map-hohne hiknohinhimatka hyinuwaka hitshpokletatka, hohi mkohi mapshahata rixhimatatka, wanekananhimako hyinuwaka hinnewlexyatka tsrunekpotuko, hi hima htuhalu tseruhalewlemtatka wenukaka ha shinpotukawhima hosha pothimako hya hahyekashalemtatka. Ha hepi moletkakatshrone hima hso honru muna hatskotatka. Wale himamka retnina tsrunni wale kox-himamka ratsko piratnina, seyni hima hi kpixkonu hatskolenna himnu hixkakamxyawakanna.

Desenho: Deusimar Kashi Brasil Augusto Manchineri

Waney-himakmakni kanawako hpokowjetnina seyni hima hike heta mahle stsitlu tsruha hanikajha pothimako rukmakpajixyanna, wane himakatkani nijewlu hektshi honru yopok-pajyehixyanatkana wannani wanekni hnikawnashaxyanatkana. Ha walapka hima tepuro-yma tsonu maptshiri tshinamxyawakatkalo hixatka. Pakat-pejnu hima tkotshipixinri hso honru muna htseruwnamta, ha wale skithimakni rawna wanna hepi moletkakatshrone hma mahyejyawakanupna. Hixhohne hima hinkohatka tnatshitanatka, hepurotshini, waney-hima wane t-tshinatkalo tinkalo.

- Yeye nnatshnemkatkano!

Waney-hima t-towutlo.

- Hate hso honru sahikotshi pkapyatapanu hikta xawaka serowalu.

Tkapxa sahlewhimatnimka hi hima pasahi poptshiri tukshika.

- Hikta serowalu yeye! T-tshinhimatlo tinkalo.

Serolu tujha kanaxyawakhimnikni, pasahi mserotuko tushhaxyani, wi potuyhimaklu tshko!

Htshinhimata.

- Yeyeri wahyekanaktatnaka!

Pkotshipi munatanutnaklu htseruwniywakapa. Tkotship-himatlu htseruwna himata. Waney-hima howukshin-potukotnakoni pasahiko tuknokhatatnaka, xyempothimakni hikta hmahalewatawa t-tshinhimata. Hix-hohne pot-himako mapshahlu hi hima retka hohi. Pakata himatka satu koshitshi wanna hpuko pot-himako hyapa yanumlemtatka: Hohi murere, hohi murere, hohi murere htshina hiknohlehimamta. Waney-hima pasahiko tuknokhatatnakna hi hima tshko htshinatka. Jpa htshina himathonukatka.

- Yeye hmahalewataktatka!

- Hehektatka! T-tshinhimata.

- Kihle howukshinni himatkani, hyinuwaka himrereklemtatka.

Hohi himrerejyawakatka pirana

Hi hima howukshiniwani hohimnutkani. Waney-hima hiyrunukotnaka tkotshipitatnaklu hso honru muna, ritshijiwna himam-thonukatka, timep-himatatnaklu ritshijiwna pot-himamtatka, hate tshiji potuko rapokatkana rurunni hwajejekanaxyawakni. Tokantshi mlejikananu hjemna, hiyahohimakni wla htshinna hayeri wetapewa wurune hetkokatkani nakwala htshin-himatna. Seyni hima wane rapojinna hikeko retna, waney-himakni hyinuwaka yatushlexyatkana rurune rujhajexyawakna. Hyahimakananumtawana hjematkaluna hahmuna hitpetatshri:

Desenho: José Sawa Carlos Artur Manchineri

- Kone, kone, kone htshin-himakanata.

Waney-hima htshanixkakna. Haye yeye wetamteru tukwala pakatako wurunekatkani wanna. Wane hima hyamtna hi hima howukanatkana maperu hamlu phatanatkana.

- Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni.
- Hixla totu! Htshin-himatluna.
- Hinewa yiner-maklano hita! Htshinhimatna.
- Waney-hima repomhaluna.
- Kluhe pkamhajeta totu?
- Nwurolohjeta nomekahyone! Htshin-himatna.

Waney-hima wrolha rutahatna ha paksukak-hima hwata ksu wrolha-yma renekna. Wane hima htshinruna suxone.

- Totu wimotsatatjeyiri?
- Hike hi himukatno yanashalno hita!

-Htshinhimata maperu.

Kshoteru kopruhkajyawakna pirana

Wane hima hyashaxyatnakna Kshoteru hyoptotatkana, wane himako htshinna wale ramluphax-yawakna.

- Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni.
- Hixla totu htshinhimatluna.
- Kluhe pkamhajeta totu?
- Ha, nusurokhajeta htshinhimata kshoteru.
- Totu wkopruhlennanimkawu htshinhimatluna suxone, waney-hima ruhita hinewa nkopruhkajehi.

Waney-hima tsro-jro hapka rikopruhata wane himako pnu rixamxyanro walani. Tujra wnahlu hima rimapojinnatkalo tyinuwaka wuhenuwle jimtanatka paj-pejnu hima tusokjeswajixnanwa. Ha wale tetle himnikatkani hepurotshini hapijru t-saha swajikanatnixka hiyaho himni hkopruhkajinnitkalo tunkakniri.

- Totu hitla hike hixnawa hi nkashi nijituta! Hu notjira pya htshinhimata kshoteru. Waney-hima wala rukopruhashatni.

Desenho: Samuel Tshatshar em Silva Augusto Manchineri

Shtsha hyoptoxyawakna pirana

Pnut-hima rapokna hitpejrewatatshri hima hjemna, makhimakta shtsha tshinkalune hepi moletkakatshine ptshetshi hiprujeta. Sat-himakta hi kayhale há sathima payhalepka, wale himaktakoni hatskota:

- Kne, kne, kne htshin-himakanatna.

Waney-hima wla t-tshinni satni.

- Yeye nakwalhetkoni wurune!

- Hayeri yeye wetamtena?

- Haye t-tshinhimatni.

Wane-stsi hima rapojinnatkana shtsha mtsawa tshiji hajeru hamluphatanatkana.

- Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni htshinhimata. Ha satu hiprujetatshri hima payhalepkalutu wla tshinru.

- Shtsha rapojinna xako pkashitanna wtshokorjexyapna.

Waney-hima ruhlepotuko hapokna kamaknajro hapka hima hkamhana ptshetshi ramyawakapna. Waney-hima rali hamlexinitkalona ptshetshi kahnete rutkapatkaluna kamaknajruya. Wane hima htshanixkajyatkana. Wuya shtshala wshamumtanu yeye? Hate hehe htshinkakhimatna. Waney-himakni rixkaphapkamtatkana ha mshamumtkane hima shtshamtsawayanwakamtatka ha wale hima pshinkaka hamluphajetna.

Dessinho: Arnaldo Pita Sebastião Lauriano Manchineri

- Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni htshinhimjeta.

Ha wanna hepin-himako shtsha hiwakatleta. Waney-hima tshiji hwajetatshri hepomhalu teno hajeru.

- Shtsha hanu hixatshrinhe potshwa, serolu ho hitsota?

- Shtsha serolukni potshwa ha hitsotakni kapsa.

Wane hima htshinakanatniwa tshiji hwatshrini suxone kashitanatkalu.

- Hshamu kanhimatanatkaluna, wane rixanru himnina pohyo plurukta hsamyokamtna. Seyni hima waleho wannakni hkashjeta. Wla hima htshina.

- Shtsha nyitkani nkashlewatnimkatka.

Waney-hima teno hajeru wla tshina hi xakotshi pushotanna, pkashi potutanna xako hma yiywakanupna, wane himmaka shinpotukawa rushririkamtnitka rapokhimamtnimkatka payhalepkalutni makhimakta rali shamlemtanatkaluna ptshetshiplu tsonuko hkashikanatanatka wale himlakokta risaplewjekanatatka. Ha wanna hima hali yaletatka wane himamka rapokamtnitka payhalepkalutni makhimakta pohyopluru rimixkowjekanatni, wuyali nyikmakawani rethimamtatka hahmuna tsonhimakta hkashikanatnitka. Waney-hima hkoshpakapamtatka haktsakamtatshri komlo tpali himni hyopoka hismeya. Wlamka nixanunna kotshmalotonepni rurunni himopatanunni seyni rimimathojrewaxnawana htshinhimata.

Makona raplimxyawakna pirana

Wane hima pnute hyamxyawakna hohru hyijnakoxyana hinri kakanatatshri hom, hom, kapohalu nashitshe hom, hom, kapohalu nashitshe htshinhimakanata. Wane hima wla htshinatkana:

- Haye yeye wetamteru klu koxhe hkamhajeta hohru?

- Haye!

Makhimakta hawakanwaka rawa wale ha wanna hmala sreta yopijya. Wane himakatkani rexyanatkalona kopajni himetatshroni. Sapna sure hima rawapna kopajni hpoyxaxyawakna wane himakatkani hjemyatkaluna makona repomsaxyawaka.

- Makna pixi hihe pjimawa?

Hikewa pasreta tsonra njimyanawa. Wale saple nwakhimakni hyakananumtna, pasaplekak-hima rajrinakananumtna. Xekoyak-hima retatkaluna hohru makna hkoprotakapyawaka, wane himakni hkahwajyatkaluna hipshini hamokkakluhe hkoprotkapyawaklo. Rali koprotkaplerew-himatnitnaka wale hatjin-himako walani nwaka hyatkana

Desenho: Arnaldo Pite Sebastião Laurìano Manchineri

hshireta nikle himatanatkalona, wane rixakanatawana repomhanatnaklo.

- Makna pixi hihe pjimawa?

- Hikewa!

Hewinatkano nanwaktshi natkano, wale hima hjemininatkana hyojroxnatkawana raplixyawak-patkalona makna. Wane hima rasukatkana hkopajne poyrena nwaka.

Waney-himatka hohru rapokamxinitka hapliruro tsonni rukshikatka wala himak-maka rapatjejpatnitka seyni hima kalya srojpata tixashatanatka. Hohru hima jihekanuwata wla hima htshina jhekanuta. Xawakmaka napyehitkanna ntshokor-je potukanatanatkana wale hnapu hi hkahwakamtnona. Xawakni natjini yakashalunen-patka wla tshinjejekanatannatka, makona-mka nutakoni seyni hi tsro sahkaklo kalya nikko tixa htshinannatkana wannapni. Wale tshinan-himakatkani hate xawakni kalya nikkotkalo.

Kshiwna hyoptoxyawakna pirana

Waney-hima pnute hyatnakna makhimakta kshiwna nwaka hyamtna. Hi hima retawalona tamluphatatkana. Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni.

- Hixla jiro! Htshinhimatlona.

- Hinewa yinerkoxmaklano hita, t-tshin-himata.

Wane hima hepi hohne rimwamxyalona. Rimwa pshinhimaklona komirimta tyomhajetna tosro tyapjeru tkamhinri.

- Haha nomekahyone xyera hnika! T-tshinhimjetna.

Ha tsrojro himakoni kapnokkakalo. Hoyetshno himaxkani rumjinixkana tsrojro hijnujetatka, tretetete t-tshin-hijnu himatatka. Waney-hima wale tjemini kshiwna tuhlepokje hitunestsihita, makhimakta hepurtshini hethixanrewatni, wane tixa hihlepokjer-hitunestsixyawaka.

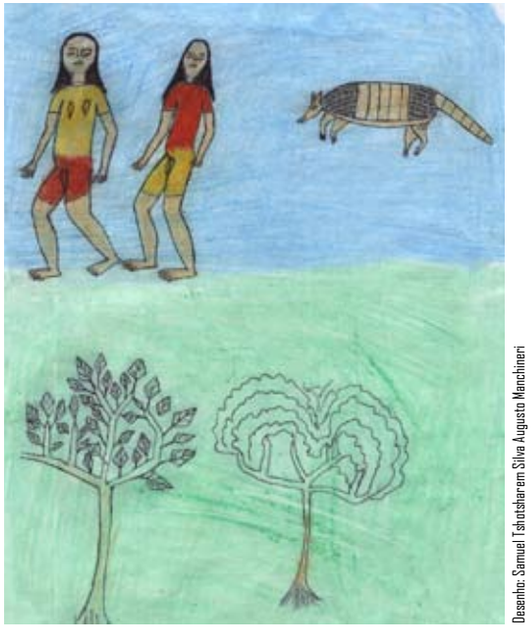
Wale prik-himatkani tinkalo tunkakatka.

- Haha yeye klu honuktala tixjeta jiro!

- Ha hanu tixjeta?

- Hihe pijnuxini pejnu tuhlepoko hitunestsijeta.

T-tshinhimatlo tinkalo. Wale hima retna, hayeri wyatjewa pnuko wyanutka htshinkakhimatatkana.



Desenho: Samuel Tshatshar em Silva Augusto Manchineri

Pejri hyoptoxyawakna pirana

Waney-hima pnute hyashatatnakna makhimakta pejri rapyehitanutnakna. Hi hima retawalona wala hapka hamlu phatanatkana.

- Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni.

- Hixla jiro! Htshinhimatlona.

Waney-hima wane t-tshinna, hinewa yiner-koxmaklano hita t-tshinhimatna, topji hima tanikatkana. Wane hima timapojinixkana wanna hepi maklojine wla t-tshinna. Nomekahyone totnira hyopteka hijetkaleta xako! Wuya jiro htshin-himatlona. Waney-hima tsro-jro kapnokalo wla tshinro tepuro, hitla yoptek-hijetkaletlu totu! Makhimakta hikotsako hipokananu tyotsputata, tsputa, pi po, po, po, ya klukla wane himixanru totni, t-tshinhimata pejri. Seyni hima mitshikananu yineru pixkako rixakanata, hyotsputkotsa xinhimaxinikakotkaluna ruyekatamtanatka. Xakoyakhimaxkani wla t-tshinatkana wanna maklojine.

- Nomekahyone wi phitshi njimektapanutshi.

Waney-hima wla htshinrona.

- Jiro wimotsatanyi?

- Hike nomekahyone hi wiklu nusanate hi himukluni hixa hita tsonukni t-tshinhimatna.

- Hate wuya jiro.

Tkoshtsheka shiwat-himamta pejrinero tyatka. Pakat-himatnakni walako jimek-pirtapatnaka, waney-himamka jmeretnakna seyni hina hi talukjejetna. Hi hima howukshin-potu tyawa wla htshinatkana, haha womkahitanro jiro pakatako hi howuka tyanu. Wane pothimako rixna, hi hima howuka hyawana retatkaluna hsana swa, wane himako rutukatkana. Wane hima rawakanatawana hjemapkatkana susanaterune, tsu pralalala tsu pralalala htshina kosojire

Desenho: Armaldo Pita Sebastião Lauriano Manchineri

himakananumtna katshralu. Wale himakta tjempatka tasukatka hi, hi, she hi, hi, she hiyah-himni wla htshina hatjinitlona. Pejri tatlonujetakna himka waleknako wawatyi. Wale hima hjemanxinixkana tomekahyone hyatkana pantshi nwaka. Hi hima howukshiniwani tapokamtatka. Waney-hima runkaklona.

- Jiro hikta kihlewaka htshinjetyina.

- Ha hanu htshinna?

- Hihekta wla htshinjetyina, waleknakmaka wawatanro.

- Ha hikta himatjemna hihe wla htshinna, tsru pokolpejnu xako pjitjetanu htshinnona.

T-tshin-himatna tomekahyone.

Makokawa rapyehixyawakna pirana

Wane hima pnute hyashaxyatnakna mak-himakta makokawa rapyehitanutnakna satolo putukanatatshro. Wala kokhima wane kopixka t-tshinna tamluphaxyawakanna.

- Hu kotshmalotonepha rurunni himopatatshinni.

- Hixla jiro htshinhimatna.

Waney-hima wane t-tshinna, hinewa yiner-koxmaklano hita t-tshin-himatkoxna wala. Waney-himatka kayi rixamxinixka wla t-tshinro sato ksewnanurni xyera papixi nopoy-pixi pkoplika! Wane pot-himako tixa toplikamtkawak-himlu jimekaji rixamtnatkawa hiyrun-himako hepi toplikakjixatnaka hepiji rixnatkawa. Waney-himatka wla t-tshinanutka wala kapnokkakalo, xawaknira hix-potuko noplikanutka wane pothimakni mko halikakhimla pro, lo, lo, lo, lo, lo t-tshin-himamtanatka makokawni. Wale tshinan-himakni hate xawaknitka makokawa takakkoklunu wane tsonu t-tshina palnaletatka.

Satu yineru rapyehixyawakna pirana

Wane hima hyiyatnakna, satu yineru hapalushalu hima rapyehitna. Rutshpokamxin-himatka hyinuwaka tumlejretatka kihle hima rix-himaxya. Waleprika himatkani ruhnantakatka, makhimakta pmu yatshripni pahapha wenne hima hyanu. Waney-himakni wla htshinna wanna hepi suxone. Wi phitshi hitatshi nomolene hetapanu htshin-himatatkana. Seyni hima rujretamtna hma yotne hejnunkatexyapluna. Teno hima pantshi hyijikna rostumtlu satu kapoyiru ha ruykohimamtna hike hma yotnejyawakapluna ramha pshinika. Ha pahohne himatkani tsro-jro wla tshinanutka, klu potukananhe riminahshimtlu tujra kapoyiru! Waney-hima tatskotatka twaphimatlu, tkopoyhalu tethimatlu kahapur-kaka, pahap-hima wane hwa kihle yonha hapu rixhimata. Waney-hima tohshinikanu wla t-tshinya. Yineru pixkamkala pixako nimwahohnekanatatka. Tali hetjer-himaxinixkalu waneko tutkapapnaklu. Hoyetshno rixin-himatka satu yineru hapyehitatkalo. Tepomhahimatlu.

- Katyihe?

- Hihe hitakatkani wla ptshinrerno yineru pixkamkala pixako nimwahohnekanatnixka.

- Hate hehe punewa t-tshinhimatatkalu.

Wane rawa pshin-himakna ptowru yetshnoko hkatshpekjetlo makhimakta waneko hmishixyatkalo. Rapojin-himatka kapjiru rethimantatkalu rejnuhkate pnuko rixakanatatka. Waney-himamka hyahotlewatnitka htumlejne hi hima tapkak-himaxyanatkalu ha hjihekaw-himata wane hima htshinanatkana wannani.

Pnu hyiywakatnakna

Wale hima rexinixkana wla htshin-katkana. Xawaknira pnu wyashatanutnaka. Seyni hima runkaknimkana hatnu hyanrupa howukpotuko hapojin-patka wane rutspatslakajinixka. Pamlo-hshi yopkaka skit-hapoleru wale nwakakni rawna pimrine wimolene seyni hapro-hshi yopkaka skit-hapleru wanekni nijewlu hwiy-waka htshina hinkak-salhimatna. Ha mtur-hima tusatutanru hixo ksuru-tkalu. Wane hima hyashaxyatnakna hatnu yiywaka hyashatatkana. Ha mtur-hima tusatutanruko tonanwaka yanumjejexyatka, kahwuru stsi hima tyapamxini tsro wla htshinro runro. Nato klalu hwumka pwamxinno, wane pothimako tixakananumta ha toplo swahhima tyoshmaka hwujetlu wane himako hyoptojexyalu. Wane rixle himakananuknina hix-hohne potuko. Pahohne himaxkani kahwuru twamxyawakaya tsronni shape tshinkaluro hashkotuxyanatkalo, waney-hima wla t-tshinni. Klu koxakta maleka mwakanekowa kahwuru tsonu haluka ha tutpe sat-himata. Wane hima hyiyatnakna ha towhen-hima tusatleru hi hiprukamtatka, hi hima kahwuruko ralukamtatka makhimakta hjihekanuwamtatka wale koxa. Hyahimakananumtawana rapokamtatkaluna rutspatla skithapoxyawaka. Waney-himamka tepomhalewatnixka twuhene tusatleruko, hanuru skit-hapo ktshikla wyanu, hi hima ruhitatka. Makhimakta nijewlu skit-hapoko hyanatkana.

Mhenokane hinro rapyehixyawakna

Howuk-hima rapokatkana ramluphatkanatnakna sato tsrotsoleji himaktani mhenokane hinro.

Hu kotshmalotone pha rurunni himopatatshine. T-tshin-himata.

- Hixla jiro.

- Ha hinewa nomekahyone kluhe hixashakanatpatka wkata?

- Hita mwuhenene hi kshinikanurunni. Hate hehe klanra hatskota wane xako hwanu konaputkana nwuhenene hyahkapyawakna.

Wane pot-himako rixna. Hi hima howukshiniwani satu hapokamtatka makhimakta waloni rawapa, waneklukaw-hima wale koxa hamluphatanna.

- Hu kotshmalotonepha rururnni himopatatshine.

Htshinhimata. Runro himni repomha.

- Nato pyohima pajlewathe?

- Hanu koxhe nukshiklewaxinina.

T-tshinhimatlu. Wane himatka rapokashakanatatkana sat-himako kotshi himapokamtatshri, yawo, khiri, mrixi ha rinkalna tsrujru potuko wale himni yonalu, wale hima hapkata hapokletatka. Seyni hima ptowru hapokamtatshri hamlu phatanna wanna suxonni. Waney-himatka rapnanuxwawakatkana ptowrun-himako hikluha kwata, hiprurje kwa rix-himatatkana. Ha suxone hima wanna hinaple potuko hwajejeta. Wane hima rixakanatawana sato tsro-jro kaswalu hitskahaxinixka mak-himakta satu sta potuko tutskahata. Ha runro himni wla htshina, hihe ntshinyi nato pixa yohimapajrewata. Shinpotukawa pekhitanwu hi pyokwijeshatanutkawu.

Wane pot-himako tixa twap-himatatkana wanna stsi hima tutakna. Seyni hima yine pixka potuko rixna, hojiw-kakhimna. Waney-hima wla htshinrona runrona nato wiyimanra jephawu. Tunkak-himatna nwuhenenhimla hjepanu! Seyni hima ptowro sheptshi rukshikamtanropna rapshekakananumtanna. Wale hima tjema tsrotsoleji samowe hima tenekna waleko ramlokakananumxyawakapna sheptshi potuko hma mapshexyawakanupna. Rukshikanxinrona pejnu himna samowe ramlokakananumtna wla htshinikowakapna rapshekamtaklona. Hmahle himatkani hi hima tsru samowetenatkana. Tsro-jro himakla wala potuko hapshekatka mto we ruprotakash-himata wannani hohoko rapokamtatkana mhenokane hsuska himamtkanatkana ha tsro tsolej-hima wane ya hasukleta hitnira tixkamapa-yaka heneka t-tshin-himatna twuhenene. Waney-hima tjimlalaklu mturune hwa mapleru hapijru skit-hima tuknoklu wane hima hsapjikyehitna.

Romkahita Tslatu matuxyaka pirana

Waney-himatka wla t-tshinnitka, tethimatlo t-shitshni. Waney-hima tomekanunro hinamtni, hanhe hyanu tshinhimatni nolotennira hkamanexyano hiyahimni tkammanetatkana, tkammanetatkana thanuru koxhima kshinikanu hi kahnanru waney-himakatkani tsruyakakatkana xawakni nomekahyi hewi hwatshiri psokakhimatkana.

Kayahhetkokna totu pkamha kashretewu. Waney-hima palkoko runkajejetna. Pakathimni totu wpalkokohtapewa. Pakathimako hepi runkana. Wala stahitu ruwlajejetna, ho kajpa kahli kamhikolu potsuwa hima htowutna, tkamha himaxyana wale hima ruwla jexyanrona. Palkokni hate hnikata piratanatkalona. Wla hima tshinatka suxo jeji mturu, hiyahimni wla tshinatka hohikawa pkatahatna mturu.

Xawakni hetko wnikawnashatanutka. Hiyahimni hiphuthetko hixakni saleta mturetna tslatu. Ho wla wixa nikawnaleshatatka hixa hepipkatkawu. Xawakni wnikawnashakanatanutka. Ya hanra htshina honatjiru. Hatshinhimla hiphuthetko hixakni saleta mturetlu tslatu. Hixakni wamontakanro runroni, xawakni hnikatakanatanutkawu tslatu. Hiyahimni halikakni tsla htshinhimata. Ho kiru kamni wtowutanu wpotsojritakjixanru wale wixpahjetanu, wane wujironjetanu wane hate hehe. Waney-hima wane rixna.

Waney-hima rujirohatna rumukata pnupejnu hixletna. Waney-hima rixpahlewhimatna wane hima rujironjetna. Pruru, pruru, pruru kohmo haha, kohmo haha kohmo pruru, pruru. Waney-hima hmanru pothima hijrukhata. Wane hima rama jemlewatnitka xawakni netapanatjena. Nakwalapni hi rawashatna hi kajnakpotukananna, kamhatshri pothima klukoxhe hkamhajeta tslatu htshinhimata. Totu hewira wapnokawhexya hihe tsla hi kihlekaka, hmishrejehata htshiyahata seyni wanepyitshi

José Barrão Sebastião Manchineri/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

hiptshinkolu.

Hiyahhimni waneya rethixanuxyana, petanu wla pixanu teno pjitawaka hima pruru, pruru kohmo, haha hiyahimni satu pruru, pruru kohmo haha wane hima hya wale pruru kohmo yaya htshinhimata wale haha hetanru wale himamka retsotanutanutka hiyahhimni maklune hihe numukata wanhixleta. Wane totu pumukata haklu pixa, hitshikaka hewitshi nuhlehatanu. Hewi hi kihleha hiyahimni wane phuthima ruhlehaxya.

Makhimakta hpotsojritjehatna yahtapanruna wanehima rushpajyana pruru, pruru makhimakta tsna rixhimata. Hista pothimako rapkaka, raplakashatana wane hima pnuko rixanutnakna. Htshiyle ropna rawjejetna wale hima ruwlatna. Hate wanrixyawakna hjiwakatetanrona runronina, waney-himatnaka. Ho waphu kamni himni suxonhimni pnukorixjetna. Jwejhima rixpa jnakjetna pasreta hima rumtsekjexya. Hiyahhimni kakterukotnaka wanyatnaka yaya htshinhimata tujra sreta rumtsekamxya. Hi wane hixanunru himolni katshinru. Honajiro hatshinhimla petanu tshri tukasreta rushpakamya.

Hahapetanu hikatshinru honatjiru, hihe tsla phuta hi kihle, kluktako rixka wale katshoklu. Makhima htshiyahata hnatshne hi katshinoho rixyawakni. Waney-hima wla htshina, wuya hitla heta, hihe numukata yahotleta? Pumukata honatjiru. Wala himnimka yahotni, nta taplakashatana walani rawtshiyle himatanro kajpa kamni hkamha kakanruna ruwlajexyana. Hiyahimni waneyatka rama mtseruwnaletatka tsla hanhe wixini wtseruwnatka htshinhimata. Yoklutsako kamni wkamhakakanro yoklutsa wala wuylajinwa wtseruwniywakpatka. Waney-hima yoklutsa kamni hsajrukjixna honatjiru puylajewu! Wuya htshinhimata:

- Hanu ntshinanhi?

Puylajinipwu wla ptshinanu mpotseruwakane, mpotseruwakane, mpotseruwakane. Ptshinanu xako. Hate wuya mapkata hima hkotshipitatkana htseruwnajetatkana. Waney-hima hkamrurewjetatkana wale hetkonikni klunerukta t-tshina nato. Hiyahomni pahixanu hjihlokamta, satu ho knoya ho kshoteru wale hi nushinika. Wale nanwaka pnupejnu hixa knoya. Pahixanu pejnu hima hkamhatka. Wale himakni ralixinixka hkamrurewjehimatna htseruwnatkana pahixanu pejnu hkamhatkana.

Knoya pirana tsonu nimatatka waneya pahohne patka nupnininpatka nuyaklenpatka herotu mkani knoya seyni hi nukshiklewatana.

Vida de Antigamente

Desenho: Reinha, aluna da escola do Jatobá

A origem do povo Manchineri

Segundo uma pesquisa que eu fiz em duas aldeias - uma chamada Bufeo Pozo e a outra Miaria - ambas situadas no rio Urubamba, no Peru, vou relatar aqui uma entrevista realizada por mim com duas pessoas. Uma pessoa foi o meu pai, Fermino Sebastião, e a outra foi o meu primo, João Sebastião. Eles que me disseram que o povo que habita no Brasil é chamado pelo nome Manchineri e o que habita no Peru é chamado de Piro.

Acontece que quando os invasores europeus chegaram pela primeira vez aqui na América do Sul, mais ou menos no século XVI, naquela época os nossos ancestrais habitavam um rio atualmente conhecido por nome de rio Apurimac, situado no rio Tambo no Peru. Foi nesse lugar que o meu povo sofreu massacre pela primeira vez com os europeus, espanhois, ameaçando-o com armas de fogo que nem em sonho se conhecia. Aí que o meu povo começou a se espalhar em todos os lugares dos rios e outros vararam na mata a procura de outros rios para que lá pudessem sobreviver sem nenhum conflito e preocupação.

Antes de terem contato, estes povos, que atualmente são conhecidos com dois nomes diferentes: Manchineri e Piro, chamavam-se Yine, que quer dizer "gente ou pessoa". Hoje continuamos sendo Yine, e no Peru somos oficialmente conhecidos como Yine.

Nessa época o povo era muito numeroso. Eles faziam muitos tipos de brincadeiras culturais e tradicionais: como festas; danças; cantorias; caçadas; pescarias; coleta de frutas; artesanatos: como colares, flechas, panos, cusmas, capangas e chapéus; e cerâmicas: como potes, panelas, pratos e copos. As brincadeiras eram compostas por competições de arco e flecha de distâncias diferentes. Quem acertava mais vezes eram os melhores considerados e valorizados. Esses tipos de jovens tinham mais chances de terem mais apoio pelo próprio povo. A mesma coisa com a corrida, quem resistia mais longe eram mais considerados. E assim sucessivamente com as outras atividades. Todos eram formados em grupos para competirem as brincadeiras.

Cada grupo de pessoas tinha nomes fantasiados, para poder dis-

Sahyr Foto: Acervo FEM

tinguir quem foram os melhores competidores daquela festa. Aqui vou citar o nome que possuía cada grupo: Manxineru, Natshineru, Koshitshineru, Kiruneru, Hahamluneru, Jiwutaneru, Hetenеneru, Himnuneru, Poleroneru, Wenejeneru e outros. Entretanto, quando essas pessoas foram atacadas e perseguidas pelos europeus, tiveram que fugir pela primeira vez e fugiram espalhadas para todos os lugares por grupos de cinco, dez, ou vinte famílias. Outros não conseguiram fugir, e, portanto, foram dizimados no mesmo instante, porque o povo não esperava que fosse acontecer esse tipo de traição.

Um grupo de família tinha varado pela mata sem imaginar aonde ir, mas com muito tempo de perambulação chegaram num rio que atualmente é conhecido com o nome de Purus. Começaram a descer este rio até que encontraram um lugar que lhes agradou e lá começaram a povoar novamente. Este grupo é o Manxineru (atualmente na bibliografia conhecido por Manchineri) que começou habitar o rio Purus. No decorrer do tempo, começou a aumentar bastante o número de pessoas, porque os novos iam se familiarizando e assim o povo cresceu novamente. E outros grupos de famílias, que fugiram pelo rio abaixo, entraram em outros rios para poderem se livrar da morte pelos invasores europeus. Foram morar até nas cabeceiras dos igarapés, onde era muito difícil o acesso. Com o passar do tempo, eles também aumentaram o número de pessoas.

Como ainda não tinham convivência com a sociedade branca, era apenas conflito com o branco, portanto, iniciaram novamente todas as festas tradicionais que sempre foram exercidos antes da correria. Quando um dia de manhã ouviram um grande estrondo, barulho que

o povo nunca tinha ouvido, era um barco que estava subindo pelo rio acima. Quando veio, era uma coisa muito estranha, aí começaram novamente a fugir pela mata para não serem atacados como aconteceu anteriormente. Viajaram muitos dias até que entraram num rio que atualmente é conhecido por rio Yaco. Aí, tiveram o primeiro contato com a sociedade branca por meio dos seringalistas. Quando os brancos perguntaram de qual povo eles eram, como ainda não tinham conhecimento nem domínio da outra linguagem eles responderam manxineru, querendo se expressar que nós somos do grupo manxineru. A partir daí somos identificados até agora como Manchineri. Manxi é uma árvore conhecida em língua portuguesa - "inharé", e "neru" quer dizer povo. Portanto, agora somos conhecidos como Povo de Inharé. A mesma coisa aconteceu com as pessoas que ficaram no Peru, quando tiveram primeiro contato com os caucheiros peruanos. Os brancos espanhóis diziam para eles que esta terra será chamada Peru, portanto quando já tiveram vários encontros com os brancos começaram a entender um pouco na língua espanhola. Um dia chegaram umas pessoas que eram chamadas de viajantes. Quando lhes perguntaram de qual povo eles eram, quiseram se expressar "Somos do Peru", mas por falta de entendimento e prática em língua espanhola, disseram "Somos do Piro". A partir daí os pesquisadores os registraram com esse nome. Mas, na realidade, somos um único povo e não há

Marie Arthur e Tereza Brasil Manchineri/Foto: Acervo FEM

nenhuma diferença. Agora a diferença é só pela divisão do território em que habitamos atualmente. Foi isso que aconteceu com esses dois nomes diferentes.

Estas histórias sempre são repassadas pelos mais velhos Manchineri para as novas gerações, todo sofrimento que veio ocorrendo com os nossos antepassados. Nessa época não existia divisão de terra como hoje em dia conhecemos com nomes de diferentes países.

As casas

Antigamente, o formato de construção das casas do povo Manchineri era muito diferente das que a gente faz hoje em dia. Em nossa língua é chamada de poktshi, e os brancos chamam de maloca. Era uma casa enorme em forma de círculo coberta de palha de uricuri, muitas famílias ocupavam ela. A duração da construção de uma casa, dependendo de quem fazia, podia levar uns 20 ou 30 anos. Algumas pessoas quando casadas construíam moradias menores na proximidade da maior, para que quando acontecesse uma festa tradicional na época de

Casas na aldeia Jatobá/Foto: Pirip Kristina Virtanen

inverno pudessem ter espaço suficiente para brincar. Portanto, os nossos ancestrais moravam todos juntos para facilitar a execução das atividades do cotidiano.

Preparando cobertura da casa/Foto: Pirip Kristina Virtanen

Quando o povo ia se mudar para outro lugar, primeiramente construía as casas menores, depois a grande. Todos trabalhando juntos até a conclusão da atividade. Assim era o formato da casa tradicional do povo Manchineri antes de terem contato com a sociedade envolvente.

Quando os nossos antepassados começaram a ser escravizados pelos seringalistas, foi aí que mudaram a estrutura de construção de casas, vieram novas formas de construção. Agora o povo Manchineri, para construir uma casa primeiramente precisa tirar esteio para o suporte da casa e barrote para o soalho, a madeira tem que ser de intaúba, bálsamo ou maçaranduba. Para as linhas, sempre usamos envieira e mulateiro, e para a cobertura usamos palha de uricuri e jarina.

Estes são os materiais que vinham sendo usados por nossos antepassados. Desde aí as construções das casas mudaram para forma de retângulo, já possuindo um quarto e uma sala. As paredes são fechadas com as ripas de paxiúba, paxiubinha e açaí. No soalho também utilizamos paxiúba batido ou ripa lavrada.

Mas hoje em dia, com a evolução, está cada vez mais forte e o formato da casa e da aldeia já mudou muito. Por exemplo, algumas pessoas já têm motosserra e, com isso, tiram tábuas e prumos para a construção das casas. Algumas casas são construídas só com madeira e usam palha no teto. Mas também algumas pessoas já fazem o telhado de zinco ou de telha brasilit.

As casas ficam um pouco distantes, mais ou menos de 30 a 50 me-

tros de distância. Isso ocorre pelo motivo de termos pequenas criações na aldeia, como gado, porco, carneiro, galinha, pato e cavalo, e essas criações tenham espaço onde andar e onde se al imentar.

Aqui na T.I. Mamoadate a madeira que está em extinção é a paxiúba, por ser muito usada nas construções de habitações. Atualmente o que as pessoas estão usando para a construção é: cedro, mogno, jitó, cumaru de cheiro, jacareúba etc. Estas madeiras a gente usa para parede e assoalho de casa.

O chefe

Antigamente, quem comandava o povo era uma pessoa mais idosa da turma. Ele é quem fazia todo o planejamento para ser exercido: caçada, festa, guerra com outros povos. Sem a autorização do chefe ninguém podia decidir nada, ele é quem dava a ordem para ser resolvido. Inclusive quando ocorriam brigas pessoais de casal, o chefe tinha toda a autonomia para resolver as questões. Se o homem for culpado da encrenca, o chefe era obrigado a desatar a rede do rapaz para receber o conselho do chefe e da esposa a noite toda sem nenhum cochilo, para que na próxima não repetisse mais aquilo. Se a mulher for culpada, a esposa do chefe é obrigada a chamá-la atenção para ser aconselhada juntamente com o chefe. Durante o dia, o chefe dá para o homem alguns alfazeres para ser cumprido. A mesma coisa com a mulher, a esposa do chefe que dá ordem para ela cumprir. Na boca da noite, o chefe chama novamente a pessoa que cometeu o erro para saber se realmente está convencido para não voltar a fazer mais aquilo. Porque desde criança são os pais quem educam os filhos até adultos quando se casam. A partir daí ele já é uma pessoa muito responsável dentro do seu povo. Portanto, quando um casal cria um desentendimento, o chefe é obrigado a chamá-los a corrigir o erro que foi praticado perante o sogro, sogra e toda a comunidade. Porque se ele continuar praticando o desentendimento com sua família, sempre terá problemas e estará atrapalhando a vida do povo, não estarão sossegados. Então, quando surgia uma coisa dessas, o chefe eliminava a confusão do casal, para que todos estejam numa harmonia.

José Barrão Sebastião Manchineri

O chefe não morava só com uma mulher, ele tinha que ter pelo menos cinco ou seis. A esposa que ele mais considerava era a mais velha e era ela quem sempre estava articulando com as outras mulheres. As outras esposas do chefe cuidavam do preparo da alimentação, para quando chegassem os visitantes das outras famílias eles fossem bem atendidos como de costume.

História dos pajés

Antigamente, para ser um pajé verdadeiro, havia três tipos de aprendizagem: bebendo o chá do cipó (*kamalampi*), bebendo o chá de kanatshiro ou aprendendo diretamente com o kajpomyolutu. Às vezes, quando uma pessoa ia para a mata caçar, numa certa distância encontrava qualquer tipo de objeto. Ao dormir, no

Fotos: Pirjo Kristiina Virtanen

sonho via uma pessoa estranha dizendo-lhe que foi ele quem tinha dado aquele objeto. Aí explicava para o homem a forma que ele tinha que usar. Cada vez que fosse para o mato sempre surgia na frente dele dando-lhes mais orientações para serem cumpridas. Quando a pessoa obedece tudo o que ele mandava fazer, com poucos dias, já se tornava uma pessoa formada em pajelança. O ensinamento que ele recebeu é para fazer o bem e o mal. Com kamalampi a pessoa tem que beber o chá várias vezes e tem que ter uma pessoa que vai orientar a técnica de seguir, se a pessoa não cumprir todas as dietas não fará efeito. Esta aprendizagem leva muito tempo para ser alcançado o resultado, mas o povo Manchineri experimentou e cumpriu todas estas dificuldades. O pajé não era só uma pessoa, eram muitos, os novos rapazes iam também aprendendo como curar o paciente e cantar as cantigas para chamar o espírito do cipó.

Os pajés são muito respeitados pelo trabalho que eles vêm exercendo: sarando as doenças malignas do povo. Mas alguns dos pajés diminuíram nossos parentes, por causa de desentendimentos entre o povo Manchineri. Vou relatar alguns acontecimentos de como surgiram esses tipos de maldades entre os parentes.

Às vezes, o jovem gosta de uma moça e os pais dela não aceitam o casamento. Daí, surge o desgosto ou desespero do rapaz, que começa a querer se vingar, fazendo maldade para aquela família. A partir daí, o pajé é procurado para mandar fazer maldade. A doença surgia em qualquer pessoa dessa família, pode ser pai, mãe, filho ou qualquer um deles. Por isso, as pessoas diminuíram, havia muitas mortes. Os nossos antepassados faziam isso somente para que este jovem não ficasse acanhado pelo povo.

Também se diz que o pajé tinha que ter quatro ou cinco mulheres. Às vezes ele pedia aos pais das meninas de oito ou dez anos de idade para se casar com elas. Quando a menina não queria o homem, por causa da idade que ele possuía, ou elas ainda não se sentiam responsáveis para exercerem certas atividades para o sustento do esposo, não o aceitavam. Porém, a menina tinha que ser enfeitiçada até a morte por não ter aceitado o casamento com ele, ou podia ser qualquer uma das pessoas daquela família. O pai ou a mãe podiam se acidentar: poderia

ser por picada de cobra, picada de raia, dor de cabeça, tumor no corpo ou outros tipos de doenças podiam surgir. E assim iam morrendo ou se matando entre eles por uma coisa simples de resolver, mas como é a nossa cultura, tinha que ocorrer esses tipos de acontecimentos no povo. O pajé faz isso não porque ele quer, ele está cumprindo uma negociação com o espírito com quem fez o trato. É ele quem obriga a fazer essas atividades espirituais, por que se não obedecer ao que foi dito para fazer, o pajé não terá poder de nada e com tempo perderá toda a sabedoria que foi repassada. Antigamente, quando uma pessoa queria ser pajé, tinha que cumprir todas as regras. Questão de comidas e bebidas, podiam consumir apenas certos alimentos que foram permitidos pelas pessoas quem estão dando a instrução. Assim, o pajé tinha toda a facilidade de concretizar qualquer tipo de curas espirituais.

Atualmente, muitas pessoas contam que ainda chegaram a conhecer um pajé que era muito malvado e estava levando à morte os próprios parentes. Cada semana morria uma pessoa, podia ser adulto ou criança. O pajé morava num igarapé que hoje em dia é conhecido por nome de Mamoadate. É um lugar afastado onde morou com a mulher dele.

Um dia o povo fez um acordo para matar o pajé. “Porque se deixar ele vivo ou mandar para outro lugar ele vai nos acabar com a morte”.

Todo mundo combinou que o pajé ia ser morto por sua má consci-

Foto: Jurandir Pereira da Silva

ência. Dizem que foram umas dez pessoas pintadas de urucum no rosto. Antes de chegarem na casa do pajé, eles combinaram novamente no meio do caminho a forma que eles iam chegar na casa do adversário. Duas pessoas ficariam sentadas pertinho dele conversando, e quando essas duas pessoas dessem um sinal (segredo), os outros pulariam em cima do pajé para amarrá-lo e aí açoitá-lo com pau até matá-lo.

Então, quando essas dez pessoas pintadas de urucum no rosto chegaram na casa do pajé, o homem mandou subir as dez pessoas e mandou a sua mulher desmanchar mingau de banana e todos beberam. Quando passaram uns dez minutos, as pessoas que tinham se responsabilizados para conversar com o pajé deram sinal para os outros, que pularam em cima do pajé e começaram a amarrá-lo e bater nele até matá-lo. Depois de matá-lo, fizeram um buraco, pegaram o corpo e enterraram.

Logo após tocarem fogo na casa, levaram a mulher que era do finado até a casa onde eles moravam. A partir daí era difícil morrer de feitiço muitas pessoas na aldeia, por que não tinha mais pajés de má consciência. Ainda existiam vários pajés, mas desses que tinham boas intenções de auxiliar o povo. Quando adoecia uma pessoa, bebiam o chá do kamalampi para que, com essa miração, descubrissem a doença da pessoa.

Ao decorrer do tempo, a população começou a aumentar novamente como anteriormente. Havia muitas moças e rapazes e entre eles iam se juntando ou familiarizando até que chegaram a formar um povo muito numeroso.

Os pajés manchineri, quando são formados, se transformam em dois tipos de espécies de animais como: onça pintada e cobra sucuri. Duas décadas atrás faleceu um parente nosso que era pajé formado. Durante a convivência dele, fez muitas coisas boas para os parentes, mas também deixou muitas pessoas tristes nas famílias por ter tomado a vida dos seus membros à morte. Até agora, existem algumas pessoas que sofrem das doenças enfeitiçadas (*kayinretlu*) que o pajé pôs nos corpos e ainda sentem e sofrem pela dor. Esse pajé se transformava em cobra e, quando entrava no rio, ao mergulhar os pés dele, pareciam como se fossem rabo da cobra, e quando saía da água vinha normal. E o outro parente que também era pajé faleceu quatro anos atrás. Ele se

transformava em onça pintada.

Essas duas pessoas, quando ainda estavam vivas, experimentavam entre eles, mas para eles não era coisa ruim, era uma diversão ou prática das atividades espirituais. Eles realmente sabiam pôr as maldades e tirá-las. Assim o povo Manchineri vivia segundo a cultura e costume tradicional.

Antes do contato

Antes do contato o povo Manchineri sempre morava junto, em harmonia, fazendo atividades em conjuntos, sem divisão. Mas, como sempre, não poderia faltar um indivíduo que criasse confusão. Por causa disso, depois de um tempo, o povo Manchineri se dividiu em dois grupos, até que chegaram a formar um conflito entre eles, levando-os à morte.

Começaram a se dividir: umas das famílias de parentes mais próximos (tio, tia, primo, prima, avó e avô) foram morar num lugar muito distante da outra família com quem criaram o problema. Por isso, tinham que ir muito longe daquelas pessoas e varavam a mata a procura de outro rio. Outros que ficaram no mesmo rio foram morar mais embaixo.

Os pais sempre contam para os filhos que antigamente viviam todos

Foto: Elcio Toya Severino da Silva Manchineri

juntos, mas por causa dos desentendimentos, que criaram os conflitos entre eles, foi onde começaram a se dividir.

Depois de muito tempo, as novas gerações decidiram ir à procura das pessoas que tinham sido expulsas pelos avós deles.

Um dia, dois irmãos já casados, que moravam no rio antigo, combinaram de caçar, como de costume. Enquando eles andavam caçando na mata a procura do sustento das suas famílias, o outro grupo, que fugiu para o outro rio naquela época que criaram a confusão, vieram para atacá-los com a intenção de matar todos os homens e levar todas as mulheres que tinham.

Os dois caçadores tinham matado dois macacos pretos, um para cada. Aí resolveram voltar para casa, e faltando mais ou menos 30 minutos para à chegar na aldeia, escutaram um barulho como se fosse uma festa, com pessoas gritando, achando graça e outros conversando.

Dizem que o irmão mais novo vinha atrás a certa distância do mais velho, e quando o irmão mais velho ia passando perto de um pau muito grosso que tinha na beira do caminho, foi quando o irmão mais novo escutou um barulhinho que estralou, e viu uma pessoa estranha apontando uma flecha no rumo do seu irmão. Logo, o mais novo chamou: "Irmão!" O irmão respondeu: "O quê?" "Escuta, esqueci uma flecha onde estávamos amarrando o macaco preto, agora quero ir buscar a minha flecha. Você tem que me acompanhar para chegarmos juntos em casa! Tá bom?" "Então, tá!" Encostaram a carga e voltaram para trás. Quando eles caminharam uns 50 metros, o irmão mais novo diz para o seu irmão: "Vamos logo, correndo!" Aí, eles correram até chegar a uma certa distância, o irmão mais novo começou a contar para seu irmão: "Irmão, não foi por que esqueci a minha flecha. É porque vi uma pessoa que ia te dar uma flechada nas tuas costas. Se você tivesse passado mais um pouquinho o cara ia te matar, foi por isso que eu te chamei. Agora, a gente não vai poder mais aparecer em casa, de repente os nossos pais já foram mortos. Só amanhã, bem cedo e devagar temos que ir até lá".

Quando o dia foi clareando, os irmãos se mandaram para ver se ainda tinha gente na maloca. Quando chegaram perto não ouviram mais nada de barulho. Já eram seis horas da manhã. Viram sangue, corpos

dos pais e nada mais. Foi uma tristeza muito grande. Tinham corpos dos homens, menos de mulher.

Passaram uns minutos de concentração - um deles diz: "Meu irmão, chegou o momento de nós vingarmos o sangue dos nossos pais! Agora vamos pela varação antes que eles passem naquela volta grande, onde tem a cachoeira. Aí, vamos esperar esses bandidos para que nos respeitem e nunca mais inventem de fazer essas coisas!"

Pegaram suas flechas e se mandaram na carreira. Quando chegaram à cachoeira, os indivíduos ainda não tinham passado. Uns minutos depois, escutaram um barulho lá embaixo que vinham fazendo festas pelas mulheres que traziam, achando graça, todos alegres, falando para as mulheres: "Você vai ser a minha! Aqueles maridos que vocês tinham eram vagabundos! Agora vocês vão ter maridos bons caçadores e guerreiros!" As crianças também foram mortas.

Quando se aproximaram, ouviram e reconheceram o choro e a fala de suas mulheres. Dizem que elas vinham chorando, lembrando dos seus maridos e filhos que foram mortos. Os criminosos vinham subindo em três canoas cheias de mulheres e homens, e diziam para as mulheres que calassem a boca. Os dois irmãos escutaram toda a fala

Foto: Élcio Toya Severino da Silva Manchineri

deles e já estavam prontos para começar o ataque, pois antes dos criminosos chegarem eles tinham preparado pedaços de pau e flechas.

Quando os criminosos chegaram à cachoeira, pediram para que as mulheres saíssem fora para puxar a canoa. Aí, os irmãos viram as suas mulheres chorando. E esse lugar do igarapé era só salão em ambos os lados e fundo. Antes de passarem a cachoeira, quando os criminosos estavam em função de fazer força, os dois irmãos começaram atirar as flechada nas costas dos homens e eles não tinham como fugir. Quando tentaram escapar para o rio abaixo, os irmãos foram esperar e quebraram a cabeça deles com pau. Todos foram deixados na praia, nenhum escapou.

Logo após, os irmãos foram buscar as mulheres e, com a mesma canoa, desceram novamente para o rio abaixo, com dois homens e muitas mulheres. Passaram direto do local onde eles moravam, viajaram muitos dias até que subiram em outro rio bem acima e por lá abriram um local novo e começaram a construir as suas moradias.

Esta história conta como o povo Manchineri vivia. Tudo isto acontecia antes de terem contato com a sociedade branca.

Desde aquela época, já vinha ocorrendo correria entre povos e parentes matando uns aos outros de flechadas e de feitiços. Mudando-se de um lugar para outro. Também dizem que naquela época existiam muitas onças que andavam de bandos, e muitos parentes nossos foram devorados por essas feras.

Assim aconteceu.

Jiwnu-sahi saxpalu-mta Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

O vestuário manchineri

Rosinete da Silva Manchineri Foto: Acervo FEM

Na nossa língua, koshma é o nome da roupa tradicional manchineri feita de algodão, fiado pelas mulheres. Pouquíssimas mulheres ainda fiam algodão, a maioria não pratica mais. Desde antigamente a mulher manchineri já vinha fazendo tecelagem de algodão. Elas faziam uns pedaços de pano para o uso pessoal, especificamente para as mulheres ocultarem a parte da vagina. Mas nem todas usavam, apenas a mulher que tinha coragem de fiar algodão e fazer. A mulher que não sabia fazer não tinha como se tampar, ela era nua.

O encontro com o povo Katiana

Os lugares mais habitados pelos Manchineri foram os igarapés do Mutum (*Paktshaha*), Monteza (*Pholokhala*) e Abismo (*Katsluksuha*). Alguns parentes nossos moravam no rio Purus, eles tinham uma varação que chegava até os rios Chandless, Yaco, Tawamanu e Acre. E não era só ali que tinha varação, também havia em outros lugares dos rios onde iam passar as férias deles durante na época de verão.

Então, a vida do povo Manchineri era dessa forma, sempre mudando de um lugar para outro a procura de boa convivência. Assim, um dia toparam com um povo chamado Katiana, só que a fala deles era diferente da fala do povo Manchineri. Dizem que algumas palavras se entendiam, mas não todas. O povo Katiana falava em outra língua. Só que eles naquela época já tinham contato com os caucheiros perua-

nos. E os peruanos já davam para eles terçados, machados, facas, panelas e cachorros.

Igarapé em cima de Extrema/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Um dia, quando os Manchineri toparam com o povo Katiana não fizeram nada. Esse povo não era valente ou de guerra. Claro que eles se defendiam quando outro povo os atacava. O povo Manchineri também era um povo que não era muito de briga. Só que às vezes apareciam alguns de má intenção que matavam outros parentes, aí o resto da família queria vingar. Então, a vida do Manchineri era isso. Mas para eles, mexer com outro povo era difícil. Agora, quando eram atacados por outros, eles tinham que se defender para não serem dizimados.

Um dia, dois Manchineri foram caçar e por lá toparam com um índio do povo Katiana. Tentou dialogar com ele, mas ninguém se entendeu. Os Manchineri voltaram e quando chegaram na maloca chamaram todos os parentes dizendo-lhes que encontraram um parente Katiana no meio caminho.

Um deles falou: "Quando eu perguntei de onde ele era, ele me respondeu, mas eu não entendi o que me falou. Eu acho que é do outro povo, mas me parece que esse povo é bom, eles não são de brigas. Porque se fosse de briga ele já tinha me matado. Mas ele não fez nada comigo".

Passaram uns dias, e os Manchineri foram de novo, até que chegaram onde os Katiana moram. Aí eles começaram a dar terçados velhos, machados e panelas velhas. Os Manchineri ficaram muito satisfeitos de terem recebidos esses presentes.

Antes de terem contato com o povo Katiana, o povo Manchineri pensavam que somente eles existiam no mundo, porque não viam outras pessoas distintas deles.

Dizem que o povo Katiana não sabia confeccionar nada de artesanato, como a tecelagem. Quando os dois povos fizeram mais amizades, as mulheres manchineri davam uns pedaços de panos de algodão para as mulheres katiana. Nem todas as mulheres manchineri sabiam fazer tecelagem. Esse pano era usado pelas mulheres para que não fiquessem mostrando a vagina, mas quem não sabia fazer não usava, ficava a amostra, era normal.

Foi o povo Katiana que nos fez conhecer o material de ferro. E assim sucessivamente iam fazendo essas trocas de objetos, até o cachorro foi conseguido por eles. Assim aconteceu o encontro com o povo Katiana.

Alimentação e plantação

Os mais velhos contam que naquela época o povo Manchineri não conhecia fogo. Dizem que eles comiam comida crua. Quando uma pessoa ia caçar, matava alguns animais como: mutum, macaco prego, macaco preto, porquinho etc. Primeiramente homens, mulheres e crianças comiam o fígado do macaco prego. Os meninos pareciam como alguns bichos, com as boquinhas cheias de sangue. A primeira comida que eles comiam era o fígado do macaco prego, como se fosse tira gosto.

Quando eles matavam um jabuti, bebiam todo o sangue. Dizem que o sangue do jabuti era mais gostoso, porque tem um gosto doce, por isso que eles adoravam muito mais que o sangue dos outros animais.

Assando macaco/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Ao decorrer do tempo, o povo Manchineri descobriu como é feito o fogo. Há duas formas de fazer: a primeira, é com duas pedras dando batida bem forte, e a outra, com um galho de pau seco com um pedaço maior esfregando-os encima do outro até pegar o fogo. Quando inventaram essa técnica, nunca mais

comeram cru. A comida que eles fazem é sempre na brasa. Quando matam um animal grande, as mulheres ficam cuidando para não deixar queimar e para que não fique cru. Outras pessoas enrolam com folha da bananeira para assar. Esse tipo de preparo é muito comum e a comida fica deliciosa.

Quanto à bebida ocorre a mesma coisa, por exemplo: a bebida caiçuma é feita de mandioca temperada com pó de milho ou arroz e batata doce. Ao segundo dia de preparo, a caiçuma já pode ser consumida. Passando quatro e cinco dias ela começa a fermentar e dá um porre desgraçado. Antigamente, não se bebia forte. Quando já tava no terceiro dia, a mulher desmanchava e fervia, para que assim não subisse a fermentação e ficassea do mesmo jeito, nem doce e nem forte. Mas depois, quando já tiveram contato com a sociedade envolvente, o povo imitou. O preparo de comida e bebidas típicas na cultura manchineri é deste jeito que eu acabei de escrever.

Foto: Elcio Toya Severino da Silva Manchineri

Para servir o alimento, desde antigamente, as mulheres manchineri já vinham fazendo cerâmicas: panela para cozinhar, panela para botar caiçuma, panela para pôr água e pratos. Dizem que a mulher que não sabia fazer cerâmica servia na folha do olho de uricuri e com isso servia o seu alimento para sua família.

Também vou contar sobre alguns alimentos cultivados nas aldeias. Primeiramente, plantamos a mandioca, que é plantada em forma de fila de uma distância de 90 centímetros uma para outra, e no meio delas a gente também planta milho e banana, que são sempre plantado a três metros de distância. Ainda no meio, plantamos inhame, cana, abacaxi e abóbora. Já o mamão é difícil de plantar, mas ele nasce por si mesmo.

O arroz é sempre plantado separado das outras plantações. Só é plantado com o milho em uma distância para não atrapalhar o crescimento do arroz. Estes são os tipos de alimentos que são plantados na minha aldeia. Todos são plantados em filas. A melhor terra para nós plantarmos é a terra arenosa, porque facilita o manuseio do solo e as sementes germinam sem falhar. Nas praias também plantamos outros alimentos durante o verão: melancia, feijão de corda, milho, abóbora e amendoim.

Quando for colhido o arroz e milho, o dono da terra limpa novamente para que seja semeado o feijão de "arranca", e quando ele for colhido, é plantada a maniva de macaxeira. Assim, o povo Manchineri utiliza a sua terra. Quando o arroz começa a soltar o cacho, a graúna e chupões invadem o plantio. Portanto, o dono tem que estar constantemente pastorando.

A macaxeira é utilizada para fabricar farinha e a bebida típica chamada caiçuma. Os outros alimentos plantados pelo povo Manchineri são: cana para chupar e fazermos mel, rapadura e garapa; e o abacaxi, que raras vezes se estragam, eles crescem até ficarem maduros e prontos para comer. Tudo o que produzimos é somente para o nosso consumo familiar. Algumas vezes, quando aparece alguém querendo comprar, as pessoas vendem, mas é muito raro. Estes são os alimentos produzidos pelo povo Manchineri que não podem faltar numa família.

Os bichos que estragam as plantas são: coelho, veado, porco da mata, cotia, paca, irara, japó, quati e graúno. Quando todo o arroz é colhido, plantamos o feijão no seu lugar e quando o feijão começa a germinar mais ou menos na altura de 10 cm, o coelho começa a estragar cortando as plantas.

A mandioca, quando começa dá batata, o porco do mato, a cotia e a paca começam a estragá-la. O veado sempre estraga só as folhas quando ainda estão pequenas. A irara e o japó gostam de estragar a banana madura e o mamão. O quati estraga o milho. O graúno sempre estraga os grãos e os milhos.

A descoberta da farinha de macaxeira

Torrando farinha na aldeia Santa Rosa/Foto: Acervo FEM

Dizem que, quando uma das moças viu a farinha, ela foi pegar um punhado com a mão para experimentar que tipo de gosto tinha. Quando as mais velhas viram que a moça estava comendo a farinha, elas começaram a dar carão nela. Dizendo-lhe: "Agora você já vai morrer, isto é veneno!" Mas ela desobedeceu e continuou comendo, e disse: "Eu já comi um pouco, se for veneno vou morrer, e se não for, não acontecerá nada". O nome para veneno na língua manchineri é chamado de *kapahaje*.

Antes de acontecer alguma coisa com a moça, algumas velhas já estavam chorando pensando que ela fosse morrer.

A moça pegou um vaso cheio de farinha e convidou outros parentes para que eles também comessem, mas nenhum deles se atrevia a comer. Uma mulher já velha estava catando o caroço da farinha, caroço por caroço, até que achou um pedaço de casca da macaxeira. Aí ela conheceu que a farinha era feita da macaxeira e não era um veneno, mas uma comida.

Aí, todos viraram para olhar, mas ainda estavam desconfiados. Chegou a noite e a moça nada de morrer. Assim, o povo Manchineri descobriu que a farinha é feita de macaxeira, só que não tinham a prática de como era feita.

As armas

A arma que o povo Manchineri vinha usando, desde a antiguidade, é o arco e a flecha. O arco é composto com uns pedaços de pupunha brava, lavrado com terçado e enfeitado com faca. A corda do arco é feita da casca de um tipo de imbaúba encontrada na terra firme. Para ser feita uma flecha a ponta dela tem que ser de um pedaço de pupunha brava, taboca, envireira ferro, ou ossos de alguns animais. Atualmente são usados pregos ou um pedaço de ferro, eles são enfiados na ponta de um pendão de cana brava. A flecha feita especialmente para matar caça tem na ponta dela veneno de um látex extraído de uma madeira misturado com folhas da mata.

Variedades de flechas/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Francisco Alves Foto: Acervo FEM

Quando um bicho é acertado em qualquer lugar de seu corpo, só poderá correr uns 10 ou 20 metros de distância, pois o veneno fará efeito e o bicho ficará morto. Se o animal for de porte grande como a anta, veado, porquinho, queixada, o veneno fará o mesmo efeito.

Quando o povo Manchineri fazia a guerra, também passava veneno em todas as pontas das flechas para quando o adversário fosse atingido não sobrevivesse. Na outra ponta, passava duas asas de aves para o guia da flecha ir ao rumo onde for lançado.

A flecha para matar peixe é feita em outro estilo. Até agora é usada essa arma nas comunidades indígenas. O preparo do veneno só é feito pelos mais velhos. Por estas razões, não se pode brincar com a flecha,

pois ela também é uma arma muito perigosa. Há flecha para fazer brincadeiras, como para competição de quem acerta mais, que não são envenenadas, são somente para demonstração ou prática.

Também os velhos contam que, antes de conhecerem as facas e outros materiais, eles faziam suas flechas com dente de paca. Era muito demorado para fazer, mas como naquela época eles não tinham muitas preocupações como hoje a gente tem, as flechas eram bem feitas com muito carinho.

O contato com os peruanos e os bolivianos

Na pela primeira vez que o povo Manchineri teve contato com os caucheiros peruanos e os bolivianos, houve muitos conflitos contra os índios por causa da seringa e caucho que vinham extraindo. Quando os caucheiros viam alguns indígenas na mata eles os matavam de imediato, sem nenhum respeito. O território ocupado era dos índios, porque os seus ancestrais já vinham ocupando aquela terra. Foi ali onde surgiram e se criaram com muitas sabedorias.

Naquela época, o preço do látex no mercado estava muito elevado e, por conta disto os brancos cada vez mais iam invadindo a floresta e ameaçando os donos da terra. Quando os brancos topavam com os indígenas, formavam logo a guerra. Os caucheiros atacavam com armas de fogo e os índios se defendiam com arcos e flechas. Os brancos que foram atingidos pelas flechas também não sobreviveram. Portanto, o povo indígena tinha que se mudar para outro lugar a procura de paz e harmonia. Cada vez mais os indígenas, homens, mulheres e crianças, estavam desaparecendo. Eram os bolivianos que mais nos perseguiam para nos exterminar.

Um dia, dois Manchineri foram pescar de flecha no rio e se ocultaram numa moita para que não fossem vistos por um grupo de pessoas que estavam viajando pelo rio acima, levando mercadorias, especialmente ranchos enlatados para os seus trabalhadores. Os Manchineri pensaram que, quando estivessem mais próximos, ambos teriam um

diálogo. Mas, ao se manifestarem frente a eles, foram conversar e ninguém se entendeu. Os índios não tinham como fugir. Então, uma dessas perssoas foi pegar um punhado de açúcar e farinha e deu para os índios comerem. Os Manchineri provaram açúcar e acharam uma delícia, já a farinha não tinha gosto nenhum. Também deram de presente uns objetos como: sal, bolacha, fósforos, açúcar e algumas roupas para se vestirem. Assim que os brancos sumiram da vista deles, começaram a jogar dentro da água todas as coisas que tinham ganhado. Dizem que a caixinha de fósforos e as bolachas iam baixando em fileiras. Só levaram o açúcar até a maloca para mostrar ao líder que tinham encontrado pessoas estranhas, mas que não fizeram nada com eles. Ao contrário, deram muitas outras coisas que deixaram na praia e as outras lançaram no rio.

Assim, os Manchineri, juntos, iam tendo mais amizades, até que um dia os convidaram para extrair o látex do caucho e receberam muitas fardas de açúcar. Só que não conviviam juntos. Foi aí onde o povo Manchineri começou a ser escravo pelas mãos dos patrões caucheiros peruanos. Quando os indígenas completavam dez bolas de caucho, o próprio cacique era quem ia deixar os produtos, acompanhado de apenas três pessoas, e os outros voltavam das proximidades para que não fossem vistos. Os bolivianos continuavam perseguindo-os. A tendência deles era acabar com todos os índios que habitavam a floresta.

Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Assim, o povo Manchineri foi conseguindo alguns objetos como: terçado, machado, faca e panelas. Essas coisas, por uma parte, facilitou a sobrevivência do povo. Destes objetos, os terçados e facas eram mais

úteis para os homens, e eram importantes para uma família ter. Com o tempo, alguns indígenas conseguiram entender a língua espanhola. Nesse tempo, na maloca onde eles viviam, tinham poucas pessoas, comparadas antes de acontecer a correria. Muitas pessoas desapareceram por causas dos caucheiros ambiciosos.

Antes de tudo isso, os índios não tinham com que se preocupar, principalmente com roupa, sabão, sal, sapato, munição etc. As preocupações nossas eram só com o alimento e as coisas da nossa cultura tradicional.

Então foi assim por muito tempo e o povo Manchineri já tinha encontrado os caucheiros peruanos e os bolivianos. Mas antes disso, os bolivianos e alguns peruanos já tinham matado muitos índios. Como os bolivianos e os peruanos estavam atrás de tirar o caucho para ganhar dinheiro, eles iam cada vez mais ao fundo da mata até que os bolivianos encontraram o local onde os índios moravam. Os bolivianos sentiram medo e começaram a soltar bala em cima dos índios. Então, os índios tinham que se defender para não serem acabados. Eles também mataram muitos bolivianos e peruanos com flechadas nas costas.

Os índios Manchineri tiveram contato com os peruanos que sempre viajavam pelos rios e os índios só nas cabeceiras dos igarapés. Um dia, dois Manchineri foram andar no rio na época do verão. Quando

Mulheres na canoa/Foto: Acervo FEM

os índios iam baixando pela praia, os peruanos já tinham avistado eles. Quando ficaram mais próximos, os peruanos saíram na frente deles, mas sem intenção de querer fazer algo mal, e os índios também não estavam com planos de fazer nada para os peruanos. Eles estavam só a procura de arrumar outro local onde pudessem estar mais sossegados ou melhorar as relações com outros povos para não serem mais acabados.

Os peruanos deram açúcar, sal, fósforos etc. Dizem que os índios Manchineri recebiam, mas depois jogavam na mata porque para eles não lhes serviam para nada. O açúcar, eles comiam porque era doce. Os Manchineri iam mesmo em busca de açúcar, terçado, faca, machado etc.

Os peruanos começaram a mandar que trabalhassem para que tirassem o caucho, foi onde eles começaram a trabalhar. Todos os homens trabalhavam e faziam muitas bolas de cauchos. Quando iam entregar essas bolas apenas o cacique ia lá com dois ou três acompanhantes nunca com um monte de gente. Daí pouco a pouco os índios já estavam entendendo algumas palavras em espanhol. E os bolivianos ainda continuavam matando os índios. Eles queriam acabar com tudo.

O trabalho com o caucho

Os igarapés mais habitados pelos Manchineri era o igarapé Mutum, o igarapé Monteza e o igarapé Abismo. São esses três igarapés onde o povo Manchineri habitou desde o início.

Os peruanos levavam os índios até o rio Tawamanu carregando nas costas as bolas de caucho e de lá eles traziam mercadoria também nas costas. Dizem que quando os peruanos queriam ir para a cidade os índios varejavam até chegar na varação de outro rio chamado Tawamanu.

Os patrões iam sentados dentro da canoa. Quando chegavam na varação, os índios puxavam a canoa e os patrões dentro da canoa com sua família, até chegarem ao outro rio. Eles puxavam dias e dias para que pudessem chegar no rio. De volta, era a mesma coisa. Para o índio

Manchineri, foi quando começou o seu cativeiro.

E assim, passaram muitos anos trabalhando com os peruanos. Também dizem que outros patrões peruanos eram conscientes. Mandavam trabalhar sem apressar a pessoa, mas dizem também que tinham outros que eram maus. Eles mandavam os índios trabalharem bem cedinho até muito tarde, sem ter boa alimentação. O patrão açoitava o índio, daí o índio fugia e o patrão continuava açoitando os outros.

Às vezes, fugiam muitas pessoas que depois se vingavam do patrão pelo que foi feito com elas. Depois de um tempo, os índios voltavam lá no patrão para matá-lo. Outros patrões também foram mortos pelos índios por seus comportamentos maus.

Alguns Manchineri continuavam extraindo látex do caucho. Quando o caucho já ficou muito distante, tinham que se mudar para outro lugar onde era mais fácil, e assim iam passando os dias de convivências. Naquela época a cultura ainda era muito forte e em qualquer lugar que eles chegavam era praticada.

Os indígenas trabalharam muito tempo com os patrões, mas não tiveram nenhum tipo de retorno que lhes pertencia pelos sacrifícios com esses patrões.

Vou escrever um relato do finado José Cabral Manchineri falecido em 1998:

"Certa vez, um de meus tios tinha me levado para a extração de látex. Era um sofrimento muito grande. Eu tinha de oito para sete anos. O patrão mandava o meu tio trabalhar sem parar juntamente com as outras pessoas que tinham lá. Um dia o patrão os chamou para irem ao rio Tawamanu. Subimos pelo rio e entramos no igarapé Abismo até que chegamos a foz do outro rio. Bem no meio dessa terra começamos a puxar a canoa carregada de caucho e pessoas. Quando for mais ou menos cinco ou seis dias de viagem, o meu tio diz para mim: ´Aqui é a metade da viagem para podermos chegar noutro rio´. Como outras pessoas já tinham trabalhado vários meses e nunca foram tratados bem, uma noite, começaram a fazer um acordo entre eles para matar o patrão. Todos combinaram tudo.

No dia seguinte, mais ou menos umas quatro horas da tarde, pararam para descansar, mas o patrão não deixou e quis que continuassem trabalhando até escurecer. Como os índios eram umas quarenta pessoas, pularam em cima do chefe e mataram ele. Parece que alguns deles fugiram. Nesse dia vi uma coisa muito medonha. Aí meu tio disse para mim: ´Vão embora!´ Então, entramos na mata sem destino e sem ver as outras pessoas que iam juntas com a gente. Andamos pela mata sem rumo, sem saber aonde ir. No quarto dia de andança, saímos num igarapé e começamos a descer até que chegamos ao rio Yaco e dele fomos até nossa família. Foi isso que vi acontecendo com os meus próprios olhos quando ainda criança. E por isso todos os afluentes do rio Yaco tem muitas bananeiras que os nossos antepassados plantaram."

Foi assim que o finado José Cabral Manchineri me contou este acontecimento que ele viveu com seus antepassados.

Foto: Marcos de Almeida Matos

A chegada do patrão Moisés Avelino

O povo Manchineri tinha só um grupo e poucas pessoas, apenas o que habitava o igarapé Mutum, pois os outros grupos que moravam em outros igarapés já tinham sido mortos.

Um dia, esse grupo do igarapé Mutum - o resto do povo Manchineri - quando estava tão sossegado na maloca deles, viram uma coisa muito estranha que nunca tinham visto antes. Era uma baleira que o pessoal vinha varejando com muita gente. Eram os brasileiros que vinham comandados por um patrão chamado Doutor Moisés Avelino Chaves de Souza. Eram umas 30 pessoas.

Quando os índios viram isso, os velhos disseram para os mais novos homens, mulheres e crianças para que se escondessem e ficassem na expectativa, caso começasse um tiroteiro. E que eles poderiam se acudir. Só ficaram os velhos, homens e mulheres mesmo. Eles logo pensaram que não tinham mais jeito de escapar da morte, porque todo tempo eram perseguidos até serem acabados.

Quando os velhos estavam cozinhando carne de anta numa panela de cerâmica com todos os índios sentados ao redor do fogo, a baleira encosta no porto. Logo o patrão vai dizendo: "Oh, meus caboclos, tudo bem?"

O patrão foi diretamente pegar a mão do velho que era chefe. Depois de cumprimentar, abriu a tampa da panela - que era a folha de sororoca - pegou um pedaço de carne e colocou na boca para comer. Mas a comida era sem sal, toda insossa. Dizem que os índios Manchineri não entendiam absolutamente nada. Primeira vez que eles tinham escutado a língua portuguesa.

Diziam que o patrão falava muito. O que eles falavam mais ou menos sobre o que dizia o patrão era assim: "Pessoal, tragam sal para temperar esta comida que tá sem sal!" Os tripulantes saíram da baleira trazendo sal e farinha. Começaram a colocar sal dentro da panela e comeram tudo o macaco na brasa que tinha ali, comeram tudo. Depois de comerem, o patrão mandou que o pessoal dele tirasse os sacos de sal, açúcar, paneiros de farinhas para o pagamento dos índios.

Cada família recebia um tação cheio. Os índios começaram a provar que tipo de gosto tinha cada um desses alimentos que receberam: sal e farinha. Dizem que tinham um gosto muito ruim, agora o de açúcar dizem que era muito gostoso.

Dizem que uma velha pegou o tação de farinha e foi derramar. Só os cachorros aproveitaram.

O patrão subiu com seu pessoal numa casa desocupada e todos dormiram lá. Quando deu uma ou duas horas da madrugada escutaram um barulho, eram os bolivianos que já vinham para acabar com o povo Manchineri.

Quando o doutor Chaves, o patrão, escutou esse barulho e reconheceu que era zoada de armamentos, mandou logo seu pessoal para que se aprontasse e chamou os índios para receberem o armamento.

Antes de acontecer alguma coisa, o patrão gritou: "Quem são vocês? Podem sair antes que eu acabe matando todos vocês!" Quando os bolivianos ouviram essa voz, saíram. Dizem que o patrão falou a eles para nunca mais voltar nesse lugar. "A partir de hoje, estes caboclos são meus! Eles trabalharão comigo!" Dizem que o patrão brasileiro, payri phuru, falou para os bolivianos que já podiam ir, mas que tinham que deixar todo o armamento que tinham trazido. Dizem que foi assim mesmo, os bolivianos deixaram tudo e voltaram sem nada.

O patrão continuou indo mais para cima. Quando voltou de lá, deixou mais coisas ainda para os Manchineri. Muitas caixinhas de fósforos. Depois de um tempo, quando eles pegaram catarro, foi um prejuízo para todos porque algumas crianças e mesmo os adultos morreram por causa do catarro. Antes dos Manchineri terem contato com os brancos, não conheciam gripe nem catarro e nenhum tipo de doença do branco.

Foto: Jurandir Pereira da Silva

Quando as mulheres, as crianças e todo mundo já estavam tossindo, começaram a

pegar as caixinhas de fósforos e jogaram dentro do rio. As caixinhas de fósforos iam baixando muito rio abaixo em fila. Então, culparam o fósforo que tinha dado aquela doença - gripe e catarro. Claro que sim, porque todas as coisas de fábrica têm um cheiro muito diferente, e pra eles que nunca sentiram cheiros da cidade, tinham que pegar doença mesmo. Então o acontecimento foi nesse sentido, como foram os primeiros contatos do índio Manchineri com o branco.

O trabalho com os patrões brasileiros

Dizem que quando o doutor Moisés Avelino Chaves de Souza chegou no seringal, contou para o pessoal que encontrou um povo indígena que estava habitando a cabeceira do igarapé chamado Mutum. Não demorou muitos dias e ele já estava se aprontando novamente para dar mais uma viagem no local dos índios que havia achado. Mas não foi que ele achou o povo Manchineri primeiro! Porque antes dele encontrar o povo Manchineri, nós já estavamos trabalhando com os patrões peruanos. Agora o Moisés salvou a vida dos Manchineri porque se ele não tivesse chegado nesse dia na maloca, os bolivianos já iam matar todos os Manchineri. Então, foi o doutor Moisés Avelino Chaves de Souza que salvou a vida do povo Manchineri.

Quando o doutor chegou novamente na aldeia, ninguém mais se escondeu. O patrão brasileiro, para agradar os índios, trouxe muitas mercadorias daquelas que eles mais precisavam, e naquela época eram ferramentas como terçados, machados e facas. Dizem que naquela viagem o patrão começou a levar muitos rapazes para trabalhar, só os velhos e mais novos ficavam. Na próxima viagem foi outro patrão irmão dele mesmo. Os índios ficaram esperando os seus filhos que nunca mais apareceram. Perguntavam para os patrões e eles diziam que estavam trabalhando.

Depois que os índios já estavam mais acostumados de conviver com os brancos, foram todos duma só vez para os seringais, trabalhar cortando seringas para os patrões. O seringal mais próximo era o Guanabara. Dizem que quando os índios chegaram no seringal, foram divididos em duas ou três famílias. Foi quando o povo Manchineri começou a vestir roupa, temperar um pouquinho de sal na comida e outras coisas mais.

Naquela época, não sabiam o que era conta bancária ou saldo. Eles trabalhavam só para o patrão. Aí, começaram novamente serem cativos. Primeiro, foram pelos peruanos. Os patrões mandavam os índios trabalhar de dois ou três dias de viagem, só as mulheres ficavam. Os patrões bagunçavam com as mulheres e as filhas dos índios que ficavam em casa. Os índios passaram muito tempo nas mãos dos patrões brasileiros. Os brancos começaram a dar bebidas alcoólicas, fumo e tabaco aos índios e ensinavam a dançar forró também.

Os índios cada vez mais acostumados com os costumes dos brancos, iam caçar com espingarda e não levavam mais a flecha. As mulheres cozinhando com panelas novas da fábrica, deixaram de fiar algodão para fazer os panos, pois recebiam cortes e fazendas para vestir. Era mais fácil. Assim, os índios iam perdendo sua cultura e seus costumes. Para eles, a vida já estava melhor do que como era antes quando viviam na mata. Só os homens trabalhando todos os dias. Quando uma pessoa tinha filho de 8 a 10 anos de idade levavam seus filhos para a estrada de seringa. Até as crianças sabiam cortar seringa e quando tinham 12 ou 13 anos, iam sozinhos para cortar em outra estrada. O patrão dava roupa, terçado, faca e uma espingarda. Essas coisas eram para trabalhar a vida toda.

Foi nessa época que os brancos proibiram os Manchineri de falar a sua própria língua. Éramos criticados. Falavam que a nossa linguagem era feia. Isso fez com que a gente perdesse muitas coisas de nossas tradições, nos fazendo acreditar que só a cultura do branco era a melhor. Foi dessa forma que o povo anchineri chegou a conviver com a

Foto: Jurandir Pereira da Silva

sociedade envolvente. O povo Manchineri não podia mais praticar suas danças típicas porque era difícil dos homens estarem junto de suas famílias. Os jovens manchineri viviam praticando no ritmo dos brancos bebendo bebidas alcoólicas. Mesmo assim, os mais velhos não deixaram de praticar a dança, a cantoria, a língua, a preparação de alimentos tradicionais e mais outras coisas que atualmente sabemos. Estes são segredos que ninguém pode ficar dizendo ao público.

Contagem e medição manchineri

Segundo o que o meu povo relatou numa pesquisa realizada por mim sobre a forma que a gente media as horas, me falaram que quando era de madrugada a gente sabia pelo canto do capelão. Quando ele começava a cantar era quando uma pessoa tinha que ir para algum lugar naquele momento, tinha que estar em pé preparando-se para fazer sua viagem, ou quando a mulherada começava a fazer fogo.

As divisões do ano, o povo Manchineri conhecia dois períodos: o primeiro, quando via florear mulateiro diziam: "Já vai começar o verão!" Também quando chegava a friagem bem forte de três até cinco dias, diziam: "Já estamos no verão!" Porque só depois da friagem, o sol já vai começar a aquecer muito. Aí já era para começar a caçar, pescar, varar pelo outro rio e visitar outros parentes. Porque era o tempo que facilitava viajar, ninguém se preocupa com a chuva, dava para ir atrás de ovo de tartaruga, dormir na praia à vontade, fazer cantoria, se casar e tomar banho no rio com a água bem cristalina. As noites ficam bem saudáveis quando é noite de lua e outras coisas mais.

O segundo período do ano, é quando começa a trovejar e a água começa a toldar, já sabemos que o inverno está próximo de chegar. Tem que voltar para a maloca para passar todo o inverno. Antes não se sabiam dos meses, apenas as divisões do tempo: chuva e verão.

Na época da lua nova, quando a lua aparece um pouco torta, dizem que vai chover nesse período. Quando a lua é toda bem direitinha, dizem que vai ser verão. Também quando é a lua nova, não é para plantar, só pode ser plantada a cana para que sejam compridas. E quando é lua cheia é para plantar quase todo tipo de legumes para que sejam baixos e fortes. Também no mesmo período a gente pode construir casa, canoa, remo, flecha e cerâmicas para não apodrecer logo.

Cada vez que é lua nova, dizem que já é outro mês. Na língua manchineri não tem significado do mês. Nós só falamos outra lua. "Já estamos na outra lua."

Construindo canoa/Foto: Pirip Kristiina Virtanen

As mudanças

Esta é uma história verdadeira que se trata do que aconteceu com o nosso antigo povo Manchineri. Os velhos contam que antigamente ninguém podia dormir às 2, 3, 4 ou até 5 horas da manhã porque quando os povos indígenas, mesmo parentes Manchineri e outros povos, se guerreavam e atacavam sempre de meia noite pra frente. Era por isso que os velhos mandavam os filhos dormirem cedo, ao anoitecer, e tinham que acordar à meia noite.

A partir daquela hora, todos os meninos ficavam despertos, sentados e esperando de onde ia sair o barulho do atacante. Mesmo se não houvesse nada, tinha que ser assim por toda a vida da criança, até ela se acostumar, por que se algum dia quando fossem atacados não seriam mortos e quando ouvissem os inimigos, podiam fugir. Apenas os velhos ficavam dormindo até o amanhecer porque já tinham ou já sabiam como fugir na hora de ataque.

Até hoje, alguns velhos chamam os filhos para acordarem cedo, mas os filhos de hoje em dia não fazem mais isso. Eles já pegaram todo o costume do branco (brasileiro). Dormem tarde, que hoje é entre 9 e 10 horas da noite, e se levantam tarde, que para nós é 5 horas da manhã.

Antigamente, os pais já vinham ensinando a seus filhos os assuntos que serão úteis para a vida dele. Por exemplo: quando o filho tinha de seis anos para frente, a obrigação do pai era fazê-lo se levantar às 2 horas da madrugada para ir ao rio tomar banho. A patir desta hora ninguém dormia mais. Depois do banho, voltavam para a barraca, atiçavam o fogo e começavam a se aquecer ou naquela hora mesmo já começavam a construir flechas. Os pais sempre lhes dando instruções para que sejam respeitosos, obedientes, trabalhadores, caçadores e colaboradores uns aos outros.

Quando davam, 5 horas da manhã, algumas pessoas já iam caçar e exercer outras atividades cotidianas. Ninguém estranhava por que era um costume que todas as pessoas tinham que passam por essa etapa. Os antigos faziam isso como preparatório para as pessoas, que quando fossem atacadas numa guerra, saberiam se defender e escapulir do outro povo que era acostumado a atacar de meia noite para frente, quando todos estavam dormindo. Por esta razão se faziam todos estes processos.

Também naquela hora era para beber o chá de sanango, planta nativa que serve para fortificar a pessoa. Ainda hoje quem é acostumado a beber este chá é difícil pegar enfermidade, o corpo da pessoa fica flexível com muita resistência e bom de pontaria de flecha. O chá os ensinava também saber diferenciar as plantas medicinais das suas utilidades. Têm ervas específicas para curar a picada de cobra, raia, tarântula, corte de taboca, colpe de terçado, flechada, espingarda e outras mais. As pessoas preparam o chá, o paciente bebe um pouco e o resto passava na ferida. Só podia ser tratada duas ou três vezes. Se fosse golpe, logo cicatrizam, e se fosse picada de cobra, a dor passava e não infeccionava. Este conhecimento ainda é muito usado quando ocorre acidente no meio do povo.

Antigamente não se usavam os remédios que hoje em dia usamos. O povo Manchineri tinha seus remédios especiais para certas doenças e acidentes, usavam ervas medicinais que, usando poucas vezes, a pessoa já ficava boa.

Os outros parentes Manchineri viviam em outros igarapés. O povo Manchineri não morava junto. Vamos dizer que em parte, viviam juntos, mas às vezes, por qualquer briga entre os prórios parentes, podia ser por causa de uma criança ou por causa de uma mulher para começar o desgosto de uns com os outros. Dizem que eles se dividiam, um grupo morava rio acima e outros mais embaixo.

Quase a maioria dos conhecimentos antigos ainda está viva e muito praticada dentro do povo, que são as medicinas tradicionais. O costume que está mais esquecido é a construção de arco e flecha. O povo acostumou usar arma de fogo como espingarda e rifle 22. Outro costume que esquecemos é levantar cedo e tomar banho. Hoje em dia, com a nova geração, mudou muito a vida do povo Manchineri, mas ainda existem pessoas que fazem flecha e são eles: Chico Alves, Chico Tshasho, Rui e Jaime. Estas pesoas ainda fazem e usam até hoje.

Pintura manchineri/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Sobre os costumes mudou um pouco, por exemplo: antigamente, o povo Manchineri não conhecia fogo e por isso comia cru. Isso ninguém pode dizer que é mentira, pois é verdade. Existem alguns Manchineri que até hoje em dia assam

carne na brasa só sapecando mesmo, porque a gente vê dentro da carne o sangue, mas eles não se importam e comem assim mesmo. Com o peixe, ocorre a mesma coisa, tudo sapecado. O osso todo com sangue, mas os Manchineri chupam o osso com sangue e tudo. Quando assam o casco de jabuti, o casco solta o líquido de dentro dele em forma de banha, de cor vermelha, e as pessoas bebem este caldo nesse momento. Então, a gente fica prestando atenção a estas coisas ou quando averigua o passado, eu acho que cada família ainda continua com o sistema dos nossos antepassados, não fazem mais igualzinho como os antepassados faziam, mas fazem mais ou menos nesse sentido.

Igualmente com a fala. Antigamente o povo Manchineri tinha umas palavras muito diferentes que hoje em dia o povo fala. Quando uma pessoa fala essa palavra antiga as pessoas não entendem mais. Tem uma palavra que é usada atualmente, quando uma pessoa chega na casa do vizinho e fala - *Hewinapkapa*! Que quer dizer: "Venho passear!" Mas, a palavra usada antigamente era - *Nyowajewnapa*! Hoje, só os velhos falam desse jeito. Quando um velho fala assim, os mais novos não entendem o significado dessa palavra. A gente conhece essa palavra só pelo significado, mas não é mais usada. Além desta palavra, temos mais outras que não estão sendo mais usadas.

Muitas vezes, escuto alguma discussão entre os parentes ou entre índios de outra nação. Quando, eles dizem: "Antigamente, o índio era mais sossegado, não tinha nada de preocupação". Eu acho que, em parte, eles estão certos. Naquela época, o índio não se preocupava de ter roupa, sabão, panela etc. Como hoje em dia a gente tem essa terrível preocupação. Mas, desde aquela época, já existia correria entre os próprios índios, que se matavam entre si a flechadas. Por isso, eles se mudavam de um canto para outro. Também, naquela época, existiam muitas onças que andavam de bando. Alguns de nossos parentes foram mortos por essas feras.

História da Terra Indígena Mamoadate

Crianças da aldeia Extrema nos anos 1980. Foto: Nazaré Alves Silva Manchineri

A conquista da Terra Indígena Mamoadate

Vou escrever um texto falando da história sobre a conquista da nossa área. O povo Manchineri já morava ou ocupava esta terra desde muitos anos atrás, no rio Yaco e nos seus afluentes. O povo Manchineri estava sendo acabado e morto pelos caucheiros bolivianos e peruanos, e quando estavam cercados pela guerra, chegou um brasileiro chamado Moisés Avelino Chaves. Foi ele quem libertou da morte o meu povo. Este foi o primeiro contato que tivemos com o branco. A partir daí, ele começou a nos levar para o seringal. Os Manchineri começaram a trabalhar cortando seringa para os patrões e eles tiveram que deixar seus lugares tradicionais. Cada família morava separada numa colocação.

Quando foi o ano de 1970, vieram umas pessoas da cidade para procurar o mais velho para conversar. Naquela época, o mais velho trabalhador era o finado: José Cabral Manchineri. Quando uma turma de mais ou menos 50 pessoas estava brocando, na fazenda do Antônio Canhiço, chegou um cara que não conhecíamos, mas que talvez era da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Ele começou a perguntar de tudo e o velho explicou o que aconteceu com ele. Quando passaram três anos chegou uma equipe dizendo que a partir daquele dia cada povo indígena ia ter suas próprias aldeias para morar.

Em 1975 começaram a se perguntar sobre algumas famílias que tinham ido para um lugar chamado Extrema. Apareceu a FUNAI trazendo muitas mercadorias e com isso o pessoal se animou mais e foi morar na Extrema. Nem todos ficaram no mesmo lugar, uns ficaram um dia de viagem ou meio dia para chegar até a sede.

Segundo o relato do José Cabral Manchineri, a história da conquista da Terra Indígena Mamoadate foi assim:

> *"Houve uma época que estivemos trabalhando na fazenda Petrópolis com o seu Antonio Brasil Caniço. Éramos mais ou menos cinquenta pessoas brocando a mata para plantio de capim. Eu fui a pessoa que ministrava todos os trabalhadores da parte indígena, ou seja, o capataz. A nossa vida era trabalhar para o patrão para*

podermos conseguir alguns objetos que precisávamos para o sustento da nossa família.

Um dia pela parte da tarde, assim que iniciamos o nosso trabalho, chegaram dois parentes dizendo que havia chegado umas pessoas que vieram de Rio Branco querendo conversar comigo. Falei para o pessoal que continuasse com o trabalho que eu ia atender a chamada das pessoas que estavam me procurando. Quando me manifestei perante eles, perguntaram logo se eu era o líder. Falei que não. 'Sou apenas um dos responsáveis das pessoas no trabalho.' Eles me fizeram muitas perguntas do tipo: de que forma estavávamos sendo tratados pelos patrões, se estamos sendo respeitados, se estamos adequados no meio dos brancos, ou se gostaríamos de ter uma terra própria. Quando falou sobre a terra, logo respondi: 'Sim queremos uma terra!' Falaram para mim se queríamos que fosse abrangida toda a fazenda. Eu disse que não. 'Tem que ser uma terra isolada só para nós, os indígenas.' Anotaram nos seus cadernos todas as perguntas que me fizeram e depois se despediram nos dizendo que em breve estariam retornando com as boas notícias.

Passaram-se três anos e sem que esperassem a resposta, chegaram duas pessoas dizendo que 'A partir de hoje o povo Manchineri pode se mudar para a Extrema. Lá será construída uma aldeia.' A partir daí começamos a subir rio acima.

Chegando lá, primeiramente foram feitos os roçados e depois foi construída uma pista pouso de avião e todos foram concluindo suas casas. Os Manchineri que ainda moravam nos seringais também foram morar lá. Algumas famílias abriram outros locais nas proximidades da aldeia Extrema.

Com pouco tempo, chegou uma pessoa da FUNAI de nome José Meireles, que foi o chefe de posto da Terra Indígena Mamoadate. A partir daí, começou a chegar muitas mercadorias para os índios. Desde o início esta terra foi habitada por dois povos: Manchineri falantes de uma língua que pertence ao tronco linguístico Aruák e povo Jaminawá cuja língua pertence ao tronco linguístico Pano. O líder do povo Manchineri era José Urias e dos Jaminawá e José Correa. Eles juntos e as demais lideranças de outros povos estavam lutando para que a terra fosse demarcada. Fizeram muita luta até que conseguiram que nossa terra fosse demarcada.

Em 1985, chegou o programa de demarcação da terra Mamoadate,. Foi neste ano também que eu tinha chegado da outra maloca (poktshi), Chegaram várias pessoas de Rio Branco, os técnicos quem iam fazer o pique. Nesse meio, nós, os Manchineri, fomos incluídos. Foi no dia de 07 de setembro, quando iniciaram o pique formado de seis grupos de pessoas. Um grupo entrou da aldeia Betel, outro foi no igarapé Mamoadate e dois grupos entraram da aldeia Extrema, mais um grupo foi para o outro lado do rio e o último grupo entrou também na mesma aldeia Betel. Os componentes deste grupo foram: Zé Barrão, Rero, Jaime, Otávio, Francisco Makluji, Chico Tampa, Normando, Shloha e mais quatro pessoas brasileiras que vieram de Rio Branco. Tudo foi concluído no mês de fevereiro de 1986. Esses foram todos os processos para que possamos conquistar a Terra Mamoadate."

Crianças da aldeia Extrema nos anos 1980. Foto: Nazaré Alves Silva Manchineri

Atualmente, a Terra Indígena Mamoadate é ocupada por nove aldeias manchineri e cinco aldeias Jaminawá. Como já foi dito no texto do finado José Cabral, a minha terra indígena que é habitada por esse dois povos, os Manchineri - que falam a língua manchineri, pertence à família linguística aruák - e os Jaminawá - que falam a língua jaminawá, da família linguística pano. Eu gostaria de acrescentar que geralmente os povos

Manchineri e Jaminawá são mais falantes da língua materna e da língua nacional que é o português, tendo pelo menos três pessoas que falam as três línguas: português, manchineri e jaminawá.

O relevo da Terra Indígena Mamoadate é formado por uma planície que chamamos de baixa restinga, localizada próximo à beira do rio: e também temos o morro que chamamos de terra alta. Os tipos de vegetações que existem são classificados em mato cerrado, mato aberto e o campo, que cada morador já vem construindo. Para conquistar a nossa terra precisou de muita luta das nossas lideranças daquela época, que agora já são mais velhos e com mais experiências. Esta terra é nossa porque nascemos, crescemos, fomos criados e alguns morreram aqui mesmo. Hoje em dia continuamos morando e aumentando a população cada vez mais.

Em 1988, surgiu uma emenda na Constituição Brasileira, no artigo 232, onde ela apóia a convivência dos povos indígenas e a preservação da cultura.

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Phunputuru pirana

Xawakni nunkakletanru phunputuru poktshi hakanhinri pirana. Mitshikananhima manxinerune hapka wane hwajekanatapa. Seyni hima hixhohne hiknohatka phuru nwakako hsatokatnakna.Wane himakni hyinuwaka hipallexyatkana satkaka pnuko yatka, hiyahoni wanekatkani hyinuwaka hapokletatka payri FUNAI tshinkaluru. 1975 satkaka yineru hyinuwaka hapatjereta payri Merelo tshinkaluru hkamrurewaxyawakapna phunputuru poktshi hyinuwaka hishwurexyawakapna.

Wanna yinni hiwakni totni Kashtani, totni Tomhini hiyrunu totu ruyo. Hiyrunu totni Kotsonolni haha wanna pejnu himakni hapaka yohpuklu wale poktshi. Wane pnute hohnetka rixolewnatkana yine pnumnu pejnu hishpajikatshine manxinerune.Haha wane rixa hakanhaleta wale poktshi hiyahoni xawakni rixolewnatkana yine waneklu papko hike hwapa.

Seyni 1988 hyinuwaka hwaletatka kasruklewakleru, wane pnute xawakni rixolewnatkana kasruklewaklerune hiyahoni. Xawakni rawna yine khanunrolune 32 pantshi hishtotatatshine 93. Haha wane rixa hakanhaleta wale poktshi. Hiyahoni wyinuwaka hasruklewlexyawaka yine niretwu numuka mturune hasruklexyawapa.

Whiwakni: Pele hiyrunu Tsutso

Peji poktshi pirana

Xawakni nunkakletanru hanu rixa hakanhaleta Peji poktshi. Nmatuxiniklunutka 1984. Rixannukotkani xye poktshi. Hiyahoni hinimat-potutlu hanu rixa yohpukkota wale poktshi. Seyni nimaxyawakatkalu Mkoli payri hiwakaxyalu Gondim tshinkaluru hima yohpuklu wale poktshi. Wale mhalnitkani 1976. Wane wkatanu hapokatshrini ranuru puxi hiyrunu rinkalu haka payri hiwakaxyalu José Augusto. Hiyahoni hixhohne hiknohatka rixolewnatkana yine wane poktshi hwatshine hate wane rix-lekananukna hasruklewaxyatka 1995.

Hoyakalu pirana jinkakletaklerune hapokatka wale mhalnitkani 1978. Wanna hapkakni yinuwakatkalu hasruklewlu wale poktshiya. Hixo mhale hiknohatka satu yineru:Walekxo tshinkaluru yinuwaka hasrulkewletetka mapa mhalni, wane wkatanu Jaime koxa wane hasruklewaxyatka ha wane pnute Kashi hiyrunu Haji, hasruklewatatka. Hate xawakni womkahi kamrurewleta wane poktshiya. Wale tsonu nunkakleta hita.

Rosa da Silva Manchineri Foto: Acervo FEM

Whiwakni: Kashi Hiyrunu Haji

Speri poktshi pirana

Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Xawakni nunkakletanru hanu rixa yinuwakleta Speri poktshi. Mitshikananu hapka hima payrine wane hwapni. Wannani hishpajinikatkani natjiru, Koyatale Luiz Brasil, wale poktshi hapokatka. Konru rustajyawakapa, wane rixakanatawa FUNAI papkolu hapokatka.Waneya waleko ruprotajyatka poktshi rixyawakatka. Waneya waleko yokanjekanatatkalu, waneya wale hishpajinitka. Xawakni nuru, Maliya Nonato, yokanatatkalu wane rixa piranata nopoktshi.

Nhiwakni: Kalo

Hopotukahleru poktshi pirana

Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Xawakni nunkakletanru nopoktshi pirana. Mitshikananhapka kohpukatshine wale poktshi wannani kajitune. Wane wkatanu hohnetka hotshiwa tshinkaluru wane yatka rurni-yma.

Wane wkatan-hohnetka pimrine himolene hapokatka, hyinuwaka hixolewnalemxyawakatkana hipoktshi-yna. Wale tshinanukatkani rujhatkaluna: poktshi kosekatshri, kasruklewakleru, kpinrewakleru, hitaklu hislahatshri hiyrunu honha hislahatshri. Wkosekjeru hiwakni: Hotshiwa.

Ha hita mitshikananu nwajekanaxyawakni ktsopreru knaha 2001 tshininrini mhalni wane napokatka. Waneyatka 2006 nyokmanatka Hopotukahleru poktshi tshinikowaka, wale mhalnikatkani wane nyinuwaka hasruklewaxyatka hate xawakni.

Xawakni khanunrolune hixonu 14 tkana. Ha ptowru yine hixonu wanena 114, xawakni 2009. Ha hethajetatshine hixonu 38. Hiyrunu poktshi kaylerutkani: hethawakapji, kawawakapji, suxone pjiru, yanumapikaka.

Wale tsonu nunkakleta hita kasruklewaklerno. Hopotukahleru poktshi hajerno.

Nhiwakni: Pite

Komlo poktshi pirana

Xawakni nunkakletanru nopoktshi pirana. Mitshikananu hike yineru wane hwapa.Wane pnuthohnetka shme tshinkaluru yinuwaka kotpukletlu wale poktshi sato rinkalo-yma. Xawakni hiwakatkani komlo poktshi klu tshinanu wane twapni hixo komloni.Wane wkatanutka 2005 mhalni hit-

Escola da Cumaru/Foto: Jurandir Pereira da Silva

koxa hapokatkalu Komlo poktshi, xawakni nasruklewaxyawaka.

Wane pnute rapokatka satu himole nene tshinkaluru ptowruneko hwuhenene-yma hiyrunu hashko koxa hwuhenene-yma. Wane wkatanhohne wixolewnatka. Wanekatkani hyinuwaka hwalemxyatka poktshi kosekatshri, kasruklewakleru, kpinrewakleru, jitaklewakleru hiyrunu honha hislahatshri. Xawaknixka yine hixonu pejnu rawna 42 hiyrunu 17 mturune hethajetatshine. Wale tsonu nunkakleta hita kasruklewaklewaklerno Komlo poktshi hajerno.

Nhiwakni: Popi

Mtshirhapha poktshi pirana

Xawakni hita yonatanru nopoktshi nyohpujyawaka pirana. Hita wale poktshi nyotpujinri mhalnitkani 1999, wale poktshi nkotpukatka hitapka hapka hapoklu wane. Waneya wane pnute rapoka papa, nhimatjiru wanna pejnu hapojinikatkani tsru yakatkalu wale poktshi.

Waneya wane pnutekatkani hyinuwakatka poktshi rixyawakpatka, hiyahoni wanepnute rawatka poktshi kosekatshri. Hyinuwaka himatleyehixikowakatkani 2004 mhalni tshininri.Wane pnuthohnekatkani rawatka kasruklewakleru kpinrewakleru hiyrunu jitaklewakleru. Haha wane rixa hakanhaleta wale poktshi. Mtshir-hapha poktshi tshinikowaka rawa xye poktshi. Mitshikananu hi rawapa kasruklewakleru, seyni wane wkatanuko hita hniretna yine mturune nasrukjexyawakpatka. Wale tshinanu xawakni kasruklewakleru yaperno. Mitshikawa nwapyawaka waneni Peji poktshi wanekni nwamturjekanata nurune-yma halikaka hi nimata hipejnu mhaknikta wane nwajekanata.

Hiyrun-koxa wanekni nyinuwaka hethaljejekanaxya, wale jijikni nimatkale nimasruklewata hate xawakni. Seyni hate xawakni hi nwiyanawa pantshi hasruklewawakapji, nimwaleru tsonni psotsonu yonawahlomta, yonawapije hiyrunu kashpatalu yonapi wale tsonu nimwawa. Hasruklewawaka pji hiwakni Hotawakalu.

Nhiwakni: Tshotsharem

História da aldeia Lago Novo

Quero contar um pouco sobre o cotidiano de minha aldeia. Este lugar chamado Lago Novo foi aberto em 1976, no mês de junho. As pessoas que abriram a aldeia foram: José Avelino de Souza Manchineri, Aguinaldo Monteiro da Silva Manchineri, Manoel Matias de Souza Manchineri e José Matias de Souza Manchineri. Nessa época tinha somente quatro famílias.

Daquela época para cá, as pessoas foram chegando e a população aumentou. As crianças foram crescendo e as famílias também aumentaram. Até que em 1993 chegaram um total de 10 famílias, foi a época que o Padre Paulino veio aqui. Ele falou que dava para formar uma comunidadezinha. Ele observou que tinham muitas crianças que não tinham estudo. Nós éramos pertencentes à aldeia Extrema, só que não tínhamos como estudar nessa aldiea. Então, em 1994, construímos a escola e até hoje ela está funcionando. Esta escola foi feita por nossa própria conta, não teve ajuda de nenhum órgão.

Caçadores da aldeia Lago Novo/Foto: Acervo FEM

Em 1995, chegou o professor José Samarrã e o Padre Paulino que já tinha mandado alguns materiais de escola, como lápis, cadernos e borrachas. Em 1997, o professor Samarrã voltou novamente para a Extrema, foi no mês de julho. Então, o cacique e a comunidade me escolheram para ser professor e, no mês de agosto deste ano de 1997, foi que comecei a trabalhar como professor.

A escola está funcionando bem, só que eu tenho pouca experiência de ensinar os alunos. Mas a comunidade está satisfeita porque fui participar do I Curso de Formação de Magistério Indígena e também porque a escola já é reconhecida pela Secretaria de Educação. Na luta, eu vou chegar um dia ao nível que a comunidade deseja.

É só isso mesmo o que eu quero contar para os parentes de outras regiões do Acre, do Brasil e do mundo.

Manoel Shipre Monteiro Souza Manchineri (2000)

Festas

Pahio/Foto: Acervo CPI-AC

Yikaklu

Os Manchineri faziam muitos tipos de brincadeiras. Por exemplo, quando eles queriam fazer uma festa de yikaklu, faltando uma semana, todos os homens iam caçar até chegar o dia marcado da festa. A festa durava uma ou duas semanas. Para o povo não faltava o rancho. A festa durava o dia e a noite toda. Depois da festa, os homens iam novamente caçar, pescar ou visitar outros parentes que moravam em outros lugares.

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Hapijihlu - a formação da moça

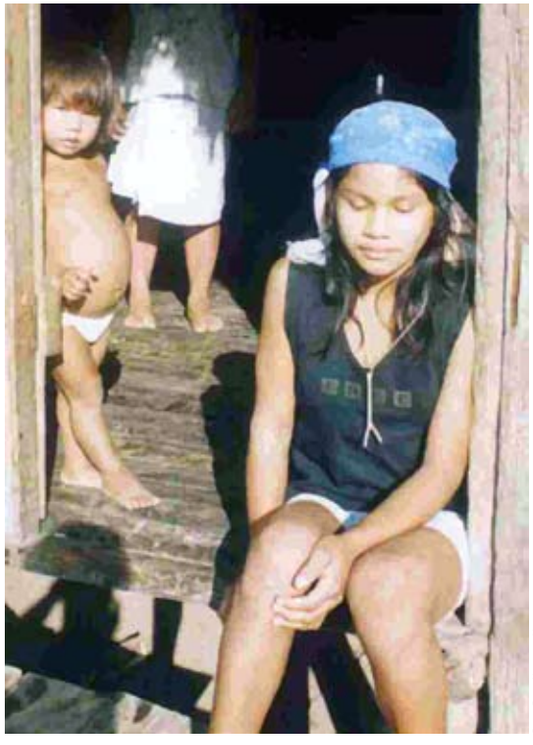


Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Antigamente e ainda hoje, em algumas aldeias, quando uma família tem uma filha e chega sua primeira menstruação, a moça tem que ser guardada durante três meses em casa. Apenas a mãe e as outras mulheres mais idosas podem ir lá. Durante esse período, a moça recebe a instrução de comportamento e de como se relacionar com as outras pessoas. Também se ensina para a moça como se dança.

A menina tem que ficar deitada dentro do quarto e não pode ver outras pessoas. Sua alimentação só pode ser de alguns tipos de comida. Durante esses dias, a moça tem que ter uma dieta, para não ficar velha logo e não estar perseguida pelas onças. Então, a comida mais adequada é a carne de macaco de cheiro, porque dizem que ele é muito ligeiro e muito cismento.

Depois de uma semana, a moça tem direito a sair do quarto. Mas, durante três meses, tem que sair com um pano amarrado na cabeça para que o urubu não cague na cabeça dela. Se a moça for cagada pelo urubu, ela não irá sobreviver por muito tempo e irá acontecer alguma coisa até morrer. Ela pode acompanhar as atividades da mãe, mas não pode realizar nenhum trabalho, nem em casa.

Durante o resguardo, a moça começa a ser pintada com tinta de jenipapo por todo seu corpo. No rosto, nos braços e nos pés é pintura de tambuatá (*trsojri*) e no corpo é a pintura de japtuti (*knoya*). Se ela não cumprir estas regras, não poderá ter muitos anos de vida. A morte

Pintando a moça na mata/Foto: Acervo CPI-AC

vai estar sempre perseguindo ela, por certos animais ferozes da mata e da água. Por isso, até hoje o meu povo faz esse tipo de dieta e cerimônia de pintar a moça. Como foi já dito, ela fica isolada por um tempo e come somente certos tipos de alimentos.

Depois que completam três meses, o pai da menina vai convidar os outros parentes para caçar durante uma semana e as mulheres ficam em casa preparando a bebida tradicional, chamada caiçuma, que em língua manchineri é *tepali*. Esta bebida tradicional, tepali, é feita de mandioca, com temperos de milho moído e batata doce ralada.

Antigamente, o pai da moça convidava os músicos, que tocavam flauta (instrumento musical feito com bambu) e tambor. Quando os homens chegavam da caçada, traziam muita carne para ser comida durante a festa.

Antes dos homens saírem para caçar, marcavam o dia e a hora que eles iriam chegar. Então, as pessoas que ficavam em casa já sabiam quando eles iriam retornar. Faltando pouco para os caçadores chegarem à maloca, começavam a buzinar para que as mulheres se preparassem, indo ao encontro do marido com caiçuma na mão. A partir deste momento, a festa já começava.

Primeiro, o almoço e a caiçumada. A partir daí, a mulher que fez a caiçuma não pode mais ter relação sexual com seu marido ou namorado. Se ela fizer, a caiçuma vai ficar gomosa e não vai ser mais usada, porque estraga e as outras pessoas vão criticá-la porque ela não colaborou do jeito que foi convidada para fazer a bebida. A moça

será festejada com toda a comunidade: dançando, bebendo e comendo durante dois ou três noites.

Esse tipo de festa não é só para uma menina, pode ter duas ou três moças participando da festa e da cerimônia. O homem também pode ser pintado quando tem mudado a fala. Antigamente, o moço também ficava guardado durante três meses, mas hoje é só uma semana. Para o moço não tem a festa.

A festa sempre começa a partir das 3 horas da tarde e as moças começam a sair para dançar a partir das 6 horas da tarde. O flautista começa a tocar uma música que diz assim: "Deixa-me provar um pouco da sua caiçuma, se está forte pode beber e se não tiver, deixa fermentar!"

É durante o resguardo que as moças vão aprendendo tudo isso. Então, as duas ou as três moças pegam a taça de cerimônia e dão para o tocador provar. Se estiver forte, pode começar a festa. Todos os músicos provam, até os tamboristas. Se o tocador achar que está forte mesmo, ele toca outra música para dançar.

Moça pintada/Foto: Acervo CPI-AC

As moças saem dançando sozinhas separadamente, cada uma se aproxima de um homem e, pegando na sua mão, o puxam para dançar. Elas vão dançando com o homem e se aproximam de outra mulher, pegam na sua mão e a puxam para o homem dançar com ela. Assim vai indo até encher a sala ou o terreiro.

Hoje, a festa dura uma noite. Antigamente, a festa durava dois dias. No segundo dia, a festa começava às 3 horas da madrugada, com o dono da festa tocando a buzina, e todo mundo ia para a festa. Os tocadores começavam a tocar de novo as músicas e a festa começa a rolar até às 10 horas do dia. Neste momento, se dá uma pausa para que possam fazer outras necessidades como tomar banho, trocar de roupa e almoçar todos juntos. Quando chegava a hora de recomeçar a festa, iam todos de novo. Esta festa durava três dias no mínimo e cinco dias no máximo. Durante a festa, todo mundo que desejava dançar era permitido, podendo ser velho, jovem, criança e até os brancos.

A moça que estava de resguardo saía ao público demonstrando o seu jeito e sua beleza. Neste momento, ela ainda não pode falar com as pessoas que estão cuidando dela durante o seu resguardo. Os rapazes estão de olho e a moça também vai se mostrando, já que é época dela poder namorar e casar. Também lhe é permitido comer todos os tipos de alimentos. Todo o espírito dela está fora de perigo porque já venceu todo o mal que a estava perseguindo. A moça já pode conversar com todos, pode passear, brincar e andar sozinha quando termina a festa.

Depois disso, ela pode se casar. Antes disso, a mãe tem direito de ensinar todo tipo de trabalho: tecelagem, cerâmica, dança, cantoria e etc. Quando o casal manchineri tem um filho rapaz, é o pai que tem o direito de ensinar ao filho.

O casamento entre os Manchineri acontecia da seguinte maneira: quando o rapaz e a moça se ajuntassem, não era porque eles namoravam antes. O pai e a mãe do rapaz tinham que escolher a moça e ver se ela era ativa para fazer certos tipos de atividades. Igualmente para o homem que fosse escolhido para alguma moça. Os pais tinham que ver se ele era bom caçador e bom pescador. Se não fosse assim, ninguém aceitava se casar. O casamento de antigamente dependia do acordo entre os pais e não dos filhos.

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Wutsrukatenni yikakle shikale hima

(Cantigas dos antigos para festas)

Xyekaka shikaltshi wannani mitshikawni wutsrukatenni hisaxrihimjejekanatanruni ho tsru salwalu hkamhinnina ptowruneko xkehiy-ma.

Hita Pohto, Jaime jiro holata shikale wyonaxinri

Joana Benjamim Manchineri/Foto: Acervo FEM

Pamlo shikale

Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Tseklu katshohalexikalu
Tseklu katshohalexikalu
Tseklu katshohalexikalu
Tseklu katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Pamlo katshohalexikalu
Kina katshohalexikalu
Kina katshohalexikalu
Kina katshohalexikalu
Kina katshohalexikalu
Kina katshohalexikalu

Makokawa shikale

Makokawa hirirriri hiri.
Makokawa tsulolune, tsulolune, tsulolune.
Kawatsulo, kawatsulo, roma, roma, roma.
Koko, koko wali koko, koko wali.
Kawatsulo, roma, roma, roma.
Koko, koko wali koko, koko wali.
Kawatsulo, kawatsulo, roma, roma, roma.
Koko, koko wali koko, koko wali.

Wulolu shikale

Wulolu, wulolu
Yahohoni paya, yahohoni paya
Pitaya noma pitaya noma
Pitaya noma pitaya noma
Pitaya noma pitaya noma
Hitshi hitshikanatso
Hitshi hitshikanatso
Hitshi hitshikanatso
Hatshapa wamiri
Hatshapa wamiri
Hatshapa wamiri

Wanono shikale

Wanono, wanono, wanonoli
Korotoya wamini, wamini
Kkorotoya wamini, wamini
Wanono, wanono, wanonoli
Korotoya wamini, wamini
Kkorotoya wamini, wamini
Tukuwa tukwani, tukwani
Wenu, wenu homalalali
Tukuwa tukwani, tukwani
Wenu, wenu homalalali
Yalilima, yalilima mali kotshali
Wenu, wenu homalalali kotshali
Tententen, tenten, tenten
Koya tsupalala hakoya
Koya tsupalala hakoya
Tukwa, tukwani, tukwani
Tukwa, tukwani, tukwani

Maylu shikale

Mayoli pitsiko litsetse
Mayoli pitsiko litsetse
Wakwama, wakwama
Wakwama, wakwama
Wakwa, wakwama
Ho holi pitsiko pitsiki

Mtshira shikale

Hatsapoliri kowaynahale.
Kowaynahale, kowaynahale.
Tsokokolo, tsokokolo
tsokokolo, tsokokolo
tsokokolo, tsokokolo.
Hatsapoliri kowaynahale.
Kowaynahale, kowaynahale.
Tsokokolo, tsokokolo
tsokokolo, tsokokolo
tsokokolo, tsokokolo.
Tshiparikoya, tshiparikoya
Tshiparikoya, tshiparikoya
Tshiparikoya, tshiparikoya
Tshiparikoya, tshiparikoya.
Yolaki, yolaki, yolaki, yolaki.

Makotawa lopitsa shikale

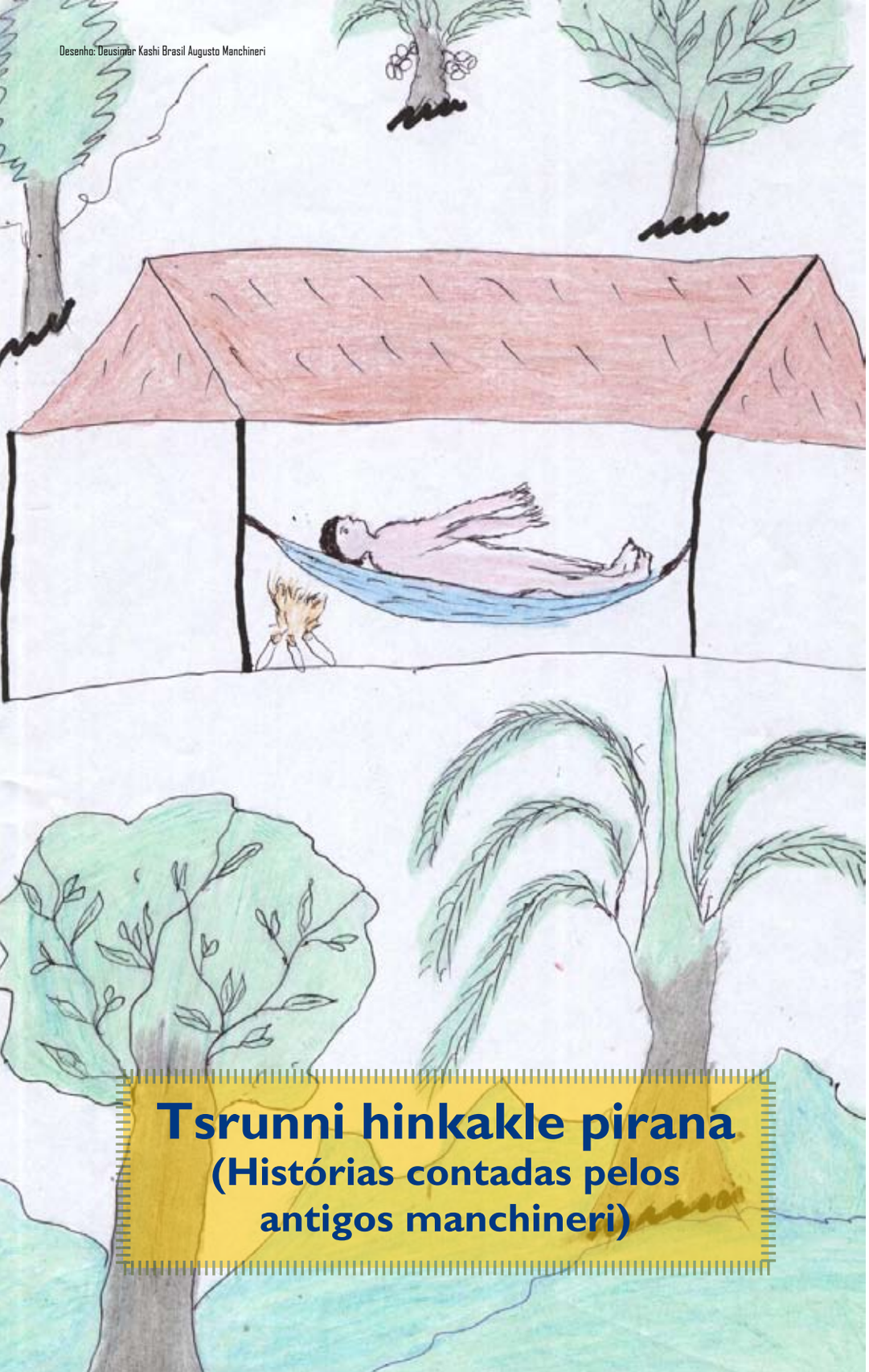
Makotawa lopitsa, makotawa lopitsa,
makotawa lopitsa, makotawa lopitsa.
Wuyaliya, wuyaliya, wuyaliya, wuyali.
Wuyaliya, wuyali.
Makotawa lopitsa, makotawa lopitsa.
Makotawa lopitsa, makotawa lopitsa.
Wuyaliya, wuyaliya, wuyaliya, wuyali.
Wuyaliya, wuyali.

Hanyo shikale

Hanyolala, hanyolala
Hanyolala, hanyolala.
Wayotahaliwa, yotahaliwa
Wayotahaliliwa, yotahali wayotahali
Yotahaliwa, yotahaliwa, yotahaliwa
Yotahaliwa, yotahaliwa, yotahaliwa
Yotahaliwa, yotahaliwa, yotahaliwa.
Hanyolala, hanyolala
Hanyolala, hanyolala.
Tuka homalalaya tuka homalalaya.
Twyakaxymiri, tuka homalala.
Tuka homalala, twyakaxymiri.
Halatuyaya, halatuyaya, halatuyaya.
Tuka homalala, twyakaxymiri.
Halatuyaya

Tkatshonale shikale

Tkatshonale miyanawa wamini
Tkatshonale miyanawa wamini.
Halayakane wamini, halayakane wamini.
Tkatshonale miyanawa wamini
Halayakane wamini, wamini



Desenho: Deusimar Kashi Brasil Augusto Manchineri

Tsrunni hinkakle pirana
(Histórias contadas pelos antigos manchineri)

Jipnawaklerni pirana

Hita, Popi, najirni Hawni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Xawakni jipnawakleru piranapni. Pakata hima satu tsrutsoleji kahontshini hipnawatni satu yineru hima hinkaksatniri hohi nikawniywakapa-xye hohnekaka hohi nikawnanu htshina hipnawlehimatkani ptowru yineru mwuhenewaxyawakanpatka pamyo mhale pshinika hiyrunhima rawanu hitlohjeru, tenhohne hima hijrukanu tsru mapshahalu himapni, hiyrunu koxhima kapna hkamhakjixna wane hyohimaxyawakapna. Waney-himatka hkashimpote hkoshtsheka hmohxi kaynotnitka hiyrunuko rupnawaxyawakapni klu pothe rixhipnatni.

Waney-hima hike rixa hipnatni. Yetshpotukawhima kamalampi hkamha kjixni wala poha rexyawakaplu halikakpaklahe ho hike. Ruknoha pohaxinnitka wane htshinni hi himakta halikakni hnikawna hohnexyawakapa. Waney-hima runkakna himolene rumukata wuhenewjeretna klu tshinanu hohi hi nikawnanu xye hohnekaka, waneya hike pikatka. Wane rixa piranatni jipnawaklerni.

Kajrurni Pirana subtitulo

Pkawa tokanu yonaxikolu.
Topapayi nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Creuza Napoleão Manchineri/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

Waney-hima hankaji hapo hima thanuruwamxya wla hixatshro heka pixkaluto. seyni himmaka tixje makluji thanurutni, rurune yehi rutuka tunronhima timotsata. Waney-hima tshkotni runkajemta, tunronhimni teneksa tshikotnemta, nato xyera pjimanu! Turhimni hepi hnunroni.

Waney-hima hi hima hinakluko hkomkah-piratni, wla hima t-tshinru pixje jejine pixka pixanu sapruruklemkatanu sapnasure, hi hima wane rixa, khapowatakna-lhimako hwa-kaynotni. Seyni himmaka paswalu kajru tshkotu mtshira hnika. Seyni hima hi kihleru ptuplatewa htshinkoklunni, tunwa rix-himata psolhohner-himako wanerixni kaswawaka rexini tsonhimni htuplatni. waney-hima tepomhalu.

- Klutshinanhe hi suxo-yma pkawpirata?
- Hikenu hitako nixannuni.

Waney-hima talixa wla t-tshina nato nupjikamtanu wale yehi hapka nkawapinitka. Waney-hima tinkane wla tshina xawaknikta tetajrutanutkalu, hate hi kihleru thanuruta. Waney-hima talimta, halikakhima tetamtlu katsokawnaha rixhimata. Waney-himatka tepomhatkalu.

- Hee kluhe pkamhajeta?
- Hee kohmo shmoliriri!

Tkankashamtatka pkahwakannotshi, nmakawamtanutshi, hi hima tyijnakomtatka makhima kaptshostehojita rixa jruta pso hshipijiji rixhimata. Waney-hima wane tushpajyatka, mhuro hihe jimtuhapre samyi? Wane hikenya kashrenijituta. Waney-himmaka wla htshinatka punanu wkatshpekkakanu, wunanu hrahalutu tshkotu nutjipjejeta.

Hihima talukatka, wale prikhimatkani wla htshinatka, hayeri ppokownanutka! Hike nomolene kanawat-xako npitshotatlomtanu, pa potukahle papokamxini xako pkowikananumtanu, wane hima wane phuta rixakananumxyani malhohnewaka, makhima wala satkaphonukatka tatjinyako. Ha wale hima papotukahle hima xi, xi, xi wane hima tyakananumtanu papotukahle hima rapokni hkowhimakananumta hate pantshi hima rapoka. Makhima wala satkaphonuka, wale hi suroka ha wala hima tatjiniko satkapa tetajru himatatkalu.

- Hipshinijruru?
- Haha wla pshinijruru!
- Kaswalu tsonhima raluka tuplaleta wane pshinijru rixkalu himakni.

Waney-himatka tomolene wantshinyalo wala hetko hi hetajrutawalu tetajru xininpatkalu hi thanurutanru ha tomolene himmaka mitshikawako hetajrutatkalu. Pixakta hojiwuru hnurutatka, satni nhanuru tshitshiproji, hi htseruwna hita nhanuru, rojiwnu himakni timetsotanutlu klu tshinan-hima honra histuha jiwu kyawsahineru het-hima htshinnina totunni mitshikawni jirni wantshinjejekanata hixhima manxinerunwu hi kayoljiwu.

Seyni hita nurni kastuhalni klujtanixkani waleni, kyawsahi nernitkani, totni histuhnitkani klukwete stuhjiwuta rixni kluwixyawakakta hixa hikosexyanru hixa wurni, pokte tsaptajiwu runwu. Seyni waleni himkotutaknani ha manxinerpothimakni poktejiwutsapta hixa, ha kyawsahi ner-himakni histuh-jiwu. Hewi hnikawniya kajrurni pirana.

Desenho: Arnaldo Pita Sebastião Lauriano Manchineri

Tsrunni himekanine yosna patletanruni pirana

Pkawa tokanu yonaxikolu.
Topapayi nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Xawakni yosna pajitkalurni pirana nunkakletanu. Pakathima hepurtshini yahkapni. Waneya kamejiru yoshmakkaluru shijimsa hyosnapajixikni, ksopha pohalutni. Tsrutsolejni rimyekamxinhimnitka rishitsho htomhamtnitka, hayeri hixako wipoktshira wyanutka. Makhimakta hjihekanuwamtnitka waleko mixkonukananuko rapha hawakate hyanitka. Wane himatka kayitkani hepurtshini hapoknitka, waney-hima rapokna repomhayehitkani.

- Ha yeye?

Wale hewiko himka hohnekanaxya, waney-himakni hate mtshira whene pshireta yoxjeretanu. Hshiretnamlepa, ha mturo hima tsro mtshira kano tyoxjetni tshiretnamlepa. Waney-himakatkani tjimatkalu rali jimlexinitka timaphimatamkatkalu, hiyahoni himmaka papjikaka tyapamtatka. Seyni hirawatka waney-hima t-satokatka, tapokhimata repomhatnaka:

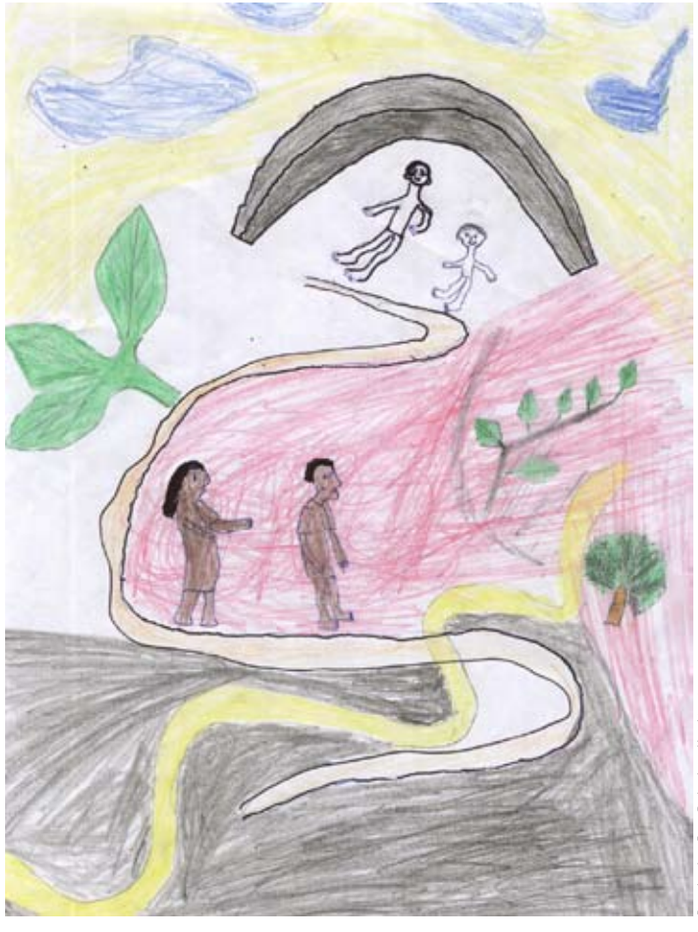
- Ha yeye?

Walekta pnuteko yaptakotatka, waney-hima wla htshina hanukta koxawaka ptshina hohnetlu. Waney-hima tuhitatka pixako pimole whenene yosnpajitlu ksopa pohalutu, waneyakni wale rukshikhimtukamtatka hyatka. Hiyahhimni hate nomkahtapanru, waney-hima romkahitmakatkalu, seyni himakta rapha hyopikamtatka wale hawakate hpalihhimatatka.

Waney-hima kayitkani hsatokashatatka, wale prikhima htaphatakjixnawa, mtshirni holotni, kanrumta, hiyrunu komiri shiji kamhikolu. Hiyahni hyatka wale prika wane hatjini. Rapha hima rapokamta, retjiximtlo mturo kwamonu jixipna hima mnumkatkalo. Seyni hima pnute hya ptakotatkana, waney-hima hajeyri hitmayimtatka tkatshi hyinuwaka tshiklemtatka. Tshikha, tshikha, tshikha. Seyni himmaka wane pnawaka, romkahitawalu hate hmahenokluta jixipnaxyawaka. Wane hima rallikanatatka tshiklu hsatkapatka. Waney-hima hihixhohnewani, satu rawpatka sawa pixkalutu. Hiwhene. Hiputu pothimako rapokatka, htolhax-natkawa waney-hima hyatka ruruyma. Hihima hixhohne hiknohawa satuko rawpatnaka, waney-hima wane kananuko hnikata himusrurexyana hiwhenene.

Hepipka himatkana tkaheknanuwatnitka tsroni. Waney-hima hepurtshi potu wane t-tshinni, noturu patu mwapkanuklunupno xako pixayaka hwapanunno. Waney-hima ptowruneko hiwhenene hnikata hanikletatka, tyijnako hihyirhimtapatkalu hhiy hhiy hhiy hhiy. Waney-hima hi howukayatnaklu, tolhaxnatnakwa wala.

Hiputu rapojinhimatka tuptekamtatka tyatka koxwala. Wane hima rixa nikawnaletna, wanna hiyahhimni satkaka paneru tskala pejnu yatka. Wane himlu mtshiratna tskala yatshri, wane himlu hiyalutna tskala yatshri, wane himlu kletutna tskala yatshro, wane himlu watshitshitna tskala yatshri, ha rawhimatkoxa tshiprolojitna tskala yatshri wane htshina xye pirana.



Desenho: Jose Sawa Carlos Artur Manchineri

Hitshalo mhenokluni hiylaxyawaka pirana

Pkawa tokanu yonaxikolu.
Topapayi nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Hi shakapajhima ranjitapanu thanuru hewi pakyitshi shakapajitshi pimapijtanrupa nwapanu. Waney-hima hixhohne tkalu ramhiywakna rapokatka wale mhenoklu kshikshi, kshikshi, kshikshi, nato tukwalamka haha, knijerni wane hima pshinhima yopyokata, hixownata, hitshalo kluhe tshinapshitsho hi hiketshina njema ktokanro hike tshina tayoka hepomhaletkohimatatka hihe kshi wiyapatshine tannata halikakhima.

Htsapane htshinreru hsutskoka kayonaksumlejita hepiksu. Waney-hima rapokhimatatkana tomolene kamshiro satutakna himatkani. Payahkalpejnu hima hitshalo rujretakjixlo t-shitsho htsapane tmakashixyawakanupa. Hikeklu hohne tkokmatyi, pa yahkalpejnu hima rinanshitlu wale ptshohawa kaptsho tsapanhimlu. seynihma payahkaletkani tmajnakowata tkokmatatkalu mitshikananhapka tetanruni, tinkalni hikanremta.

Desenho: Daniel Tsro Artur Manchineri

- Nato petanu ninkalni hikanremta.

- Pushyateruri t-tshinhimata wane hima rapojinnitka mrixhimniktakta ranikni kshoterni. Hitshalo xawakni nunkakanyi kanruha pkamhinno, shijha pahimate pkamhinno htshinhimatni hate wuya.

Waney-hima tixirikhimatlu, wane hixatshro hima hixhohne tetum-hahatatkalu.

- Tsru mane hi honukta kamtuhatkalu!

Wuya nuranutka, wla psohimlo pahsamre rurinro. Waney-hima wane htshinyatka, rurhimatatka kanruh-hima shijha hyinuwaka hapliretnitka.

Yineru haplire pixkahima htshinni kanatnitka ho mhenoklu haplire hima rixna. Waney-himatka wla tshinatka hanumka wixa hiylaletanru. Waney-hima sapnasko hima tyapamtatka raplihimakanatniwa mhenokluni tutustsi nojitanatatkalu hitshalo tsrumanni.

Waney-himatka rapokhimatatkana tsrujrune nato waleni wimolni hiylatatshri thanuruta shrima. Hiyahni tuylaxininatkalu t-shitsho t-tomhatka tuptakapyawakanpatkalu. Waney-hima rapokna tomolene tunkaklewhimata tsro knatla mhenoklu hayineruxiklu hnunrata puknokanru yeyni ruylata ha nato hiylatanatkalu koyha rannahatni wale pohakni tuylatanru nato, tshinhimatatka hnurtapatshro.

Waney-himatka mturutka hmaturewninitka, hyashahimatatka mturu hitshalni mekahi. Walepka hima yashatatka hmaturewninitka. Hyanhapka himata pishito whene pixka haha wane htshinjekanatni jirni.

Jipxo pirana

Pkawa tokanu yonaxikolu.
Topapayi nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Waney-himatka tmaturewnatka hihima tsrowalo tumka, tumkaphutatatka tapoka jranamashehita tixhimata wane hima tsro rajirna wla tshina noturu. Yeye wheneyakla pikawapa hate tkomirewatawa yeye hnunro. Hate hehe t-tshinhimata kajnoklo wane pixka hixatshro mturo. Rawhimatlo seyni hima tixapne himatkalo, tonojhapu hima hititshita puru hewi xako hipjephanu. Wi tsonu xako pjephanu waney-hima, hyamyota timyekhimata.

Wane hima rexyalo turu, mturu htshiyahimatatka ksaji-stehata tixhimata. Tepomha himatatnaka nato kluhe rixa puru, wane hima rixa hetletatka riyihaphimatlo runro. Runro hima wla htshinatka nato hikta kihle whenru yeye.

Desenho: Daniel Tsro Artur Manchineri

- Haha-nrixa?

- Jipxo hitsrokakananu hwa nojhapu whenetlu, hiyahoni hinkakanru xako, hiyahoktakni tnikjejetlu nokano.

Wane hima rapoka toturu.

- Noturu knato tshinre himakta hi yinero pwuheneta, hiyahoni pkatanro xako wanhixatshriyi shetshi ptsatanro kahnete pethixanuxinro.

Wane pothimako rixa kahnethima twanu tukluhimata shetshi whene. Wane himatkalo tumkahohnehimakanata tumka himata tumka himata retwamonhimatlo rawaplo, seyni hima waneko ttshinatnaka.

- Noturu wane xako pixanro kajnakopyi hike hsuputhima rethixanuxyalo, t-tshiyahimata, tshiyahimata rawappirpotukanatatkalo wane t-tshinatka rimimathojrewaxiklu tshinanwana kahnete rutaknona hita kmaka nikatashakanatanunna t-tshinhimatatka.

Waney-himatka hyatkana, wale kathima retpatkaluna pantshikakhimni powra piptakaka tixatka wane himako hiwrolekatnumtahawastsi tixatka kasureru tnijyawakatka. Papji himnikta tnikatatka hisureya kyawsure rexinhimnitka wanehtshinnitka, hanhe t-tshina hinkaklejekanatni jirni, hiyrunu totunni.

Hi hima rawpatkaluna, hiyinerotkani hpikatkalona totnu himakta hiwroleka mtahawata ksaji mtahawata tixatka. Makhima hiheppikatkalo, hixhimatkalo walananwaka wuhenewjetatka hiyrunu koxa tyotuka hahaleje yehitkoklunu tuptekhohlewata jipxo hitsrokakananu, hiyrunu hima tsro yhallo ksaji stehataknalo. Hehe khonu wala himakni nikawnatka.

Tsrunni ksewnanurni himnu niklokanruni pirana

Hita, Pohto, najiro Pkawa hiyrunu najirni Petronni hinkakle nyonaxinri. Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Pakathima satni tsrunnini yahkapni, howukasha pothimako rapoknitka, mtshira hima retnitka, wla hima htshinatka hitshi twukla nomkahixinitkawa htshinhimatni, makhimakta ksalaklero, tetlewhimaxinnitka tasukashakanatatka.

Romkahlewamtnixka kihleshawaka kananhimako hyapamtnitka ho tsruwsunusha hima rapokamtnitka, wane himako rutuknitka rushinhahimakanatlo mtshira, rutuka hishinhaleshatlo waneyatkalo pahixanu tshiretu paji hijruklepixkalutu ska pohto htshinhimata, seyni waneyanatkalo mtshirni tskololo tshinhimatana.

Makhimakta paktshapi kashitanro mtshirni. Makhimakta wala wsunusha paktshapi hwawakleni. Wale tsonhima hjemamtnitka hsatoknitka, hihima koxa hyahkamtnitka. Kayi pothimako rapoknitka. Waney-hima hnikatka, ralnikletni, rapnanupothimatnitka hanunro runkaksatnitka.

– Kluhonukta njemapa xyehohne! Htshinhimatlo hanunro. Waney-hima hhanunro wlatshina.

– Haklu?

– Wahi mtshira nomkahimta, tsrowsunusha tanikno.

Netatkalo tsrokakpotukananutkalo wsunu hiyrunu kshijshreshata rixatka, waneko nushinhashaxyatkalo mtshira, hajeyri nikawna hishinha kowshiretatkalo, tshiretu paji hijrukle pixkalutu waneyatka ska mpo htshina, seyni koxa waneyanatkalo mtshirni tskololo tshinashatana. Hitaho paktshapi kashitanro. Waney-hima ranurni jemlewatnitka,

Desenho: Samuel Tshutshanem Silva Augusto Manchineri

repomhahimatni.

- Hanupotla mhuru? tshinhimatlu ranuru.

Waney-hima hanurtshi hiyrunuko hinkaklewata, seyni hima pnuko htshinitka ha wale paktsha hwuhenene nijitu hkashixyanro mtshirni htshinhimata. Waney-hima wla htshinnitka mhuru yetshikawla pekhitapno. Wanepothimakni yeptshpotukawni ranuru hkomyeknitka mhuru, mhuru puyokanutka pekakhitapanno patshawhenenyehi.

Hajeyri himrerekamtatka hyatkana wanenwaka. Wane hima rapokatkana hyokhihimata haha mhuru tujrapluyanro mtshirni htshinhimata. Wla hima htshina mhuru hita hewipakotka.

- Hate hehe mhuru?

- Paktsha whenetshi nkashtapinwu. Tsru rixinipa himeji napikanyi pkashjre mejipa.

Wane himako hyopkakatka rushinhahimakanatlu ranuru. Hihima howukshiniwani wayasapletkalu paktsha pumumka whenjethe htshinsaplehimata hihima hnikawna sapletniwa wayanatkalu, pnuko htshina sapletanatka nijewatatshri pixka hima htshinanatka, tsru saple himakanannimkatkalu ho hmasalewna saplemtana.

Wane himako potske rixyanatka. Hnikata jemle saplewlemtanatkalu hsatokatka pantshinwaka, rapokhimata hanunro hepomhalu.

- Hanutkalu yeye?

- Wale hetkoni paktshapitewatana, klutshinanu waneya saplenimkalu howukshini nijewatatshri saple pixka htshinana, waneko hnikawna saplexyana, nikata jemlexinitsonru nunatka.

Waney-hima repuro wamonuwatatka. Pahohnehimatkani jejine hapatjekakamtatka hayeri wjiywakatyehtapaneru mhurni, wetapanu kluhe kashitanru. Waney-hima hixo jejine wanyatka katshralu ptataknayma. Waney-hima wane rapokatkana himkakanatatshroni hkatshraljetna wane hima rixa hiylaletanrona himnuni paktshapi.

Tsrunni kaweyalni piranapni

Hita, Pohto, najiro Pkawa hiyrunu najirni Petronni hinkakle nyonaxinri. Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Kamotolo tsrunni kaweyalpothimniko. Pakathima kamotolo hapyehtapniro katsotalo howuka hwatshro. Hiweyawlena-poha, howuka pothimako twiyna twuhenene jejine. Sato tshitsho khanururo timwa. Ha kamotolo hima yapapjimtatkalo, mtshira hixkapi jhiro reta shishirjeretlo katsotalo. Hiyahimni hyanitka kamotolo makhimakta hweyawlenanitkalu. Katsotalo whenene yehi hyapamtnitka makhimakta hkoprotakhimamtatkalu retleru.

Wla hima htshina haha katsotalo honra netamta, seynikta mtshira hixkapi posuro tshishirjekanaxnaktawa katsotalo. Wale hima hjema toturu tsrujru himolene hima htshanixatka. Hayeri, natla wetapanu. Hanunrone hima htaphatakjixnawana komrimta, shijha, kanrumta holotukaka. Wane hima htshina hixa twuhenene pnawaka nato mtshira hixkapi posuro, tshishirjetaxnawa tniklerupa. Wane ralitaphawlexinitkana hpalihatna wenu hawakate runrona nwaka katsotalo.

Desenho: Arnaldo Pite Sebastião Lauriano Manchineri

- Wane runruna yehi yopyokamxinitkana, runrona hetpatkana ye!
- Kluklahixpatkali? Tshinhimata, hiyrunuko tepomhana.
- Klupothe hixapatkali?

Tshinhimata twuhenene, seyni hima hirunkaklewpiratna, twuhenene wontashtapyi nato htshinhimatna twuhenene. Ruslahimatlona runrona, hihima kamotolo tshinamxyawakna pixka rixa hetletlona runrona, mtshira hixkapi posuro t-shishirjexyawaka. Wane hima hnikaynoxyana, ralniklexinixkana runkaklewatatkana wahi kamotolo wyehi hyapamta, runkaklemta, nato mtshira hixkapi posuro reta shishirjeremtyi, wale tshinanu wetapyi.

- Ralixanu kamotolo, hihe hweyawlena poha hewi hyapamta, ho hetno xawakni wannixyawaka.
- Hike, htshinhimatna mturune.
- Hetewa.

Waney-hima wane htshinatkana xawakni halika kamotolopni wetapanu rutuka weyawlexyapa wane hima hsatojyatkana twuhenene. Wane hima rixni tsrunni kaweyalni pirana kamotolo tshinkarurni.

Mhenoklu tshowhuxyawaklo mturo piranapni

Hita, Pohto, najiro Pkawa hiyrunu najirni Petronni hinkakle nyonaxinri. Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Sathimni tsrunni mapa whenni hepi jejine sato suxo. Pakathimatkani hatnuhapo hyapakanarumta mturune, risalwakakhimamtna, tamhanatka hepurtshi suxo mturni, tsrujrune tsonhima hapokatka wala hima hike.

Waney-hima rujhatkalona seyni hima hi rukshikatkalona mturo, makhimakta mhenoklu tshowhutatkalo. Hkahwakanatkalona mhenoklu nijyawakanatkalo. Tsrunhima, ramowhimjejetnina. Waney-hima hixhohne hima hikno-hatka tinkalu hepurhtshi hima maklujitatka, pahohne himatkani wla htshina: hitshi nepurnira nujhapanu htshinhimamta. Tamhiywakhima rapoka kwaha hjematka pahixanu hetatshri pixkalutu kalokalo kalo, tskotsko, tskotsko htshinhimakanata.

Waney-hima hsaplewata kwaha kluhe peta htshinhimatni, yineru

himako hihitatkalu: how how makhimakta mhenoklu ranuruxinruni hihitatkalu. Waney-himakni rushinikanuwata kathe yahkapa xyepapko xyeshaya. Hiyahhimni wla hima htshina hiyahla nepurotkani. Waney-hima wlahtshina, hitshi netaperu katnihe tukwala yineru. Waneya wanenwaka hyatka kwaha shikalewakanaxyawaka wanestsi hima rapokatka repomha.

- Hhe katyihe?

- Hitni htshinhimata yinerni, hyopyokyehixinitkana payineruko hkahwakni makhimakta repuro yehikatkani.

Retatkalo repuro hihima riyinumatawalo repuro mhenokluko hiynumatatkalu mhuru hixni htshinhimata mhenoklu.

Wane hima rukaklewatatka mhenoklu, hitakni mnukawa tshowhutlo pepuro. Wane hima mhenoklu yinuwaka tshanixatkalu.

- Hitayma patkayi mhuru htshinhimatlu yineru.

Seyni hima yineru potu tshanixlewata.

- Hike hitayma potpatkayi patu, nato tetapyawakapa shrima, htshinhimata yinerni.

Seyni mhenoklu waneko tshina.

- Hike mhuru hitayma potupyi.

Wane hihemppikna maklojine: nomolerone, noyimlone, npaliklerone hiyrunu kihlekakna htshinhimatlu mhenoklu. Hate hehe htshinhimata yineru. Hate punamtanutka natjini, hawlayaka tepalha tkamyokamxinu pepuro. Raxjini rawakananumtawa yineru, ruprotakhimata mhenoklu wla hima htshina.

- Hayeri mhuru wmishijewa.

- Hate haye panu.

Dessinho: Samuel Tshatsharem Silva Augusto Manchineri

Waney-hima yineru hexnatkawa wale pixka rixatka. Waney-himamka himkalu yahtakakatkalu ranuru rumukata hitakleta. Wane himako rukshijyalu himkalu hpoyahotanru. Pnute hima rapokatkana, hanunro hima htowuta, tepalha pkamyohaxinri pinkalu. Tkamyohimatatka mtserotoya rurapre hihshinikanuya wla htshina yineru twu potuko rurapre hihinanutanno.

Waney-hima mhenokane tskala rapokatkana rethimatatkana maklojine. Waney-hima mhenoklu ranuruxinri wla tshinru xawakni pniretanro hanurokta paluka, wala pimwanu.

Mhenoklu yinuwaka hinkaksaletna himolene, rimapokleru yineru hhanunro mole. Hpoyikowhimatna hyinuwaka tepalha katsholu himurretluna. Rasrukluna hyahjiywaka hiyrunu koxa kosojiru rimata kamhiywakapa. Waney-hima rixa piranata mhenoklu yinerni hnunrotatshrini.

Maptshiri hapokletatshroni pirana

Hita, Shipre, natjirni najirni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Satu himni yinerni kanawatewjetni howukashaya. Ptowru hohnerhimaka wane hyani. Hhanunro himni hohatjini hwajetni, ptowrukathimako hohatjini timwa koyahlejetni. Makhimakta himnu pnuhixjetniro, hipowha wnahaya. Waney-himakni pomeno rixnitka thanurni. Pahohne himatkani hepurtshini wla tshinnitka:

- Wane nato klutixyawakhe yeye hnunro hohatjini twajexya, hiyrunu pomeno rixatka yeye? Ha wala hikeklu hohne ratjini twamta. Htshinhimatnitka xawaknira nomkahitatkalo.

Waney-hima howukshinikna hima tyanitka walekoxni wane hatjini, yanitka halikakhima hipowha wnaha tapokni tutspaka koyahlehimatnitka tyanumamtitka:

- Kayona hojiru purapewatshi, su, su, su, su.

Waney-hima rumlika himnu tujrapa hyijipa skithima tyotshlaka. Waney-hima hihshipto hima hkosekaknitka yineroni swaji-nwaka.

Wale hima retnitka tomeknatjirni kashri hkotyakatka. Waney-himaka teknokni wane t-tshinni:

- Hitshi punkanru yehlewata ralixanunnotshi. Seyni hima hi waleko hyijnakotatka.

Rushotlu kashri wale tshino hima suxoni hyotlaphamtatka. Waney-hima tupnanatka, Rinkalhima runkakatka. Yeye phanunroni nunka yehitatka. Himnukta pnu hixjetniro hipowha wnahaya. Hike rixa walako ttshinannitkani. Waney-hima hyinuwaka hixo wnaletnitka, wane hima rixnina mitshikawni wutsrukatenni.

Desenho: Samuel Tshotsharem Silva Augusto Manchineri

Hwatata-tna pirana hinkaklexikolu

Hita, Shipre, natjirni najirni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Pamyo himni yinni yahkapni howukasha patuko. Waney-hima hoshako hkayixyanna, kihleshawakhima himriji rutuknina. Waney-hima hoyetshotkani satni honunnahnitka. Wane hima rixniwana tshiretjiwutasha yatkalo hwatata:

- Hwa-ta-ta-ta-ta, hwa-ta-ta-ta-ta.

Waney-hima satni wla tshinni:

- Haha tokwalakta hwatata yeye hiniyahoka natshnetatka.
- Hate hayeri mhurune honhayakatshi wakoxinina.

Waney-hima satni kosekamtnitka mapshahawakaya pimrinhima hapkatamta. Halikakhima pnuteyatkalu, nto potshkesha. Waney-himatka satni hepomhanitka:

- Mhuru kluhe pjijruka?

Hike hima hihitatkalu, makhimakta hwatata-tna hastaka nojitanatkalu. Mapa himni yinni tuylata. Waney-hima hepi yinni himathojrewatni hsatkapnina ratjinikona mapshahawakako. Waleprikhima hyatkana pantshi nwaka, waney-hima rapokna runkaklewatna:

- Kluneruk ta hiylakanna mapshahawakaya.

Wale prika himmaka hixo yine hijhapatkalo hike hima hikshikatkalo, wane hima rixa hipukatanna wutsrukatenni. Wale tshinanukni hita piklo hwatata hoshaya.

Desenho: Arnaldo Pike Sebastião Lauriano Manchineri

Hatshijri-tna pirana

Hita, Shipre, natjirni najirni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Hepi hima moletkakatshine kapiripahtapanu, weney-himakka tsrujruni wlatshini:

- Sme pkahwakamtannotshi nimotsatanyi, xye tsonu nkashre pokleje nostumtanutka.

- Hike yeye nuhlekotshi kosekakanatanu tuka nkahwajinyi.

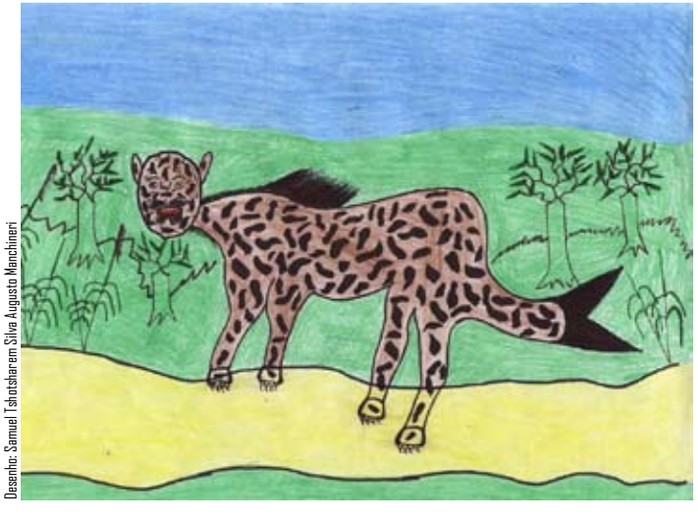
Waney-hima hyanixka tsrujruhimni hapkatamtni. Halikakhima hihleko shimahakanatatshrini tsrujruni yijnakotatkalu sapletshi:

- Tekali nmaha kashretanatka punanutka mhenoklura yahotanatkano, puna hapkatanutka namanutanatka.

- Haha petanu majnakakatu wanemka ntshiyi pkahwajenotshi.

Makhimaktamka hepurtshini hinokajrewatnitka.

Waney-hima tsrujruni kashikano lewatnitnaka hepurtshiniko hinokajrewatnitnaka, seyni hima hi rupna. Waney-hima ruhrokayaktapawa rushotluna rasukatkana. Waney-hima hsatkapatkana pantshi-nwaka. Rapokhimatna runkaklewatna, wale prika himmaka hixo yine homkahitatkalu. Seyni himakta wenu hawakate hyatka tsru hiknaha hima ramha jixi pnaxyatka. Waney-hima yine satkapashatatka. Hike hima hiylatlu wane hima rixnina wutsrukatenni.



Desenho: Samuel Tshatshare em Silva Augusto Manchineri

Yawo-tna pirana nunkakletanu

Hita, Shipre, natjirni najirni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Desenho: Amauri Wrolo Humberto Sebastião Manchineri

Satu himni maklujni howukasha potuko ya yahkaljetni, wane himakni retlewaxyani yawo hitsrokakananu. Tsro hahmuna hima twa, wosunu tshinkaluro. Wala hima retnitka waneko hsatojyanitka pantshi-nwaka. Pantshi hima rapokni rali nikle himatnitka runkaklewatnitka:

- Mhuru, kluhonukta neta hoshaya.

- Hahanu rixa?

- Hihe yawo pixka rixa seyni tsrupotuklu, tsro hahmuna rawa teno, hita piklu.

Waney-hima satni jemamtni repomhani:

- Mhuru! Klura peta?

- Hihe klunerukta neta hoshaya? Yawo pixka rixa seyni himturni, jhamleru, hita piklu.

- Yetshikawlaxako pekhitapno hita, koskaka whentapanro yawokla ppikali.

Waney-hima wla htshinni haha, himturni. Seyni hima mapapka maklujine wanya hiyahomni pshinkaka repomhani:

- Hipshinitkani?

- Hi wikowani, wanestsipakni nunkajinyi.

Waney-hima hyatkana, wanestsi hima rapokatkana runkaklewatatka hetapatshri:

- Mhuru, hihowukatkani haha tojra tsro hahmuna rawa.

- Wuya hewipakhi xako.

Waney-hima hepi howukako hituka satupka himni wane yani, halikakhima hyanumamtnitka:

- Yawo pumka hohnejethe!

Katsalu hima twaleru hkowshikapni wane himako rushpajya rujruka yinerni ruylata. Waney-hima pimrine hasukatka pantshi-nwaka, pantshi hima rapokna repomhakna:

- Hanutkalu himotslu?

- Ha waleni yawo pixkaluto hiylalatka.

Waney-hima pimrinni wantshinni:

- Hayeri wuylatapero. Waney-hima hixo yine kashrewata hixo jripothimako hkamhana, wale prikhima hyatkana. Wane hima rapokna teno potu himakta tyatka.

Wane himamka runkajrewaxyanitkana:

- Tsu-slo, tsu-slo, tsu-slo,teknokashahimata ptowruko tastaka.

Hiyahoni hima kashri hapkaklo tastakashatlu, hixo pothimakmaka hinkajetlo seyni hima hi timata hipna. Waney-hima hnikawna kashre-tna hihima ruylatlona. Waney-hima hyatkana pantshi-nwaka. Hate xawakni hima, homha tshinkaluru raphate jiwuta rawawa hihima rupna.

Potkotkamro pirana

Hita, Shipre, natjirni najirni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Satu himni maklujni howukashpotuko ya, yahkaletni. Waney-hima wanekni retlewaxyani suxo hitsrokakananu rapha jiwutasha tukluhjeta. Wala hima retnitka waneko hsatojyanitka pantshi nwaka. Kayi pothimako pantshi rapokni. Waney-hima runkaklewatnitka, pimrinhimni wantshinni, yetshikawla pekhitapwu hixla hnunrotanro. Wale pritkhima wane hyatkana, wane hima rapokna tixannu hikluhle himakni.

- Waney-hima ksewnanurni, wla tshinni.

- Hitshi hitla pnuhixanro!

Waneya yhima pimrinni wantshinni wuya wetewa. Wanehima rapokni hikeyakhimako tixa. Waney-hima ptowruneko wanyatka, ha hapkata wane yaletatshri himni tsaprikatka. Wane hima htshinni:

- Hitayakapnitkala mhanunrotnino.

Waney-hima waleni waneyanatka hi tushotanatkalu wane himaka hsaplewjexyanatka.

- Tekaliri hyoprujje tskeri yehlewtapewa!

Seyni hima howukshine pnuko htshinnitka.

- Hyatjewxako hexinpatkalu xako tsruha rixinpatka waneya hkahwa kashakanatanutkano nusurokanutka. Waney-hima hsatokatkana pimrine pantshi hima rapokna runkaklewatna. Waleni klonero hitsrokakananukta kashitatka. Seyni wane htshina tsruhaklu hima hyanutka.

Waney-hima paksuru hiknohatka himolene himaxiktaplu repomha himajetluna.

- Hihe tushotanawayi?

- Hikewa seyni kamshirotkani.

Waney-hima hinatkani tsruneka pothimaklu rushinhatkatka pumlu hoho hima rimwa. Hnunromtatka hwuhenhima honha himpahamtatka. Waney-hima himolene hishinhatatkalu repomhahimatka:

- Palimtar?

- Hehetka.

- Hanu potukhe pyanutka?

- Tsru wenu mahlestsihpotuko nyanutka.

- Hyahimatatka hate xawakni hi hsatokatka.

Wane rixa piranata xye hinkaklu.

Desenho: Arnaldo Pita Sebastião Lauriano Manchineri

Hwatahwerni pirana

Hita, Shipre, natjirni najirni hinkakle nyonaxinri.
Hepixatshinni kasruklewaklerune.

Satu himni yinerni mapa whenni suxone. Waney-hima wane pji rapokni satni jejni, hepi hohne pkahima wane rapokniwa satoni mturni ranjitnitka.

Waney-hima tsruni heneklewatni wale prikhimako hosha raniknitkalo. Hmahle kastakle pothimako ranikniro. Waney-hima wane hyahkajexyani ptowruhimako rimapokni: hiyeka, kanalu, yoko, kshoteru, mxiri, jema, pamlo, hapro, mtshira, hate knoyane hixo rimapokjetni.

Seyni hima pokotshri rapokni ptowruhimako nikalu rawapleru hnikatni. Wale himakni hnikaxinnitka suxhimniko ruylata, wala himni koxa hnikatni. Rali wanhixle himamtnitka pantshi nwaka hsatoka tshiyahlekanatnitnaka rapokhimatni tsruni runkaka:

- Nyahkapaktawa tkayijrewatanatka!

Hihima hixo hohne wani, satniko ranjitnitnaka, wala himni wanekopixka rixa wane himako ranikanatnaklo ruylatapanatnaklo, hsatokhimatnitnaka. Pantshi hima rapokni waneko htshinnitnaka.

Waney-hima hepurtshini ranjitnitka. Wala himakni hiylatanatkalu, hosha himako raniklewatnitnaka pimronni ruylajexyawakako, hima rimapokniro waney-hima wla htshinni:

- Haha tojra hahmunasko xako hi pyanu, wanekni klunerukta pimolero nni kayijrewaxyana.

Waney-hima hosha hyanitka, wala himni pokotshriko hitukni. Wla hima t-tshinni:

- Hitshi netapewa kluhe kayijretjetanna ninkalonni, nupnini hike rixatka.

Waney-hima talimtni wane nwaka wane hima tapokni, tumtathani katpaliri kwana tomoleronni kayhimamta kakhima tetatka hiyrunu jiwutshitsa. Waney-hima tsatoknitka pokotshri hima tapokni, konapu himnitkalu teno tatskotnitka rapokhimatni. Wane hima htshinni:

- Hanhe tyatka! Ho tkawapa.

Wane hima rixawa koka hyijnakotnitka: NTO, NTO, NTO.

- Haha tokwalakta, kayitka seyni tutshimatawa.

Waney-hima hyinuwaka nikalni jimtsoletnitka knoyni mtshirni, pimrikaka. Hnikawna nikalhimatnitka hkaheknitka.

- Wane, poniknohe xawaka?

Waney-hima psoji rustakni, howukshini hima psojikotnaka waney-hima hyopkakhimatni.

- Ha hikta kamtuwano.

Psoji himako rustaknitka hi rumukata yopkakletanatka waney-hima:

- Hsaplewjetnitka. Hali tekaliri hanu koxawayhe, nnijnanatkawa pamhallewtapatjewa.

Waney-hima tuptekamtatka:

- Wuya namhalutanyi, peta hohne tanutka wane papko pupnanutka pixaktako nomoleronni hiylaka.

- Hitshi puylatanno nunkaklewayaka mtanunatshi, wuya punkaklewa!

- Petanu puylatanno seyni xako.

Pyoxikanno, wane poko ruptshejini hixo hitaklu. Nosme, jipalutanu. Nejha makna hixinwa. Nokano potshwaksuru hixinwa. Nixkapi hwata tseyopiro hixinwa. Noksuje jimeka hixinwa.

Wane hima rali tshinreshatanatka. Tuylatanatkalu seyni hima wanepotuko tixanru. Waney-hima tyatka pantshi-nwaka tapokhimata turune tunkaka. Waletshinanhima rawa walekaka hitaklu.

Desenho: Deusimar Kashi Brasil Augusto Manchineri

Origem das plantas comestíveis

O meu povo Manchineri não tem muito conhecimento de como surgiram os legumes. Segundo a história, desde antes existiam pessoas morando nesta terra. Dizem que tinha um homem muito trabalhador e bom de flecha. Também havia outra família que tinha quatro filhas solteiras. Um dia esse homem foi pedir a mão da filha mais velha ao pai e ele a entregou. Passaram apenas três dias, o homem levou a filha mais velha pro lugar onde morava. Aos três dias que estavam lá, o rapaz diz para a sua mulher que ia caçar.

O homem chegou com um monte de caças carregadas pelas costas e chamou a mulher para preparar a comida. Ele mandou assar tudo que tinha trazido e com poucas horas ela já tinha acabado tudo. Chamou a mulher dele e a matou e a comeu, deixando só a cabeça, que ele foi colocar embaixo de uma árvore de samaúma.

No dia seguinte, bem cedo, o rapaz foi atrás do seu sogro para avisá-lo que a moça tinha desaparecido no dia anterior, quando ele estava na mata. Faltando apenas meia hora para chegar à casa do sogro, começou a chorar bem forte para que o sogro não cismasse a morte da sua filha.

Uma das irmãs da finada ouviu um choro que vinha do rumo do caminho e avisou ao pai, que foi encontrá-lo. O rapaz contou para o sogro que a sua filha tinha desaparecido. "Ontem fui caçar e acho que a onça matou a minha mulher!" Ao receberem esta notícia, a família toda ficou muito entristecida.

Quando passou uns dias, o rapaz começou a namorar a segunda filha. Ele ficou na casa da família da mulher, ia caçar e trazia muitas caças para comer. Durante os dias que o rapaz estava com eles, comia bem pouquinho, foi por isso que ninguém percebeu como ele era. Daí, pediu a segunda filha em casamento e o pai aceitou novamente. Igualmente, passou poucos dias na casa do seu sogro, levou sua nova mulher para o mesmo lugar onde ele matou a primeira filha. Dizem que o sogro deu conselho para ele não a deixar sozinha, tudo foi combinado.

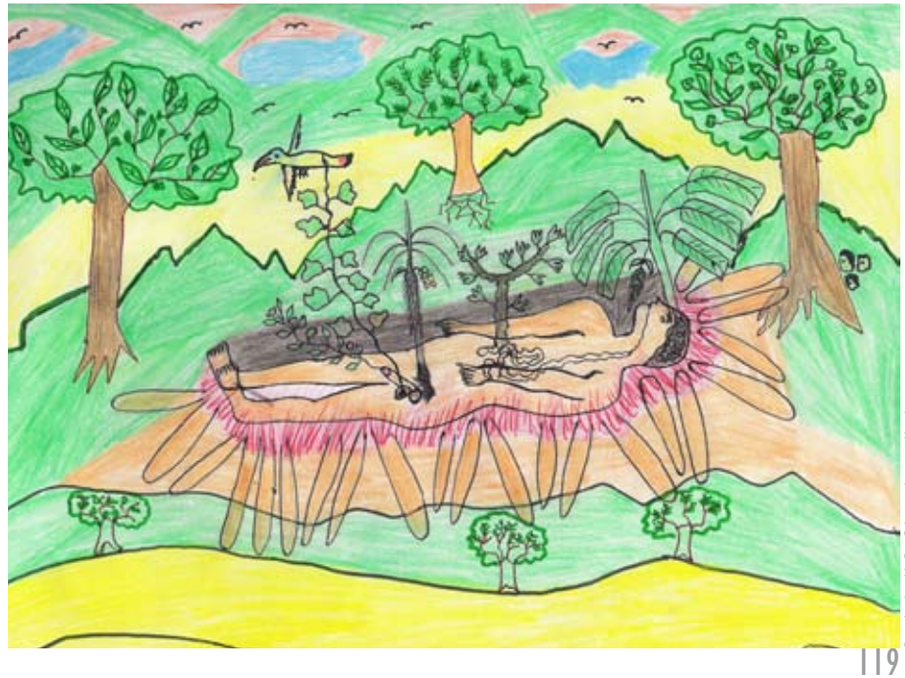
Chegaram lá e foi a mesma coisa, ele inventou de caçar e quando voltou, matou de novo a sua mulher. E a comeu.

Ele fez a mesma coisa, voltou para casa de seu sogro fazendo como aconteceu com a primeira e a segunda: ficou de novo uns dias namorou a terceira filha. Igualmente a levou e a matou como fez com as outras filhas. Voltou para a casa do sogro.

O velho ficou só com uma filha, que era a sua caçula. O homem namorou ela e a levou, como levou as outras. Só que esta era mais esperta. Quando ela chegou nesse lugar, ficou um pouco desconfiada. Antes de o homem ir caçar, falou para ela não sair de casa porque ali era um lugar onde suas irmãs desapareceram. Disse que tinha uma árvore de samaúma bem grande mais ou menos, a uma distância de 50 metros, que não era para a moça sair para nenhum lugar e nem se aproximar daquela árvore.

Quando passaram poucos minutos que ele sumiu, chegou a coragem da menina. Ela disse: "Por que será que ele me proibiu de sair para canto algum?" Levantou-se e foi embora espiar a árvore de samaúma. Quando foi mais para trás viu três cabeças podres com todo o cabelo. Daí ela voltou, quando chegou na barraca pensou muitas coisas. Quis fugir! Mas depois ela disse: "Não. Vou esperar até ele chegar!"

Ela subiu numa árvore que havia bem próximo da casa. Com pouco tempo o cara chegou carregado, trazendo todo tipo de bichos



Desenho: Arnaldo Pita Sebastião Lauriano Manchineri

da mata. Começou a chamá-la. Chamou, chamou e chamou até que ele cansou. Começou a preparar a boia. Foi assando e comendo, até que acabou tudo.

Então, começou a chamá-la novamente. Quando ela estava para responder. Ele falou: "Ah, você adivinhou que eu ia te matar e te comer?! Igualmente como fiz com tuas irmãs!" Ele não tinha mais nada de carne para comer. Dizem que ele pegou na sua barriga: "Aqui está ainda mole!" A mulher estava escutando tudo que ele falava. De repente o homem diz: "Será que a minha própria carne também é boa?" Pegou a faca e começou a cortar a carne de sua perna esquerda, botou fogo e comeu bem rapidinho. Continuou, cortou o outro lado da carne de sua perna e quando tentou caminhar, ele disse: "Ah! Ainda posso andar!" Daí cortou mais de sua carne, tentou andar e não podia mais ficar em pé. Quando a mulher viu que ele não podia mais andar, desceu da árvore e disse para ele: "Agora você me paga! Foi você mesmo que tinha matado as minhas irmãs". Naquela hora, quando viu a sua mulher, ele falou: "Oh, minha mulher! Tenha compaixão de mim. Já estou desse jeito, me ajude!"

A mulher foi buscar um maço de pilão e abarcou na cabeça dele e ele morreu. E foi embora para a casa de seus pais. Quando estava bem pertinho de chegar, começou a chorar de saudades das suas irmãs.

Quando os pais ouviram o choro de novo, disseram: "Agora estamos sem filha!" Quando apareceu a sua filha, perguntaram o que tinha acontecido com ela. Depois de poucos minutos, ela contou que tinha achado as cabeças das suas irmãs, que não foi a onça que as matou, era o marido mesmo que tinha comido as irmãs. Ela contou para os seus pais. O pai perguntou onde ele estava, e ela: "Eu já o deixei morto". O pai mandou os seus filhos, que eram casados e moravam em outro lugar, ver o homem. E aos três dias foram reparar e o corpo já estava inchado.

Começaram a enterrá-lo no seu terreiro. Três meses depois que aconteceu tudo isso, quando foram passando por esse mesmo lugar, viram na sepultura que tinha nascido algumas plantas: dos testículos nasceu o inhame; do dedo da mão nasceu cana; da barba nasceu murmuru; do dedo do pé nasceu pupunha; da tripa nasceu cipó e das outras partes do corpo brotaram muitos tipos de plantas comestíveis

e medicinais (remédios).

Esta é a história que o povo Manchineri conta de como surgiram alguns legumes e ervas da mata. A história termina aqui.

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

Origem de tecelagem

Agora vou contar um mito manchineri. Um dia um rapaz foi caçar e quando chegou a uma certa distância, viu uma aranha construindo a sua teia. O rapaz olhou e falou: "Se fosse uma pessoa, eu ia me casar com você!" Quando foi de noite, sentiu uma pessoa chegando nele, e perguntou: "Quem é você?" Ela respondeu: "Sou eu com quem você falou quando estava tecendo na minha casa". O homem chamou-a para dormirem juntos.

No dia seguinte, o rapaz se levantou bem cedo e ela não tinha se levantado até as nove horas da manhã. A sogra e as cunhadas começaram a conhecê-la. Toda vez quando o homem ia para caçar, ela também ia acompanhando o seu esposo. Quando já tiveram muito tempo juntos e a rede que eles tinham já estava para acabar, a sogra deu para a nora dois paneiros de algodão para fiar. A nora recebeu e o pendurou na cumeira da casa e nunca fiou. Vendo todas estas coisas, a mãe do rapaz mandou a a sua filha mais velha descer os paneiros, mas ela cortou o arreador e caiu no chão. Sem que elas soubessem que a nora estava dentro do paneiro confeccionando: roupas, capangas, tear, pano, rede e cusma para o seu esposo. Naquele mesmo instante, eles estavam juntos caçando e de lá mesmo a nora sentiu uma dor como se fosse de uma pancada e

Algodão no cesto/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

falou para o seu marido que não iria voltar mais para a casa, e que ia ficar na mata. Quando o rapaz chegou, a mãe perguntou: "Onde está a sua mulher?" ele disse que tinha ficado na mata. Aí, foram ver novamente as coisas da mulher e tudo tinha se transformado em algodão bruto sem nenhum feito. Se a sogra não tivesse mandado a sua filha ver as coisas da nora, até ela concluir tudo que ia fazer, dizem que o povo Manchineri não ia mais precisar fiar. Como foi antes da conclusão, as mulheres manchineri até agora fiam algodão para fazer confecções. Assim contavam os nossos antepassados.

Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

História do Tabuqueiro

Tabuqueiro era um caçador, e tinha sua mulher. Certo dia, falou para ela: "Faz beiju de milho para nosso rancho!" A mulher fez muito beiju e quando terminou de fazer tudo, eles cuidaram para de ir embora dormir.

Quando chegaram aqo mato, o Tabuqueiro falou logo para sua mulher: "Vamos ficar aqui mesmo". Dizem que ele fez papiri. A mulher foi junto para caçar e encontraram um bando de macaco preto, ou macaco prego. Então, foi só o Tabuqueiro apontar a flecha que caiu no chão muito macaco, muito mesmo.

Quando chegaram ao papiri ele mandou fazer fogo pra sua mulher. Ele mesmo pegou e pelou o macaco preto todinho. Depois, cortou em pedacinhos e o comeu cru, sem assar e nem cozinhar. Comeu com beiju. A mulher dele comeu um pouquinho. Mas a barriga do Tabuqueiro não encheu e ele comeu a mulher também, ficando apenas com o cabelo e o vestido dela. Depois disso, foi para casa do pai da mulher. Chegou lá chorando e o pai da mulher perguntou: "Cadê minha filha?" O Tabuqueiro respondeu: "A onça comeu ela". Como tinham outras mulheres, irmãs da mulher que ele comeu, o Tabuqueiro se juntou com outra de novo.

João Popi Sebastião Manchineri

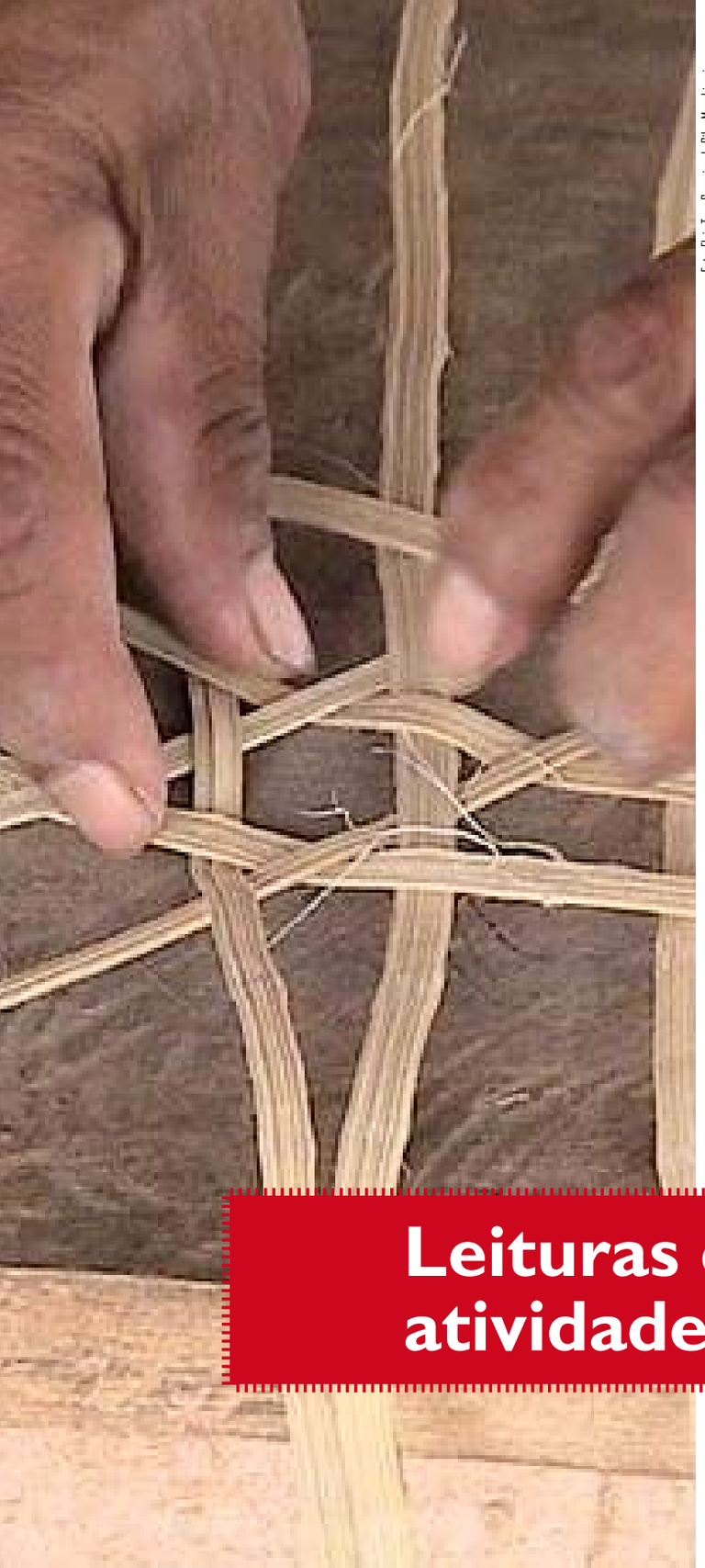


Foto: Elcio Toya Severino da Silva Manchineri

Leituras e atividades

Yikaklu pirana

Yikaklu na aldeia Extrema/Foto: Acervo CPI-AC

Yikaklu, wane himlu satu kosekatshri. Mitshikananu hosha rolotewtapyana ptowruneko tsrune maklujine satkaka waleko hkashre hanika hiyrunu tsrunni hapka-kaka yahlu hima teno hjijrujyalu kamejiru ho kakanolu, hate tshiji yapatshri jema ho kshoteru. Waneyhimatkani serewalu tshinkaluru rajpokamtatkana. Phamluta rixa yopyoklemtatkana suxone; hanuru himaktako tyoptota holotewtapatshri; wane himlo sato suxo kosekatshro. Wane-yhima hoyetshnotkani rapnokawanitkana. Tukyetshno hihyokamlejita rixhimatnina.

Puhitanru hepomhalkaka.

1) Klunernihe yikaklu pixaho?

_____

_____

2) Kluhapkahe hkamhana mitshirananu?

_____

_____

3) Katu pejnuhe hoshaya?

_____

_____

4) Klu pejnuhe runkapna hoshaya?

_____

_____

5) Kluhe rajpokna rapokamixnitkana?

_____

_____

6) Kluhe rimajpoklona serewalu?

_____

_____

7) Kluhe runka nikaltapyana?

_____

_____

8) Mitshikawnirhe tsrunni hapkakapa ho hihe?

_____

_____

9) Waleko hhanunrolhe yopto nikaletlu jeji?

_____

_____

10) Xawakni pixkoxa serewalu mayawle kamhanu?

_____

_____

11) Psahrukokanru hejnune hiwakkaka yonawahlo hwatshri.

K	A	M	E	J	I	R	U	Y	M	W	U	O
A	P	K	J	E	M	T	H	S	N	A	R	L
K	P	T	E	M	A	P	E	R	U	X	O	S
A	A	E	X	A	T	J	T	P	X	T	A	H
N	W	O	R	S	X	S	S	O	K	W	J	I
O	J	K	A	K	A	P	T	U	W	H	J	K
L	T	W	O	N	W	E	W	K	A	W	E	A
U	P	X	X	J	X	T	O	S	R	X	R	N
K	S	H	O	T	E	R	U	H	J	N	J	E
T	H	P	O	O	A	W	H	I	O	R	N	P
T	I	J	M	T	X	L	J	K	P	X	O	P
A	M	W	O	U	K	A	T	A	L	O	L	T
R	A	J	Y	M	K	A	M	E	J	I	L	W
T	A	X	J	T	E	O	H	J	U	N	J	E
U	I	S	I	A	M	A	P	E	X	T	T	X
W	T	H	E	O	N	A	A	M	W	O	O	A

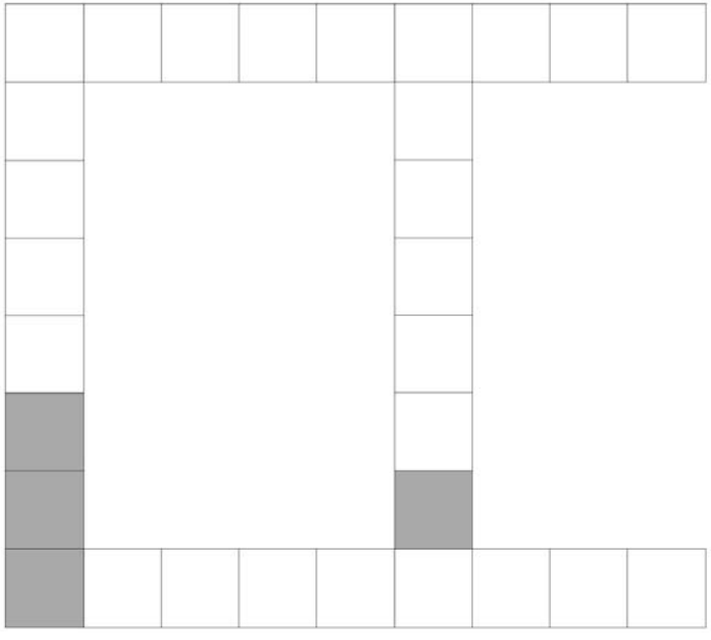
12) Konhatshri tokantshi pyonatanu xye swa hiyrunu yopkakatshri.

a) Hipapkohe rapnokawatna?

b) Hanherixa yopyokletna suxone?

c) Kathe yoptotna jejine?

d) Hanhe rapkapna jejine?



Jijiya pirana

Desenho: Jaime Ululu Sebastião Prischico Manchineri

Satu himni maklujni hehnunrowluni hosha yani. Waney-hima peji hwatshro rukshikni hiyahni hhanunro runkakkaynotni. Hithonra peji hikshika, yetshikawa njixtapanro. Waney-hima hhanunroni hapakni, wanestsi rapoknitka koshitshi yanumatatka konshe, nshe, nshe. Waney-hima hhanunroni wla htshinni, kaskolutshi pyanu, nutpehitanyixako. Wale hima tjema suxoni kajnakniro wanetyani.

Puhitanru hepomhalkaka pyonjereromtaya

1) Kluhe rukshikni maklujni hoshaya?

_____

_____

2) Kathe runkakni rapojinni?

_____

_____

3) Hanhe htshinniro hhanunroni?

_____

_____

4) Klunerhe hjemnina pejistsi rapojinnina?

_____

_____

5) Katu tsonhe hapakni?

_____

_____

6) Ppoyahkakanru tokantshi mahatatshri?

peji	hahamta	shiji
kotshi	hhanunro	koshitshi

a. Makluji hikshiklo _____

b. _____ hjemni maklujni.

c. _____ tsonni hapakni.

Romkahita wale psojiteko jijiya pirana

Hiyahoni wane rapokashatna koshitshi himepetatnaka, konshi, nshe, nshe, pakatapka himmaka hyanumatawa wla t-tshinnitkalu haha wyanutka. Seyni hima pnuko htshinni, hike twupka njijrukamtanutka. Wane hima rixawa mapa kata rixinri hyanumatatka koshitshi. Konshe nshe nshe hiyahoni suxoni himathojrewatnitka, walepni waneko rapyehixinitka pahixanu. Tali wane tshinreshata tyijnakotatkalu tokantshi wla tshinatshri: He kayowlu. Kluhe pkamha-jeta waneya?

Desenho: Jaime Ululu Sebastião Prischico Manchineri

1) Kluhe himathojretlo suxoni thanurni tanijinimkatka?

_____

_____

2) Hipejnu kathe hyanumata koshitshi?

_____

_____

3) Kluhe tjemni tapojinripapko?

_____

_____

4) Hanu tshinatshri tokantshihe tjemni suxoni?

_____

_____

5) Hipejnu tsonhe raluka jijruklemtnitka jejni?

_____

_____

Romkahita mapa rixinri psojite jijiya pirana

Yehekaka nyahota mayxakleteyi kayowlu. Htshinhimatnixkalu Thanurni. Waney-himmaka toskita hmanako hyanitka seyni hima waneko hyotlakajrikakamtlu kashri. Waney-hima rujrukanatka waleni nwaka himni hyanixka. Retanru rutsolhiwatnitka, he-he-he maklujikanannikta mashko pijerni kanajeyhiji, whenekananno htsinnitka. Waney-hima rali wane tshinretnitka hitsapiji hyoshmaka nojimtanatkalu maklujni. Waney-hetko himmaka rimathojrewatni, hya, hya, hya ruprotakni hya, hya, hya ruprotokni. Wane rixlekananhimako rimxikamtnitka.

Desenho: Jaime Lulilu Sebastião Prischicco Manchineri

Puhitanru hepomkalkaka pyonjereromtaya:

1) Hanhe rawakanatni maklujni?

_____

_____

2) Hanhe rixa hanikletanru maklujni?

_____

_____

3) Kluhe hiklukanru maklujni?

_____

_____

4) Hanhe htsina jijiya maklujni runjinitka?

_____

_____

5) Katu hetapji tapniri jijiyni?

_____

_____

6) Klu tshinanhe reknojtamtni jijiyni?

_____

_____

7) Hanhe htshina hitsolhuwletni jijiyni?

_____

_____

Romkahita jepireru rixinri psojite jijiya pirana

Seyni hima wla t-tshinnitka. Xawakni koxa tukamnu hi hasruhanutka, nomkahitanunru hate rawyawaka nexyawakapa. Seyni himmaka popiklerniko wanyamtni, tumukata yijnaklexyawakaplu htokanu. Wanestsi hima tapokni jijiya hnunroni wla t-tshinnika:

- Ya! Klu koxhe jiklukanurni pimwapatnaka waney-hima ruhitnitka:

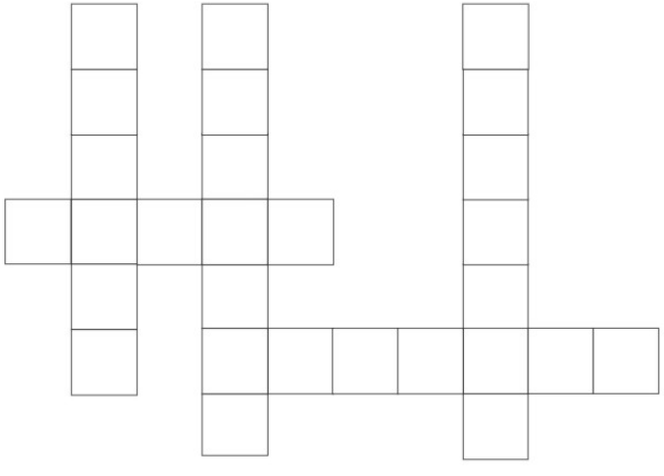
- Hita hike himukata hi prahloko hi katshinoluko. Hi kashriko satupkalu npikanru kapxaluru ho hiyliruru walepka himukatno

Puhlepokotanru xyekaka tokantshi:

1) Hinkanru hwatshrini Jijiya maklujni peji-plu.
2) Homkahi yehitanru thanurni Suxo.
3) Himuta yhijita maklujni Jijiya.
4) Yohimatlu kaskolu Suxo.
5) Runkakni rapojinni hhanunro Jijiya.
6) Rukshikni hyinni hosha Makluji peji.

Konhatshri tokantshi poyahkakanu hiyrunu yopkakatshri.

1) Hanu hixa manetatshrinhe jijiya?
2) Hipshinhe tutuka suxoni?
3) Hanu koxhe pokteylu jijiya?
4) Kathe yinerni stsi hapoka?
5) Hipshinhe tutukni maklujni hnunroni?



6) Pukshikanru hiwaktshikaka.

O	V	K	Y	W	A	K	A	W	L	E	P	I	T
W	T	A	J	A	L	R	T	K	A	W	E	J	T
X	A	W	A	K	N	I	O	H	S	P	M	W	O
A	P	P	J	A	K	R	L	H	S	K	U	O	M
N	A	T	M	N	H	S	H	I	W	A	T	U	T
U	E	Y	W	A	H	Y	S	U	S	K	I	W	O
I	E	R	K	W	J	W	H	K	X	L	H	L	T
K	A	P	J	A	H	J	I	J	I	Y	A	A	U
O	P	P	E	S	K	W	K	X	H	U	L	J	K
Y	N	O	K	A	N	O	E	T	K	W	R	I	E

Romkahita pamyo rixinri psojite jijiya pirana

Wale hima tali jemletnitka ruyla hnurnerni tyanitka. Waney-hima pantshi tapokni tunkaklewatnitka, haha netapji tapanatkalu nwaskolerni hiylatatshri. Halikakhima hike himukatlu satupka hima himukatlu hiyluriru, hiyrunu kapxaluru. Wale tsonu hima hiylatlu. Seyni hima satuko hike himukaxyalu, wale himhima tali jemlemxinitka tsatkapnitka pantshi nwaka. Hiyahoni hima tapojinnitka hixolune tunkaknitka. Haha netapjitpatkalu seyni wane htshina hike hima himukatlu satupka hima himukatlu hiyluriru, hiyrunu kapxaluru. Hixolune yinuwaka hijhaletatkalu mhipto, kolha sahi hixpotuko. Waney-hima hankaji mhale rixinritka wane hyatkana, tsrune, tsrone, mturune, hiyrunu mturone. Ralli hamnuxinitka rapyehitanatkaluna jijiyni, wane hyatkana hiphapto hapka ratatna hiyahni hima ralli merokanatatka ruyoknimkatka htsunje pawa yehhimaxnanwa seyni hima walekni hjiheka meroyehi-xnanwa.

Desenho: Jaime Llullu Sebastião Prischico Manchineri

1) Klu pejnuhe hkamhana rumukata hiylalexyawakanruna jijiyni?

2) Hanhe petamxyalu kasahiri yokletatshri tokantshi?

3) Xawakni pyonatanru pamyo tokantshi sahi yokletatshiri.

4) Putakanru X xyekaka hiwaka pkahwajyawaka:

( )

( )

( )

Romkahita patsrujire rixinri psojite jijiya pirana

Waneya koka yinuwaka yopnaletlo hahmuna hate rihmiklo. Waney-hima hyinuwaka hishpakletatkana pahixanune. Mitshikananu hispakatshrini hakapla, wanestsi pimrinkaka ha hapkatatatshro himakatkani mtshira. Wale tshinanhimakni walani ksajpotunako hiyrunu t-tsaploni. Waney-hima hsatokatkana yine hipjina nwaka. Ha ha wane htshina xye jijiya pirana.

1)Hanurhe pahixanu yopnayehitna pimrine rumukata hishpaklexyawakna?

2) Katu hapkahe hishpakamta?

3) Kathe hapkata hishpakleta?

4) Hanhe hyatkana yine ralixinitkana?

Costumes/Foto: Acervo FEM

Posfácio

A finalização deste livro foi realizada em setembro de 2009, durante a oficina "Tradição no Presente: História Oral nas Aldeias Manchineri", que estava sob a responsabilidade da antropóloga-socióloga Pirjo Kristiina Virtanen - da Universidade de Helsinque/Finlândia, que há vários anos realiza trabalhos junto aos Manchineri - e da lingüista Edineide Santos da Silva- que por meio do Laboratório de Línguas Indígenas da UNB desenvolve um trabalho de pesquisa lingüística em parceria com a Comissão Pró-Índio do Acre. A oficina ocorreu na cidade de Assis Brasil, na qual estavam presentes professores da Terra Indígena Mamoadate, do mais antigo ao mais jovem, sem contar os colaboradores e os narradores das histórias vivenciadas e historias de antigamente, que muito contribuíram para a concretização do livro.

Parte dos textos é resultado de trabalhos realizados ao longo de mais de 10 anos nos cursos de formação de professores indígenas, por meio do projeto "Uma Experiência de Autoria dos Índios do Acre", da CPI-AC, no qual se faziam presente os professores Jaime Llullu, Antônio Ksajiru, Lucas Pohto e José Tsutso Samarrã. Segundo Jaime: "Nós nos sentíamos muito isolados, porque víamos que os outros professores eram mais que a gente e pensávamos que não iríamos conseguir. Agora, o meu povo está melhor representado, temos mais professores e muitos estão participando. Fico muito contente em ver este livro acontecendo".

Além destes textos e das músicas, produzidos pelos professores manchineri desde os anos 1990, foram acrescidos outros materiais, como a história do Tslatu e os textos produzidos na "Primeira Oficina de Material Didático nas Aldeias Manxineru", em setembro de 2008, na Terra Indígena Mamoadate, Aldeia Extrema - sob acompanhamento da professora Edineide. Na ofincia de 2008 foram discutidas e elaboradas mais de 50 questões de interpretação textual em língua manchineri. Esta oficina teve a participação de aproximadamente 12 professores. Somaram-se a eles os interessados em colaborar com o trabalho. Juntos, com muita reflexão, mais uma vez estavam decidindo

como gostariam que fossem escritos estes textos. Ao mesmo tempo, "estamos refletindo sobre a escrita Manxineru", como disseram os professores.

Durante o trabalho final deste livro, os próprios Manchineri puderam se reunir em um número bastante significativo e discutir tais reflexões, processo que vem sendo desenvolvido pelos professores através do projeto de políticas lingüísticas da CPI/AC. Por exemplo, em vez de chima 'peixe' decidiram escrever shima, pois "ch" é influência de outras línguas, afirmam os Manchineri. Recuperaram outras palavras em língua manchineri para as que já estavam sendo substituídas por outras da língua portuguesa. Com isso, percebemos que o fortalecimento da língua escrita tem sido também uma contribuição importante desta publicação.

Por outro lado, este trabalho abre a porta para a história viva dos Manchineri. Mostra o valor da história oral e do conhecimento que permanece em vários processos cotidianos da cultura e dos costumes refletidos no jeito de ser; na alimentação, nas músicas, na medicina, nos mitos, nas regras do povo Manchineri, etc.

No projeto de educação da CPI/AC, a "pesquisa indígena", na proposta curricular, "é um espaço de interação entre as diversas áreas curriculares do conhecimento e um facilitador na capacitação dos professores indígenas". Esta área foi iniciada através da sistematização do conhecimento produzido nas várias etapas de formação dos professores ao longo do curso de magistério indígena.

Através deste projeto, nos cursos de formação da CPI foram distribuídos cadernos para as pesquisas, que deu nome à série "cadernos de pesquisa", onde os professores passaram a registrar os estudos realizados nas aldeias. A proposta era de que cada professor elaborasse um roteiro preliminar de pesquisa de acordo com a seguinte orientação: tema, objetivo, justificativa, metodologia, cronograma e resultados. Se, por um lado, no início alguns professores já se concentravam em um único assunto, outros tiveram maior dificuldade na escolha e delimitação de um tema de pesquisa e seus primeiros cadernos traziam informações variadas e incompletas. Nesses casos, foi ao longo do percurso de trabalho, entre idas e vindas da aldeia para o curso, que os temas de pesquisa foram sendo definidos: processos históricos, medicina natural, musicalidade, festas e rituais tradicionais. Além das informações mais diretamente relacionadas aos temas de pesquisa de cada professor, os cadernos de pesquisas trazem relatos sobre a história de vida de seu autor.

Com o passar dos anos, o amadurecimento das reflexões somadas à melhor instrumentalização dos professores para pesquisa, gerou um aumento no número de projetos de pesquisa e de registros histórico-culturais. Foi a partir daí que começou a se discutir questões de cunho mais epistemológico levantadas pelos professores-pesquisadores, tais como: Para que serve a pesquisa? O que registrar? Para que registrar? É necessário registrar todos os conhecimentos? De que maneira a escrita pode ajudar no fortalecimento cultural? A oralidade vem dando conta da preservação dos conhecimentos? Esses questionamentos desembocaram nas reflexões sobre a situação cultural e lingüística em que cada comunidade ou povo se encontra, gerando ricas discussões.

No ano de 2006 foram publicados os primeiros volumes da série Cadernos de Pesquisa, que se propõe a divulgar práticas de registro, sistematização e reflexão desenvolvidas nas pesquisas de cada professor indígena. Elas nasceram como projetos individuais de um professor, mas aos poucos passaram a incorporar material de pesquisa de outros professores – ou produzidos em oficinas realizadas nas aldeias. Também incorporaram dados de documentos oficiais, crônicas de viajantes e notícias de jornais, tornando-se, portanto, projetos coletivos de pesquisas e organização.

Foi nesta perspectiva que a Oficina "Tradição no Presente: História Oral nas Aldeias Manchineri" (2009) teve como objetivo trabalhar, também, mais sobre os textos já elaborados, produzir outros textos e fazer as ilustrações para compor este livro que será utilizado

Oficina 2009/Foto: Pirjo Kristiina Virtanen

nas escolas das aldeias. Para nós, as histórias apresentadas nesse livro não são as únicas versões ou que estejam "completas". Para este livro, os professores manchineri conversaram com várias pessoas e discutiram sobre as variações que existem entre eles, uma característica do processo dinâmico da oralidade. É para ficar lembrando que a história oral é contada através da personalidade de cada pessoa e pela experiência da história vivida por cada um.

O processo de digitalização dos textos foi realizado pelos próprios escritores e pesquisadores manchineri, sob o acompanhamento dos responsáveis pela edição e organização do livro, que criaram as condições para disponibilizar o uso e a aprendizagem de computadores para a transcrição de depoimentos, registros e edição dos textos. Nesse momento, os participantes da oficina também aprenderam a dominar o uso de máquinas fotográficas e gravadores digitais.

Nos últimos anos, através de programas do Governo Federal e de agencias internacionais que apóiam projetos para os povos indígenas, se tem aberto a oportunidade para o uso e apropriação de novas tecnologias para os registros de manifestações culturais que têm como objetivo a revitalização e fortalecimento dos conhecimentos indígenas.

Os participantes ficaram extremamente envolvidos no projeto do livro e valorizaram muito o trabalho realizado em colaboração. Segundo eles, quando tem mais Manchineri juntos para ver o trabalho a ser escrito, a história e a língua própria ficam "mais no jeito". A história oral deles vai sempre ficar contada e muito viva, e o mais importante é que agora os alunos da comunidade têm o livro que promove a aprendizagem de história, leitura e escrita manchineri, pois o conteúdo deste livro fala de aspectos da vida que eles estão familiarizados por meio dos conhecimentos passados de pai para filho e pela memória dos mais velhos.

Este tipo de trabalho sempre precisa de muitos colaboradores e patrocinadores. Nossos agradecimentos a todos que contribuiram para a realização desta obra.

Maria Luiza P. Ochoa,
Pirjo Kristiina Virtanen e
Edineide dos Santos Silva

Tsrunni Manxinerune Hinkakle Pirana

História dos Antigos Manchineri

APOIO INSTITUICIONAL
Rainforest Foundation

PATROCÍNIO
Fundação Tókio/Fundo Sasakawa de Bolsas para Líderes Jovens (SYLFF)

REALIZAÇÃO
Organização do Povo Indígena Manchineri do Rio Iaco – MAPKAHA

Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/Acre